TRADUCÇÃO LIVRE
OU
IMITAÇÃO DAS GEORGICAS
DE
VIRGILIO.

TRADUÇÃO LIVRE
OU
IMITAÇÃO DAS GEORGICAS
DE
VIRGILIO

Em verso solto,

E outras mais Composições Poeticas.

Offerecidas

AO ILL.^mo^, E EX.^mo^ SENHOR

JOSE' DE SEABRA DA SILVA,

Ministro Secretario de Estado dos Negocios do Reino. &c. &c. &c.

POR

ANTONIO JOSE' OZORIO DE PINA LEITÃO.

Juiz de Fóra d' Alfandega da Fé.

LISBOA:

NA TYPOGRAFIA NUNESIANA.

Anno 1794.

Com Licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Nec Verbum Verbo curabis redere fidus Interpres.

Horat. Epist. de Arte Poetic.

Ill.mo, E Ex.mo Senhor.

Eu não devia procurar outro Nome, que não fosse o de V. Excellencia, para servir de seguro abrigo á pequena Obra de huma traducção, ou verdadeiramente imitação do Poe-

Poema das Georgicas de Virgilio, que tenho a honra de offerecer a V. Excellencia. Todo o Mundo conhece a affabilidade, e benigno acolhimento, que as Letras, e conhecimentos interessantes á Humanidade encontrárão sempre na respeitavel Pessoa de V. Excellencia. A todos são bem notorios os grandes, e abalizados Talentos, com que V. Excellencia soube sempre destinguir a brilhante carreira da sua vida: e talvez ninguem ignore os favores, e as honras de que sou devedor á generosidade de V. Excellencia. Logo não devião os meus Escriptos buscar os auspicios de outro Mecenas.

Digne-se pois V. Excellencia acceitar esta limitada offerta do meu sincero reconhecimento. Não tem merecimentos; naõ tem valor algum; eu bem

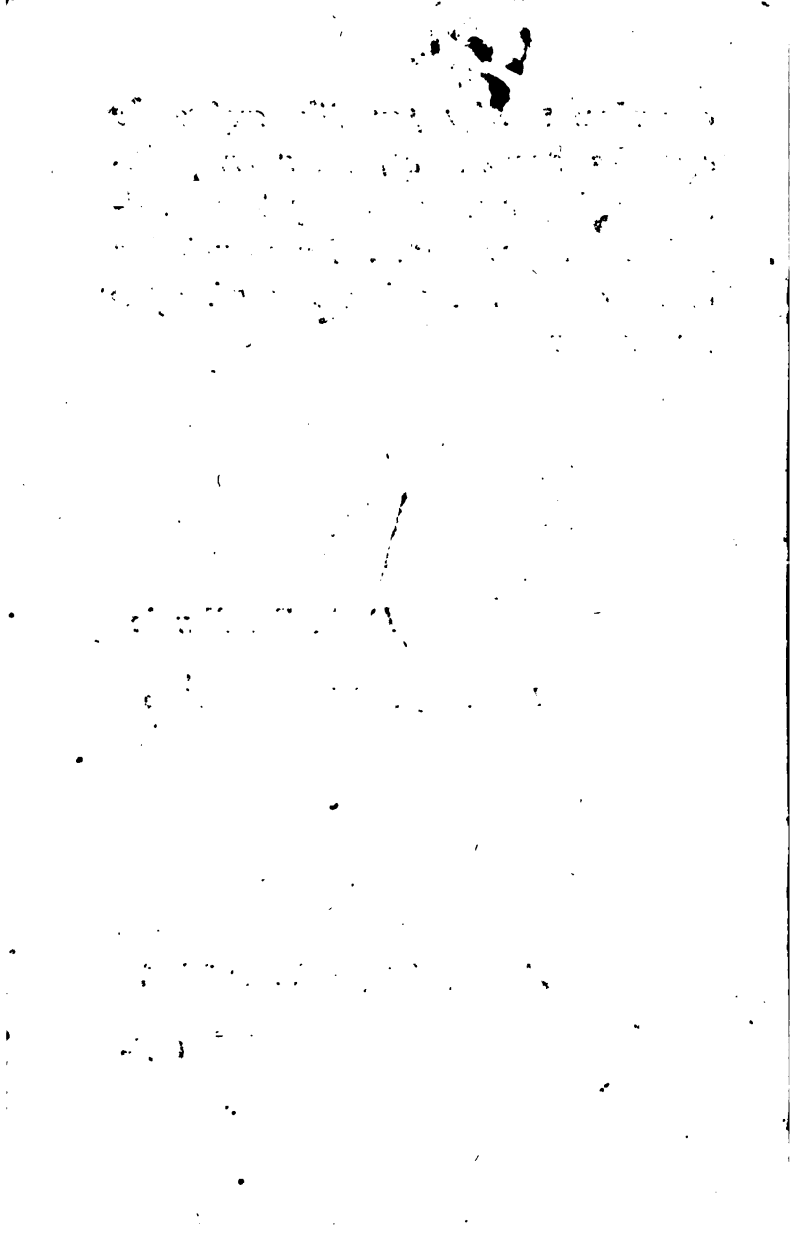
o

o conheço: Mas por isso mesmo he que ella necessita apparecer em público munida com a protecçaõ do respeitavel Nome de V. Excellencia, a quem os Ceos continuem a vida por longos annos.

De V. Excellencia

Reverente, e obrigadissimo Criado

Antonio José Ozorio de Pina Leitaõ.

GE-

GEORGICAS
DE
VIRGILIO.

LIVRO I.

VOU as messes cantar, ó meu Mecenas;
Direi tambem debaixo de que estrella
Convenha lacerar da terra o Seio;
Como a vide se abraça ao alto Olmeiro;
Que diaria attenção de nós merecem
Os rebanhos, e os bois; e qual a industria
Que se admira nas próvidas abelhas.
 Vós, ó Astros maiores, cujos raios,
Do tempo as Estações reproduzindo,
De prazer os mortaes benignos enchem;
Deos de Thebás (1); e tu fecunda Ceres, (2)
Se he verdade que os homens ensinastes

Por

Por doce pão trocar a rude glande,
E das fontes ás ondas cryſtalinas
Da parreira juntar o grato çumo:
E vós, Faunos, (3) vós, Driades formoſas, (4)
Com preſteza correi, pois canto agora,
Quanto os homens a voſſo auxilio devem.
Vem tu, do mar terrifica Deidade, (5)
Tu, que aos golpes do horrido Tridente
Das entranhas da terra comprimida
Hum ginete fugáz ſaltar fizeſte:
Vem tambem, Arîſtêo, (6) d'alegres boſques
Famoſo habitador, a quem de Cêa
As relvoſas Campinas apaſcentão
Trezentos touros, mais que a neve claros:
Teus ſoccorros, ó Pan, (7) paſtor d' ovelhas,
Se de Arcadia te agradão inda os bosques,
Favoravel concede; a ti, Minerva, (8)
Da Oliveira inventora; a ti, Oſiris, (9)
Protector da charrua; a ti, Silvano, (10)
Em cuja mão viçoſo ſempre vemos
Com raizes hum funebre Cypreſte;
A vós, Deoſas, e Deoſes em fim todos,
Aos quaes coube por ſorte das Campinas

Aos

Aos fructos presidir, fazer fecundas
As novas sementeiras, e sobre ellas
Dos Ceos soltar beneficos chuveiros,
Harmonia ao meu novo canto imploro.
E tu, Cesar invicto, a quem os Deoses
Nobre emprego nos altos Ceos preparão,
Ou tu queiras, cingida a frente augusta
De myrtos maternaes, no terreo globo
Magestoso exercer potente imperio,
Aos campos presidir, e aos teus arbitrios
Das varias Estações reger o curso;
Ou dos mares ao rico Sceptro aspires,
Sendo o Numen que os naufragos pilotos
Reconheção no horror das tempestades;
Vejas teu nome até da fria Thule (11)
A's mais distantes praias invocado;
Todo o imperio das ondas sacrifique
Só por ver-te seu genro, a verde Tethys; (12)
Ou nova estrella queiras com teus fogos
As luzes augmentar do firmamento,
Colocando-te a par, ou entre os braços
Desses signos brilhantes Libra, e Virgo,
Que já dos Ceos te offerecem longo espaço:

Qual-

Qualquer em fim que o teu destino seja
Na terra, ou no Ceo (pois eu não creio
Que, sensivel á horrida cubiça
De dar as Leis da Morte nos dominios,
Do terrivel Plutão (13) o throno invejes,
A pezar do que a sábia Grecia conta
Desses campos, (14) por quem da Mãi os rogos
A Rainha (15) despreza dos Infernos,)
Prospéra meus designios; não me deixes
Em carreira tão árdua, e tão defficil:
Vem, ó Cesar, comigo aos Camponezes
Da lavoura ensinar as uteis regras,
E vai-te já de longe acostumando
Aos votos dos mortaes, e aos sacrificios.
Quando as neves na doce Primavera
Derretidas dos altos montes correm;
Des que os sopros dos Zefiros benignos
A dureza dos campos docificão;
Logo ao jugo ligado o touro gema;
Logo no rêgo dispa a vil ferrugem
Do curvo arado o ferro comprimido.
Se desejas teus votos ver completos,
E se queres que os Cávidos celeiros

Mal

Mal poſsão alojar dos grãos o pezo,
Duas vezes do Eſtio aó Sol, e duas
Do Inverno ao frio expõſto o campo eſteja.
Já mais da terra, que inda não conheces,
Indiſcreto raſgar o ſeio tentes:
Da Campina ſondar primeiro deves,
Qual ſeja a natureza, qual o Clima;
A qual dos ventos mais expoſta fique;
Com que eſpecie de culto mais ſe aventa;
Com que fructos atteſta o ſabio velho
Ao bom cultor ſe moſtra agradecida.
Aqui Céres ſeus dons alegre oſtenta,
Alem melhor o Sol os cachos doira;
Da planta aqui pender os pomos vemos,
Sem culto além verdeja a freſca relva,
Quem mais ſeus vales moſtra perfumados
De odoroſo açafrão, q̃ o verde Thmólo? (16)
De ſeus boſques o bom marfim nos manda
Eſſe paiz, que vê do Indo as aguas;
Seus incenſos Arabia, ſeus caſtores
Da fria Ponto os mares regelados;
Os Chalybes (17) ſeu ferro; e tu, Epiro,
Em teus prados as agoas não ſuſtentas

Que

Que nos jogos da Achaia as palmas ganhão?
Taes são as Leis, que impôz a Natureza,
Quando Deucalião, (18) das ondas ſalvo,
De incultos homens, filhos dos penhaſcos,
Tornára a povoar o exhauſto mundo.
  Attenta pois da terra a natureza,
Logo que raie a bella Primavera,
Se fertil he, teu campo os touros raſguem;
Com ſeus fogos o Eſtio pulvoroſo,
Sobre o rego os terrões peſados coza:
Mas ſe leve o terrêno conſideras,
Tão ſómente no Outono o apalpe o ferro:
Verás como no fertil chão as meſſes,
Limpas de hervagem, creſcem mais viçoſas;
Verás como no leve ficão reſtos
Dos eſcaſſos humores, que embebia.
  Das Campinas tirado tens os fructos?
Por hum anno ocioſo o Campo deixa.
Sim, do trigo lhe lança as louras meſſes,
Se são lentilhas, garrulos tremoços,
Ou legumes os fructos recolhidos.
Já mais da avêa, linho, e dormideira
As ſementes fataes cruel lhe entregues,

Se

Se teu campo abrasado ver não queres:
Todavia nem sempre a terra estranha
Destes grãos a malefica seára,
Se no adubio de hum campo, já mirrado,
E sem vigor, não fores avarento;
De sementes tambem esta mudança
Ao chão cansado serve de repouso:
Mas inculto ficando hum anno inteiro,
Com usura depois o culto paga.

Muitas vezes do fogo ao duro estrago
Condemnar aproveita o campo estéril;
Aproveita que em brandas cinzas tornem
O secco pasto as chammas crepitantes:
Seja que a terra destas quentes cinzas
Novas forças receba, e novo alento;
Seja que agil o fogo a purifique,
Fazendo evaporar o humor nocivo;
Seja que esse calor franquêe os póros,
Por onde ás messes sobe o almo succo;
Ou seja que, astringindo as lassas vêas,
Do campo o lastro torne impenetravel
A fria chuva, aos rapidos calores
Do flamifero Cão, (19) que tudo abraza,

E aos assaltos cruéis do infesto Boreas.
Quem duvída, que Céres, lá do Olympo,
Os trabalhos benefica abençôa,
Do feliz Camponez, que em pó resolve,
Dos inuteis terrões a massa enorme?
Que, desta Deosa aos mimos aspirando,
Incançavel da terra a face rompe?
Sereno inverno, humidos Estios
Aos Deoses supplicai, ó Camponezes:
Não ha valor, que pague os beneficios,
Que ás messes fazem aridos invernos:
Então sim com razão se vanglorêa
De frugifera Mysia; (20) alegre o Ida (21)
De seus trigos admira a perspectiva.
Que premios esperar dos Ceos não podes,
Se, as sementes á terra entregues tendo,
Por teus Campos passeas incansavel,
Já aplanando da inerte arêa os montes,
E já encanando de agoas fugitivas
De rego em rego liquidos ribeiros?
Se vês que o Sol as tenras messes mirrá;
Do proclive de hum aspero Cabeço
Vai logo derivar fugaz arrojo;

Hum regato deriva, que ligeiro,
Murmurando por entre os alvos seixos,
A vida leve ás hervas moribundas.
Vês acaso, que as messes de viçosas
No seu principio sobre os regos pulão,
E receas, que as tenras hastias venhão
Hum dia a sucumbir da espiga ao pezo?
Seu luxo entrega aos ávidos rebanhos.
Encontraste nos teus vistosos Campos
Immundos charcos d'agoas estagnadas,
Sobre tudo se algum soberbo rio,
De seu leito sahindo, cobre os Valles
Desse limo fatal ás novas plantas?
Abre canaes; os torpes lagos sangra;
De todo se deseque o humor nocivo.
Que aproveitão porém tantos trabalhos!
A pezar do rigor, que os bois sofrerão,
Que accidentes crueis temer não deves?
Nessas aves (22) de Thracia, nessas plantas,
Que ao longe espalhão pessimas raizes,
E na sombra dos bosques outros tantos
Inimigos temer das messes podes.
A ti devem, ó grande Jove, os homens

Desta arte proveitosa o bello invento,
Quiz este Deos, que a sábia agricultura,
Dependendo de rigidos trabalhos,
Dos mortaes desterrasse a vil inercia.
Antes delle incorruptos inda os campos
Não sentião do curvo ferro os golpes:
Vivia-se em commum; nenhuns limites;
A mesma terra aos homens prodigava
Do seio liberal os gratos frutos:
Jove foi, quem armou de atroz veneno
Do aspide sagaz a prompta lingua;
Quem no peito imprimio do astuto Lobo
Implacavel rancor aos mansos gados;
Quem levou deste mundo aos Ceos o fogo;
Quem despojou do mel os verdes ramos,
Seccou do vinho os limpidos regatos,
E por alto destino quiz que Eolo
No mar exercitasse hum duro imperio.
Assim se vio hum ocio fugitivo,
Seus dominios cedendo ás nobres artes:
Logo os homens, cubertos de suores,
Procurárão na terra o seu sustento;
Logo as veias dos rigidos penhascos

Scin-

Scintilárão de si hum lume escasso;
Logo Thetys sentio da quilha os rasgos:
Já desses Ceos ás nitidas estrellas
Ousados nautas nomes aproprião;
Fervem nos bosques horridos latidos;
A rede á fera engana, o visco as aves,
E o apparato do anzol surprehende o peixe:
Já das cunhas o ferro as vezes supre;
Já da serra mordaz ao gume cede
A grossura dos troncos levantados.
Tudo por fim ás artes vencedoras,
E aos trabalhos crueis seu auge deve.
Ceres, vendo que já do Epiro os bosques
A rude glande aos homens recuzavão,
Ensinou da charrua o fim pasmoso.
E que riscos não fosse hum tal invento!
Que cuidados crueis de nós não pede!
Logo dos campos tristes se apoderão
De infelizes arbustos densas brenhas:
Podre ferrugem come as tenras messes;
Desfalece a seara, o cardo pula,
Domina o joio, cresce a triste avêa.
Implora pois beneficos chuveiros;

Incansável da terra afflige a face ;
Expele as aves, rompe as frias sombras :
Se o não fazes, em quanto o bom visinho
Na abundancia festeja, á fome infausta
Buscar na azinha irás hum triste alivio.
Saber deves tambem, a que instrumentos
A tarefa rural seus lucros deve.
Pontuda relha, obra de Vulcano,
Robusto páo nos bosques escolhido,
Dentado ensinho, carros vagarosos,
Crivos, cestos, e trilhos são as armas
Do nosso camponez, e são alfaias
De que deves prover-te, se he que intentas
Desta arte singular tirar vantagens.
Seja desta structura o curvo arado:
Na floresta curvado hum verde olmeiro
Venha do arado a ser primeiro movel:
Hum temão d'oito pés, hum par d'orelhas,
Que tem por fim reger do rego as bordas,
Ambas iguaes, discreto lhe apropria:
Daquelle ferro o calça, que implacavel
Com seu dente mordaz lacera o campo:
Só da faia, por ser de menos pezo,
Ou

Ou da til amargosa o jugo talha ;
O mesmo páo , por menos escabroso ,
Empunhe a tosca mão , que os bois governa ;
Mas já mais estes páos em obra pônhas
Sem que ao fumo primeiro os fortifiques.
Muitos preceitos sobre a Agricultura
Os illustres Avós nos transmitirão :
Não te enojem , abraça quanto o uso
Sobre esta arte sublime te ensinua.
Hum voluvel cylindro aplane o campo,
Onde intentas calcar os louros feixes ;
Tua mão liberal lhe destribua
De huma grêda tenaz a branda massa :
Se esta regra desprezas , logo de hervas
Suprimido o verás com bem desgosto ;
Logo das brechas , obra dos calores ,
Mil immundos reptis crueis se apossão ;
Virá o rato sagaz , minando a terra ,
De grãos encher os cavidos celeiros ;
Virá a cega topeira , sem ser vista ,
Sublevando montões de solta arêa ;
Apparece do sapo o monstro horrendo ,
E vês por fim de teu trabalho o fruto

Fei-

Feito eſtrago do peſſimo gorgulho;
Preza fatal da provida formiga.
Tambem no boſque a verde amendoeira
Te predix da colheita as conſequencias;
Se pendentes de ſeus compridos ramos
Tantos pômos admiras, quantas flores
Liberal lhe pintára a grata Cloris,
Que abundancia te eſpera!.. não recêes
Que ardente Sol as meſſes não ſazone:
Mas ſe, pobre de fructos, rica em folhas,
Opáca ſombra apenas te apreſenta,
Debalde arraſtrarás na palha o trilho.
Quantos com fezes d'óleo d'oliveira,
A que ajuntão do nitro o ſal desfeito,
Dos legumes os grãos ungir coſtumão?
A exp'riencia lhe moſtra, que eſtes fructos,
Aſſim temp'rados, mais ao fogo abrandão,
E mais bem no fallaz caſullo creſcem.
Que aproveitá porém!.. as mais felizes,
E mais bellas ſementes degenerão,
Se com zelo os mortaes todos os annos
Sagaz eſcolha dellas não fizerem.
Tudo da ſorte expoſto aos riſcos vive;

Tu-

Tudo no mundo ao nauta se assemelha,
Que das ondas vencer a furia intenta;
Se do remo se esquece hum breve instante,
Logo do rio a tumida torrente
Lhe arrebata cruel o fragil lênho.

Não ignores dos Ceos os Astros bellos:
Tanto ao bom camponez int'ressa o giro
Dos bodes,(24)do dragão,(25)da ursa clara(26),
Quanto ao nauta fiel, que aos lares volta,
Pelo estreito de céstos (27), afrontando
Os horrores de hum mar tempestuoso.
Iguala já a balança (28) a noute ao dia?
Assignala fiel do vasto mundo
Metade á luz, metade ás negras sombras?
Logo o jugo na frente os touros sofrão:
Da cevada te occupe a fertil messe;
Pressuroso na terra os grãos supprime
Da grata dormideira, do alvo linho:
Execita a charrua, em quanto o gêlo
Da Estação glacial não cresta os campos;
Em quanto o secco chão não bebe os rios
Dessas nuvens, que vês no ar pendentes.

Sentem já da Estação deliciosa

A chegada feliz os verdes campos?
Tenha lugar das favas a lavoura,
Apparece nos Ceos o branco touro (29),
Scintilando com ſeus dourados cornos!
Vai-ſe já retirando do horiſonte
A par do Sol o cão? do loiro milho,
E do trevo ſe apoſſe a branda terra.
Se porém nos teus campos, ondeando
Deſejas ver do trigo as aureas meſſes,
Jámais á terra os bellos grãos entregues,
Em quanto radiar de Athlante (23) a Filha.
Muitos, antes que Maia ſe retire,
Deſte conſelho a parte oppoſta ſeguem:
Aſſim lhes vem fruſtrar as eſperanças
De huma eſteril colheita a paga infauſta
Do robuſto feijão, da doce hervilha
Sementeira feliz fazer intentas?
Deſtas plantas já mais o fructo eſpalhes
Em quanto não fugir dos Ceos Arcturo:
Não recêes porém que os frios gêlos
Neſta humilde lavoura te ſurprehendão.
He deſta arte importante em beneficio
Que nos Ceos ſe deſtinguem climas varios

Io:

Doze ſignos do Sol o curſo regem:
Cinco zonas iguaes do claro Olympo
Os immenſos eſpaços ſenhoreão:
Huma, ſempre de Febo expoſta aos fogos,
Deſſe ambito eſpantoſo occupa o meio:
Duas, onde inclementes os regêlos
Eterna habitação crueis fixarão,
Até do mundo aos polos ſe dilatão.
Outras duas, que os miſeros viventes
A' bondade dos altos Deoſes devem,
Recebendo do Sol obliquos raios,
A ſeu curſo fugaz de termo ſervem.
  Do noſſo globo a mole portentoſa,
Tanto na Scythia ás nuvens ſe avezinha,
Quanto abaixa na Lybia a fronte humilde:
Aqui ſempre ſublime no horiſonte
Do noſſo Polo raia a fixa eſtrella;
Ao contrario, do outro Polo a tocha,
Se acaſo brilha, brilha tão ſómente
Sobre os Manes fataes da Styge horrenda.
Aqui, forte o dragão, ſylvando raios,
Qual rio ſinuoſo, as urſas cinge;
(Cinge as urſas medroſas de tingir-ſe

Nos

Nos liquidos chrystais do vasto Oceano ;)
No Polo austral porém dominão sempre
Da triste noite ás sombras horrorosas.
Possivel he que Febo alli se acôlha,
Quando o rosto gentil de nós retira.
Se assim succede quando os quatro Ethontes
Sobre nós o brilhante carro apontão,
Seu manto além começa tenebroso
Pelo Ar a estender a parda noite.

Da noticia da Esfera muito pende
Das sazões o prever a variedade:
Por ella sabes, quando mais convenha
Deitar na terra os grãos, cortar as messes;
De Tethys entregar ás inconstancias
No fraco tronco tuas esperanças,
E no bosque habater os altos pinhos,
Que hão de vir afrontar de Eolo as iras:
Não he debalde, não, que os astros girão,
E que em partes iguaes os annos talhão.

Detem-te em casa a chuva por ventura?
Assim mesmo de hum ocio torpe foge;
Em mil obras, que pede indispensaveis
A tarefa rural, o tempo emprega.

Do

Do curvo arado aguça o rombo ferro;
Em cavado batel hum tronco torna;
Assignala os rebanhos; mede as tulhas;
Delgaça páos; forquilhas afeiçôa;
Não te esqueção da vinha os brandos laços,
De mole junco tece hum fundo cesto;
Torra ao fogo de Ceres os presentes,
Ou na mó ruminante em pó os converte.
Té nas Festas, sem nota d'impiedade,
Te podes applicar a varias obras;
Quem prohibe enganar com visco as aves,
Conduzir de hum ribeiro as ondas puras,
Murar de seve as pródigas seáras,
Abrasar da campina o mato inutil,
E de hum tanque nas aguas saudaveis
Mergulhar da balante ovelha os filhos?
Muitos, pois que o valòr do tempo sabem,
Nestes dias á Villa se transportão;
Alli vão na jumenta vagarosa
Vender as producções da agreste aldêa,
E quando voltão, trazem satisfeitos
Prevenção do que a Villa ao campo offrece.
Tambem da Lua a tocha luminosa

Aos

Aos trabalhos designa proprios dias:
Foge do quinto: nada nelle emprehendas;
Nesse dia fatal á luz vierão
O terrivel Plutão, e as negras Furias;
Nelle a terra pario de hum parto horrendo
Tyfêo, (30) Japeto, e Ceo, impios gigantes,
Que crueis escalar os Ceos tentarão:
Sobre o Pelion, e Ossa por tres vezes
Assentarão do excelso Olympo a mole;
Por tres vezes de Jove os igneos raios
Seu arrojo fatal desbaratárão.
Do seteno, que vem depois que a Lua
Dez carreiras completa, não te assustes:
A' terra então confia as tenras vides;
Do novilho a cerviz rebelde amansa,
Ou d'alvo linho as bélas têas urde.
Pelo nono suspira o viajante,
Mas o déstro ladrão seus raios teme.
Quantas cousas com mais feliz successo
Da clara noite á sombra se exercitão;
Ou quando Aurora, abrindo a Febo as portas
D'orvalho esmalta as candidas boninas?
Melhor então do prado o verde ornato

Da

Da fôuce cortadôra ao gume cede ;
Mais submissa se off'rece a loura espiga
Do agreste camponez á mão grosseira.
Muitos do Inverno as longas noutes passão
Entretidos em rustico exercicio :
A consorte com seus subidos cantos
Lhe assiste com prazer, ou já brincando
Na fina têa o pentem sonoroso,
Ou já fervendo ao fogo o doce mosto,
Que a leve ramo cede a roxa escuma.
He porém do calor no mais intenso
Que se entregão do ferro ao dente as messes;
He na ardente Estação que sobre os trigos
Do duro trilho róla o pezo enorme.
Aproveita do anno os bellos dias ;
Só exposto ao calor, só regaçado
Semear, e romper os campos deves :
Do inverno os dias passa nos prazeres ;
São da fria Estação tributos proprios.
A' maneira do nauta afortunado,
Que apenas a tocar o porto chega,
De floridos festões a popa enfeita,
O feliz Camponez de seus trabalhos

Os

Os fructos goza, em quanto a neve alveja,
Dos amigos em doce companhia.
Enche a meza frugal, aonde alegres
De Lenêo em louvor as taças croão.
Não he com tudo tanto ao ocio entregue
Que contar desse tempo as horas deves:
Da oliveira feliz o fructo apanha;
Do carvalho sacóde a agreste glande,
A baga do loureiro, os grãos da murta:
E se as neves os altos montes vestem;
Se encapella cruel o gelo as ondas;
Na rede incauto o cervo se surprehenda;
Fiquem prezos os grous, a lebre cance,
E da funda girante o estallo sinta
Agil tropel de gamos fogitivos.
Que direi das tormentas? que das chuvas,
Que no fertil Outono os Ceos embrulhão,
Quando do Sol os raios mais benignos
Por menos horas brilhão no Emisferio?
Com que enchentes ingrata a primavera
Não inunda do campo as verdes messes,
Quando os fructos em leite ainda encerra
No pequeno casullo a tenra espiga?

Mui-

Muitas vezes, já quando os Camponezes
Ligão da fouce a preza ſazonada,
Do irado Eolo a tropa formidavel,
Arraſtrando de Ceres as riquezas,
De ſeus trabalhos faz hum vil ludibrio.
De repente dos ares ſe apodérão
Em negra confusão prenhadas nuvens:
Os Ceos ſe raſgão; caem rios d'agoa,
Que, bramindo crueis, de hum golpe arraſtrão
Na viſtoſa ſeára a doce eſp'rança,
E os ſuores dos triſtes lavradores.
Enchem-ſe os foſſos, creſcem ſobre os diques
As correntes dos mais ſoberbos rios;
E até do mar as ondas empoladas
Com cruel eſtampido o horror augmentão:
Então Jove, que vê do alto Olympo
Deſta noite a deſordem pavoroſa,
Por entre fogos mil deſperta irado
Do terrivel trovão as roucas tubas:
Eſtremece o Univerſo, as aves fogem,
E aos mortaes com terror ſe gella o ſangue.
Eſte Deos vingador redobra os tiros,
E com dardo fulgente desbarata

O

O monte Athos, (35) o Rhodope, (36) ou os Ceraunios. (37)
Cresce a chuva, sibilão mais os Nothos;
A floresta murmura; as praias gemem.
Se pois desta fatal desordem tremes,
Mede os tempos; observa os igneos astros;
Qual do triste Saturno (32) seja o curso;
Qual o giro do lucido Mercurio. (33)
Mas sobre tudo aos altos Deoses deves
Devoto honrar com puros holocaustos.
Quando os prados esmalta a primavera,
De agradavel odôr enchendo os ares;
Quando sobre a florida relva salta
De lascivos cordeiros gorda tropa;
Tem perdido a aspereza os roxos vinhos;
E convida a dormir de hum bosque a sombra;
Sobre altares de verde relva a Ceres,
Entre os vivas de alegre Mocidade,
Sincero offrenda taças espumantes
De leite, mel, e vinho generoso.
Por tres vezes a victima festiva
Gire em torno das messes fluctuantes:
Toda a turba campestre então invoque
Em altos sons a Deosa bemfeitora:

Todos, antes que a fouce os regos diſpa,
Com capellas de ramos, e ſaltando
Ao rijo ſom d'agreſtes inſtrumentos.
A Ceres cantem hymnos concertados.
Do grande Deos por alta providencia,
He dos frios crueis, e das tormentas
Preſagio certo a Lua taciturna:
Por ſeus raios ſabeis, o vós Paſtores,
Quando perto do ruſtico tegurio
Convém que paſte o pávido rebanho.
Ao primeiro tufão do vento iroſo,
Logo do mar as ondas encreſpadas,
Deſde o abyſmo horroroſo aos Ceos ſe atirão;
Logo ao longe reſponde a bronca penha
Da curva praia aos horridos bramidos,
E ſe eſcuta dos boſques açoitados
Hum ſurdo murmurar, que o monte abala.
Infeliz o que ſobre o fragil pinho
Do ſoberbo Neptuno os Campos cruza,
Quando os corvos do mar com altos gritos
Pelo abrigo da praia as ondas trocão;
Na arêa brincão humidas Gaivotas,
Ou, ſahindo de ſeus profundos lagos,

Aos Ceos remonta a Garça altivolante !
Muitas vezes hum aſtro luminoſo,
Do mais alto dos Ceos precipitado,
Pelas ſombras da noute ſilencioſa
Longos raſtros de branca luz imprime :
Outras vezes nos ares volitando,
Inconſtantes ſe vêem caducas folhas,
E de hum tanque eſpaçoſo ſobre as ondas
Inquietas d'ave as leves plumas brincão :
Que torrente fatal ao monte, e ao valle
Deſtes ſignaes a viſta prognoſtica ?
Se do Bóreas o Polo tormentoſo
De ſi deſpede luzes fulminantes,
Ou ſe d'Euro, de Zefiro nos reinos,
Lá do meio do mar, obſerva o nauta,
Que do rouco trovão a voz retumba;
Logo do lenho as pardas velas colha.
A ninguem ſurprehende incauto a chuva:
Tudo aos homens prediz as tempeſtades:
Do fundo valle foge eſpavorida
D'aerios grous a tropa crocitante;
Virada aos Ceos a indómita novilha
Pela venta fumante as auras ſorve;

Vo-

Volitando rasteira, apenas na agoa
As azas molha a garrula andorinha,
Em quanto vós, Pastores, transformados
Em verdes rãs, gemeis no charco immundo.
Ferve o povo das próvidas formigas
Na tarefa de expôr ao Sol seus ovos;
Já, das nuvens suspensa, bebe os mares
Da excelsa Juno a bella mensageira; (45)
Já voráz batalhão de negros córvos
Em confuso tropel verbera os ares.
Quantas aves marinhas sobre as margens
Do sereno Caystro (34) alegres pascem,
São das chuvas prognosticos funestos:
Vê-laseis á porfia, já seguindo
Da vêa d'agoa a rápida corrente,
Já do arrojo nos tanques chrystalinos
Cem vezes mergulhar a fronte airosa,
E já, c'o peito ás ondas dividindo,
Ora formar-se em nitidas fileiras,
Ora juntar-se em circulos vistosos.
A mesma gralha, quando solitaria
Pela praia passeia, pede ás nuvens
Com rouca voz, que as chuvas não demorem.

Té das moças o côro graciofo,
Entretido do fufo no exercicio,
Da mudança do tempo tem prefagios;
Ou na ardente candêa a luz fcintila,
Ou podrido murrão fuprime o fogo.
Do bello tempo os dias aprafiveis
Não menos por fignaes os Ceos indicão.
Mais formofos no Olympo os aftros brilhão:
Tão clara a Lua afoma no horifonte
Que nos raios ao bello Irmão não cede:
Não flućtuão no ar errantes nuvens,
Como véllos de branca lãa difperfos:
Não mais as aves, cáras (31) a Nerina,
Na praia ao Sol as azas defenvolvem:
Nem mais dos molhos faz cruel ludibrio
Deffe hirfuto animal a fronte immunda.
Nas planicies profundas fe amontôa
Das negras nuvens toda a turba immenfa
A coruja, que o Sol cadente efpreita,
Não mais perturba aos homens o focego
Com feu lugubre canto fobre a grimpa.
Pelo immenfo dos Ceos, batendo as azas,
Perfegue Nifo (46) a filha abominavel;
Quan-

Quanto mais por fugir forceja Scyla, (47)
Tanto Niſo mais agil fende as auras;
Se o fero Niſo ſóbe as altas nuvens
Por cahir ardiloſo ſobre a filha,
Simulada a traidora furta as voltas,
E do Pai vingativo á furia eſcapa.

Tambem então da eſqualida garganta
Menos rôucas deſpedem quatro vozes,
Em ſignal de prazer, os negros corvos:
He notavel a inſolita alegria,
Com que d'hum tronco ſobre os altos ramos
Eſtas aves crueis ſe congratulão:
D'ali vão folgazões em longas alas,
Já ſem ſuſto dos túrbidos chuveiros,
A progenie revêr, e os dôces ninhos.

Eu não creio porém que os ſabios Deoſes
Neſta raça brutal depoſitaſſem
De prevêr o futuro o dôm ſublime:
Todo o ſeu manobrar he puro inſtincto.
A' medida que os ares rarifica,
Ou condénſa do vento o ſopro frio,
Sentem do corpo os orgãos ſenſitivos
Das graves impreſsões o vario effeito.

D'

D'aqui provém das aves a harmonía
Ao benigno raiar da primavera;
Brincar na relva impavido o cordeiro;
E mais doce grasnar o triste corvo.
Se receias incauto vêr-te exposto
Aos acasos crueis da varia noute,
Já mais do Sol, da candida Diana
Sem exame te escape o vario giro.
Acaso vês, que negra sombra occupa
Da vaga Phebe o nitido crecente,
Logo que a face mostra no Horisonte?
Que immensa enchente os campos ameaça!
Que tormenta temer os mares podem!
Mostra acaso no rosto a côr rosada,
Que se admira nas timidas Donzelas?
Do terrivel Eolo teme os brados.
Se ao quarto dia corre o vasto Olympo,
Sem negras manchas, toda scintilante,
Que presagio feliz se te annuncia!
Pelo espaço do mez, que a origem deve
D'aquelle dia ao giro bonançoso,
Nem dos ventos crueis o mar se assuste,
Nem da chuva o flagelo o campo espere.

Bem

Bem o nauta feliz devoto póde,
Do porto a arêa apenas toca ſalvo,
Queimar incenſo aos Deoſes bemfeitores.
Tambem Apolo, quando os berços deixa,
Ou quando cae nos reinos d'Amphitrite, (38)
De infaliveis ſignaes te faz mimoſo.
Se ao raiar no horiſonte negras manchas
De ſeu roſto a gentil belleza afeão;
Se huma nuvem ouſada ao mundo rouba
Dé ſeus candidos raios ametade;
Eſpera chuva: logo as verdes meſſes,
Os pomares, e os timidos rebanhos
Serão preza fatal do horrendo Notho.
Se eſte grande planeta conſtrangido
Frôuxos raios por entre as nuvens vibra;
Se do leito nupcial ſáe deſmaiada
Do canſado Tithão (39) a bella eſpoſa;
Que eſcaſſo abrigo póde a verde parra
Com ſeus ramos preſtar ao tenro cacho!
Eſtrondoſa ſaraiva ſobre os tectos
Fará ſentir ſeus tiros formidaveis.
Sobre tudo deſſe aſtro ſcintilante
O funeſto declive obſerva attento:

Mui-

Muitas vezes diverſas côres ousão
Em ſeu roſto lançar viſtoſas manchas:
Se devizas a azul, aguarda chuvas;
Se a do Múrice, aos ventos te prepara:
Mas ſe d'ambos deſtingues a miſtura,
Vento, e chuva em cruel tumulto eſpera:
Já mais neſſa terrivel noute os mares
Sobre o curvo baxel errar me vejão.
Se vibrando porém brilhantes raios,
Toda a esfera ſerena te apreſenta,
Quando ſae do horiſonte, ou deſce aos mares;
Não mais da chuva o medo te detenha:
No freſco boſque apenas o Nordeſte
Contará buliçoſo as verdes folhas.
O Sol em fim, correndo o vaſto Olympo,
De ſeu carro brilhante vaticina,
Quando os tempos prevejas tormentoſos,
E quando eſperes dias apraſiveis.
Sim, ó bello planeta! quem ouſado
De impoſtor te opporá nefandas notas!
Já mais á Patria o pérfido maquina
Da infame aleivozia os torpes laços,
Que teu roſto de mágoas penetrado

Da

Da fatal erupção não mostre indicios.
Quando Cesar cahio do ferro aos golpes,
De negro dó cobrindo teu semblante,
Bem mostraste com dôr, quanto de Roma,
Da aflicta Roma a sorte lamentavas:
Vio-se o triste Universo quasi a pique
De não mais disfructar teus almos raios.
A terra, o mar, os cães, as mesmas aves
Lamentarão tão impio parricidio.
Quantas vezes o Ethna (46) retumbante
Arrojou de Trinacria pelos campos
Ardentes globos, horridos penhascos!
Sobre os áres se ouvirão na Germania
De armados Esquadrões crueis combates:
Horrorosos tremôres abalárão
Desses Alpes as côncavas montanhas:
Resonávão de nôute nas florestas
De huma voz queixativa os tristes eccos:
Pelas sombras nocturnas se entrevião
De mil maneiras horridos espectros:
Abrio-se o chão; sustém seu curso os rios;
E por auge de horror até chegárão
Os sons articular as mudas feras,

E

E chóros derramar os ſacros bronzes.
O ſoberbo Eridano, (41) rei dos rios,
Curraes, plantas, ſeáras, campos, boſques;
Tudo arraſtrôu na túmida corrente.
Só preſagios fataes das podres fibras
Ao povo agôurão timidos Arúſpices:
Tranſtornarão-ſe em ſangue as claras fontes:
Com ſeus huivos os lobos vagabundos,
Junto aos muros, da noute o horror augmentão:
Nunca ao ſom dos trovões os Ceos ſerenos
Deſpedirão de ſi tantos coriſcos;
Nunca tantos igniferos cometas
Os miſeros mortaes de ſuſto encherão.
Segunda vez a grande Macedonia
D'Aguias (42) Romanas vio cruel peleja:
Duas vezes os juſtos Ceos ſofrérão,
Que da fertil Emathia (43) os vaſtos campos
Se fartaſſem do ſangue dos Romanos.
Vereis hum dia, abſortos camponezes,
Como o ferro voraz de voſſo arádo
Ferrugentas eſpadas, podres lanças,
E já vazios caſcos vos preſenta:
E que horror não tereis, quando os Sepulchros
Arc—

Arombados á viſta deſcubrirem
De noſſa gente os oſſos formidaveis!
Deoſes da Patria, Numes defenſores
Dos Palacios, que banha o Tuſco Tibre,
Querino, e Veſta! (44) ſe he que em vos confia
Nas crueis aflicções a auguſta Roma,
Deſta idade atalhai os duros males;
Seja Ceſar d'Italia o fauſto apoio:
Já baſtante expiado noſſo ſangue
Tem de Troia os prejurios deteſtaveis.
Sim, ó Ceſar! os Deoſes já te envejão;
Deſgoſtoſos de ver que a gloria buſcas
Deſte mundo mortal, mundo d'enganos;
Já nos reinos do Olympo honrarte folgão.
Oh! e quanto da vil licença o monſtro
Nos coſtumes exerce infame imperio!
Vê-ſe em deſpreſo a illuſtre agricultura;
Toſcas brenhas os ferteis campos cobrem;
E té d'armas a forma recebêrão
Da lavoura os preciſos inſtrumentos.
Aqui ferve o Danubio, além paſmado
Ondas de ſangue volve o louro Eufrates:
Extinguirão-ſe as Leis; a fé perdêo-ſe;
Tudo

Tudo do ferro á força se decide;
Toda a terra por fim Mavorte abraza
Com desordens fataes, com impias guerras.
Assim á meta rapidos se avanção
Entre nuvens de pó fugazes coches:
De balde reprimir forceja o Mestre
O nobre ardor dos belicos ginetes;
Insensiveis ás vozes, e aos açoites
Da carreira veloz já mais dezistem.

NO-

NOTAS
AO
PRIMEIRO LIVRO.

(1) *He Bacho, que foi huma célebre Deidade do Paganismo, commumente reputado por filho de Jupiter, e Semele, e venerado como protector das Vinhas.*

(2) *Ceres foi filha de Saturno, e Opis, e irmãa de Jupiter, e de Neptuno; a antiguidade a suppunha inventora da Arte de cultivar a terra, e superſticiosamente a venerava como Deosa tutelar das Seáras.*

(3) *Faunos, ou Satyros erão Deoses Campestres: O Paganismo os figurava huns monstros com cornos na cabeça, pernas, e pés de cabra. Alguns Authores chegárão a affirmar que nos seus tempos se encontrárão alguns destes monstros; mas devêmos crêr fabulosas similhantes descubertas.*

(4) *Dryades erão as Nynfas que presidião aos bosques, e ás florestas; differentes porém das*

das Amadryadas, cada huma das quaes presidia a sua Arvore.

(5) *He Neptuno, filho de Saturno, e Opis, Irmão de Jupiter, e Plutão, ao qual, na devisão que entre si fizerão do Mundo, coube por sorte o Imperio dos Mares. Não he porém esta falsa Divindade aqui invocada como presidente dos mares, mas como o primeiro Author dos cavallos; fabuliza-se pois que, contendendo elle com a Deosa Minerva sobre qual delles havia de dar nome á Cidade de Athenas, resolverão os Deoses que lho daria aquelle dos dois, que fizesse apparecer huma producção mais util aos homens:* Neptuno, *ferindo então a terra com o seu Tridente, fez sair della hum soberbo cavallo; Minerva porém foi quem poz o nome á Cidade, em razão de com a sua lança produzir a oliveira, cujo descubrimento se reputou por mais interessante á humanidade.*

(6) *Aristêo filho de Apollo, e de Cirene, Nynfa do Rio Penêo na Thessalia, e morador*

dor em Céa, Ilha do Mar Egêo, he aqui invocado pelo Poeta, como inventor do uſo do mel, e do leite. O quarto Livro das Georgicas acaba com hum belliſſimo Epiſodio a reſpeito de Ariſteo.

(7) *Pan, a quem era conſagrada Tigêa Cidade d'Arcadia, era o Deos dos Paſtores, e dos Rebanhos.*

(8) *Minerva, filha de Jupiter, era a Deoſa das Sciencias, e das Artes, tambem aqui invocada por Virgilio, em razão de ſe lhe attribuir a invenção da oliveira, como já diſſemos quando fallamos de Neptuno.*

(9) *Oſiris, venerado antigamente no Egypto debaixo dos nomes de Serapis, e Apis, foi hum Rei da meſma Região, a quem, por ſer muito applicado á agricultura, e concorrer muito para o augmento deſta Arte, ſe attribuio a invenção do arado. Outros querem que foſſe Tritolemo, que acompanhando a Ceres nas ſuas perigrinações em buſca de Proſerpina ſua filha, aprendêo da meſma Deoſa, para enſinar os outros homens, tudo*

o

o que podia concorrer para a perfeição da primeira das Artes.

(10) *Silvano, Deos Campestre, e segundo a fantasia dos Poetas, presidente das florestas, dos rebanhos, e dos limites dos campos usou sempre o trazer nas mãos hum ramo de cypreste, em que por Apollo fora convertido o mancebo Cyparisso, a quem amava perdidamente.*

(11) *Thule, a mais remota, e septentrional das terras, que conhecerão os antigos decorrendo para o Occidente, he hoje commummente reputada a Ilha d'Islandia.*

(12) *Thetys, mulher do Oceânno, e mãi de Nerêo, e Doris, pais das Nynfas, era Deosa dos Mares.*

(13) *Plutão, filho de Saturno, e Opis, na devisão, que entre elle, e seus Irmãos Jupiter, e Neptuno se fez do Mundo, houve em sorte o Imperio dos Infernos.*

(14) *Proserpina, filha de Jupiter, e Ceres, andando a colher flores, foi roubada por Plutão, e levada aos Infernos: Ceres*

sua

sua mãi, sabendo, depois de varias deligencias, o lugar onde se achava, conseguio de Jupiter, que Proserpina voltaria ao Mundo, se acaso não tivesse ainda comido alguma cousa nos Infernos; mas depondo Ascalapho, que a vira gostar huns bagos de romãa, foi condemnada a ficar perpetuamente naquelles lugares, como Rainha dos mesmos, e mulher de Plutão.

(15) *Elysios são huns campos deliciosos, para onde suppunhão os antigos que hião descançar as almas bem-aventuradas: varião porém os Autores sobre o sitio, em que colocavão tão affortunados Campos.*

(16) *Tmôlo he hum monte de Phrigia nos confins da Lidia, muito abundante de vinhas, e açafrão.*

(17) *Chalybes, segundo* Pomponio *Mella, forão povos d'Asia, que habitárão as Cidades de Sinope, e Amita na* Paphaglonia; *e, segundo Justino, forão povos de Hespanha, e habitárão nas margens do Rio Chalybs: ou fossem huns, ou outros os de que falla*

Virgilio, o certo he, que forão celebres, em razão das boas minas de ferro, que cultivavão.

(18) *Deucalião foi Rei de Thessalia; succedendo no tempo do seu Reinado hum grande deluvio por todo aquelle Paiz, elle se retirou com sua mulher Pyrrha para as alturas do monte Parnaso, sobre o qual os destinos lhe prognosticárão, que para haver de se povoar outra vez o continente, era preciso que hum, e outro lançassem pedras para todos os lados, e que dellas sahirião homens: O que, segundo a Fabula, assim succedeo, sahindo mulheres das pedras lançadas por Pirrha, e homens das lançadas por Deucalião.*

(19) *He o tempo Canicular.*

(20) *Mysia era huma Provincia da Asia menor, muito memoravel pela abundancia de trigos.*

(21) *Ida he hum monte de Phrygia, tambem memoravel por causa das Sedras.*

(22) *São os grôus, das quaes aves se encon-*

contrã huma grande abundancia nas praias do Strymonio, rio de Macedonia nos confins de Thessalia.

(23) *São sete Estrelas collocadas no colo do Signo de Tauro, em que, segundo a Fabula, fôrão convertidas as sete filhas de Athlante, Rei de Mauritania, e da Nynfa Pleyone. Os seus nomes erão Electra, Alcinoe, Celeno, Sterope, Taygeta, Maya, que foi mãi de Mercurio, e Merope, que cazou com Sysipho.*

(24) *Bodes, nome de duas Estrelas, colocadas no Signo d'Auriga.*

(25) *Dragão, o mesmo que o Signo Anguis.*

(26) *Ursa, nome de huma Estrela no Polo Arctico, em que se diz fôra convertida Calisto, filha de Lycaon, Rei d'Arcadia, depois de ser transformada em Ursa por Juno zelosa de Jupiter seu marido. Contão-se duas Estrelas deste nome; a maior de que já fallamos; e outra menor, em que se diz fôra convertida huma das Nynfas que creárão Jupiter.*

(27) *Ceſtos, e Abydos forão duas Fortalezas, conſtruidas no Heleſponto, huma na Europa, e outra na Aſia: Eſte eſtreito foi muito celebre pelos amores de Leandro, e Hero.*

(28) *He o Signo de Libra: O que recomenda o Poeta, he que deſde o Equinocio Outomnal até o Solſticio Hibernal, que cahe nos fins de Dezembro, ſe cuide das ſementeiras da cevada, e das dormideiras, de que os Romanos fazião hum grande aprêço, eſpecialmente das brancas.*

(29) *Os Romanos contárão o ſeu anno deſde Março; mas Virgilio dá-lhe principio em Abril, por entender que então, ao apparecer o Signo Tauro, principia o melhor tempo para a Agricultura, recomendando a continuação das ſementeiras, de que vai fallando, até a aproximação da Canicula.*

(30) *São nomes de huns Gigantes, dos quaes conta a Fabula, que tentárão eſcalar os Ceos, pondo huns ſobre os outros os montes Pelio, Oſſa, e Olympo na Theſſalia.*

(31)

(31) *São os Alciones; nestas Aves forão transformados Ceyx Rei de Trachinia, e sua mulher Halcione, a qual se lançou no mar Egêo a ajuntar-se com o cadaver de seu Esposo, que naufragára, tendo se embarcado a consultar os Oraculos: Dizem então que Thetys estima aquellas Aves em memoria da fidelidade dos dois Esposos, conservando sereno o mar no tempo da creação.*

(32) *Saturno, filho de Celo, e Vesta: Signo Celeste.*

(33) *Mercurio, filho de Jupiter, e Maya; tambem Signo Celeste.*

(34) *Caystro he hum Rio da Phrygia, em cujas margens se encontra grande abundancia de Cysnes.*

(35) *Athos he hum monte de Macedonia sobranceiro ao mar Egêo.*

(36) *Rhodope he hum monte de Thracia.*

(37) *Ceraunios são montanhas do Epiro, sobre as quaes costumão cair raios com frequencia.*

(38) *Amphitrite, segundo a ficção do Poe-*

Poetas, era Deosa do mar, filha do Oceano, e de Doris, e mulher de Neptuno.

(39) *Tithão, filho de Laomedonte, Rei de Troya, foi com tanto excesso amado por Aurora filha de Titan, e da Terra, que chegou por virtude de certas hervas a ser por ella de velho tornado moço.*

(40) *Ethna he hum monte de Sicilia, que continuamente está evaporando chammas, e enxurradas ardentes.*

(41) *Eridano he o Pó, rio de Italia, que descendo dos Alpes, entra no mar Adriatico por muitas boccas.*

(42) *Huma Aguia era o Estendarte dos Exercitos Romanos.*

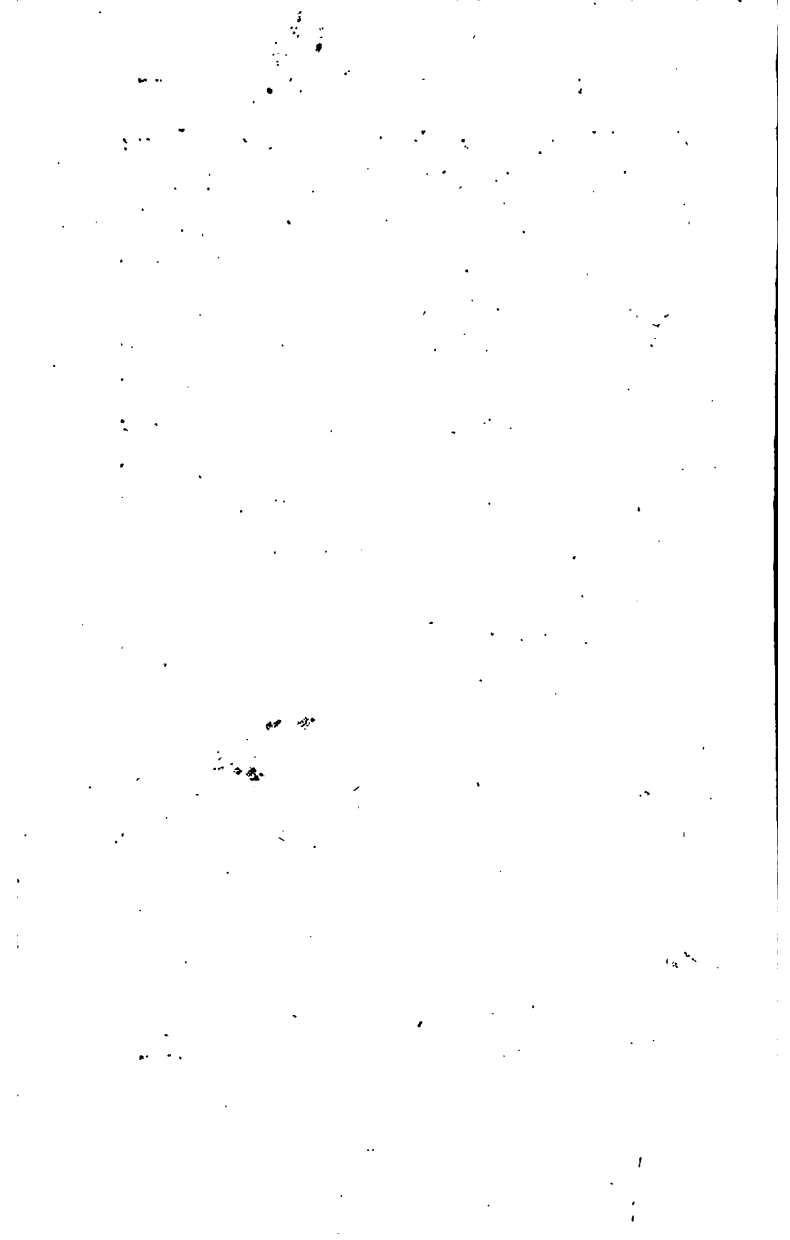
(43) *Emathia he nome, que foi dado a Macedonia, e aos paizes vizinhos: Junto de Philippos, Cidade situada nos confins da Thracia, e de Macedonia desbaratou Octaviano Cesar a Cassio, e Bruto; e nos orredores de Pharsalia, Cidade de Thessalia, tambem nos confins de Macedonia, venceo Julio Cesar a Pompêo.*

(44)

(44) *Vesta, filha de Saturno, era huma Deidade Gentilica tida em grande veneração pelos Romanos. Suppunha-se que Eneas trouxera para Italia a Efige desta Deosa entre os mais Deoses Penates, que salvou de Troya; e que Numa Pompilio a transportára de Alba para Roma, aonde lhe foi consagrado hum Collegio de Virgens, que tinhão obrigação de guardar o fogo sagrado, de que se suppunha dependente a saude do Imperio.*

(45) *He Iris, ou o Arco celeste.*

(46) *Niso, he o Gavião.*

(47) *Scylla, a Cotovia.*

LIVRO II.

Foi premiado pela Academia Real das Sciencias na Sessão publica de 12 de Maio de 1790.

TÉ qui cantei dos campos a cultura,
E dos astros as doces influencias:
Vou agora cantar-te, ó Deos de Thebas,
E comtigo os arbustos florecentes,
E a tardia vergontea da oliveira
Vem, ó Padre Lenêo, (1) verás pendentes
Da verde parra os teus purpúreos mimos:
Coroado de folhas pampinosas
Com prazer te convida o rico Outôno:
Já debaixo do tronco sonoroso
Alegre espuma a férvida vindíma.
Vem pois aqui... oh! vem, Lenêo! e pondo
De parte os borzeguins, no roxo mosto
Regaçados as pernas tingirêmos.
Foi varia sempre a sabia Natureza
Na feliz producção das verdes plantas:
Humas sem precisão, nem dependencia
Da industria humana, livres nas campinas,

E

E nas praias dos curvos rios nascem.
Assim viçoso cresce o brando chopo,
E produz da giésta a humilde planta;
Assim se dão os álamos frondosos,
E se crião os pútridos salgueiros.
Outras porém, não tanto independentes,
De tenues grãos seus troncos desenvolvem:
Assim se enramão altos castanheiros;
Ergue a azinha seu cume sobre os bosques;
E se eleva o carvalho, de quem Grecia
Os auspicios fataes devota escuta.
E de quantas os almos troncos vemos
De lasciva progenie rodeados?
O alto olmeiro, a rôxa ceregeira
Com seu succo sustentão prole immensa:
E tu, Aónio (2) louro, não te abrigas
Da opáca mãi á sombra, em quanto tenro?
Taes os meios, que a astuta Natureza
Desde a origem seguio no grato augmento
Dos fecundos vergéis, da til esteril,
E dos bosques aos Deoses consagrados.
A exp'riencia depois, insigne mestra,
Nova raça inventou de ferteis plantas.

Huns

Huns em regos profundos depósitão
A florente vergontea, a quem o ferro
Desmembrára cruel do patrio tronco;
Ou do antigo solar a propria estirpe
Com raizes a outro lar transportão,
Ou soterrão do páo fendidos galhos:
Outros, sem offender a mãi, hum ramo
Com brandura curvando, aos pés maternos
Sepultura lhe dão; e quantas vezes
Os arbustos despojão da ramagem,
Que á terra confiar já mais duvidão?
Porém que admira, á vista de hum prodigio!
De mirrada oliveira hum grosso tronco
Reverdece, e raizes novas brota.
Tambem se admira huma arvore, enfeitada
De ramos emprestados, entre os proprios
Ufana procrear alheios fructos:
Assim vérga a pereira carregada
De cheirósas maçãs, e amadurecem
As ameixas na agreste ceregeira.
Despertai pois, ó ágeis camponezes;
Instruidos na bella Agricultura
Da floresta adoçai os bravos fructos:
Não

Não deixeis languecer no ocio as terras;
Do monte Ismaro (3) os ingremes outeiros
De parreiras vesti; cubri de mansas
Oliveiras os vales do Taburno.
E tu, sabio Mecenas, a quem devo
Da fama de meu nome a gloria toda,
Em tão árdua carreira sê propicio.
Assim he, que em meus versos não pertendo
Comprehender materia tão difusa,
Inda mesmo de cem sonóras linguas
Empregando a grandiloqua harmonia.
Mas, inda só do assumpto a flor palpando,
Sem que tu vigilante a Náo governes,
Aos acasos do mar em vão me exponho.
Vem pois; ao menos, nem ficções insanas,
Nem longos circumlóquios nossa Musa
Nesta simples Canção com tedio ostenta.
Toda a planta, que livre, e independente
Seu alto cume eleva ás soltas auras,
Infecunda foi sempre, não obstante
O fazê-la em desconto mais robusta,
E mais pomposa a attenta Natureza.
Se porém no fendido tronco hum ramo
D'um

D'um arbusto fecundo lhe ajustarem;
Ou se ella for gostar o pingue succo
De terra mais feliz; em pouco tempo
Da sylvestre braveza despojada,
Compensará com fructos saborosos
Do bom cultor os ávidos trabalhos.
  Infecundas tambem, em quanto a sombra
Da opaca mãi as cobre, são as tenras
Suprimidas vergonteas; já mais fructos
Mimosos te daráõ, se em campo estranho
Não forem respirar hum ár benigno.
  Toda aquella, que deve o nascimento
Da esparzida semente ao grão fecundo,
Só passados do tempo muitos lustros,
Os Vindouros abriga á fresca sombra.
Esquecidos da antiga suavidade,
Pouco, e pouco de gosto os pomos mudão;
Mal a tropa voraz d'errantes aves
Aproveita da vide os rudes cachos.
Queres pois, que o sylvestre vicio percão?
Transplantadas em regos compassados
A' vista off'reção linhas aprasiveis.
A' medida que as plantas se diff'renção,
Na

Na cultura tambem diversificão:
De estáca prende a plácida oliveira;
De duro ramo cresce a Paphia (4) murta;
De arreigado bacêlo as vides pulão;
Mas a dura aveleira, o grande freixo,
A palma, o choupo, cuja mobil rama
D' Alcides (5) rodeára a fronte illustre,
Os carvalhos do Epiro, a excelsa faia;
Destinada a cruzar os bravos mares,
Só virão a toldar hum dia os bosques,
Em clima alheio sendo transplantadas.
Muitas, sendo enxertadas, não recusão
C'o peso carregar de alheios pomos,
Quantas vezes do agreste medronheiro
Descascadas cahirão louras noses?
Quantas tambem do plátano infecundo
Se colhérão maçãs; e as altas faias
Se cubrirão de ouriços?.. té os carvalhos
Com flores de pereira a fronte adornão;
Té do álamo excelso os alvos ramos
Nos mostrão do carvalho o fructo ingrato.
Não ha só de enxertar hum simples modo:
Dois se contão iguaes no bello effeito.

Ou

Ou se faz incisão na branda casca,
Onde o crespo botão complica as folhas;
Incisão, que no mesmo instante deve
De outra planta abraçar hum fertil gomo:
Ou na fenda subtil, que rijas cunhas
No mais liso do páo crueis abrirão,
Aparados se encáixão verdes garfos.
Verás logo esse arbusto, despojado
De todo ornato seu, aos Ceos erguer-se;
Soberbo por vestir folhagem nova,
Nutrirá com seu leite estranhos filhos.
Dos arbustos tambem a raça fertil
A's mudanças do ár se vê sugeita;
Se he diverso o paiz, he varia a planta.
Aqui toca o cypreste as altas nuvens,
Além pasma de vêr que o vence o Lotho:
Aqui sombras espalha a verde faia,
No prado além de todo se esmorece
Do sylvestre salgueiro o podre tronco:
Se da grata azeitona o gosto muda,
Já diversa tambem se admira a forma;
Humas talhas redondas, longas outras,
Muitas ovadas mestra a Natureza.

Aqui

Aqui se colhe a pera saborosa,
Mas além, já maior, já mais ingrata.
Dos olmeiros na Italia as uvas pendem;
Tratamento, que Lesbos (6) lhes recusa;
Alegre em humas brilha a côr de Tyro,
Do oiro a côr nas outras resplandece.
Aqui do tincto a grata singeleza
De hum jucundo prazer os peitos banha;
Do branco além os fumos turbulentos
Fazem tardos os pés, e as linguas travão:
Brancos vinhos produz a fertil Thasos, (7)
Brancas uvas tambem Marcótes (8) cria;
Com tudo aquelles mais os montes amão,
E mais estas dos fundos vales gostão.
Não me esqueço de teu licôr, o Rhétia: (9)
Ganimedes porém nas sacras mezas
Do Falerno (10) encheria as âureas taças.
Na [illegible]hósa Aminéa tens hum nectar,
Que, por ser generoso, as palmas ganha
Do Phanêo, (11) e do Thmólo sobre as vinhas.
Da-se em Argos hum cacho, que espremido
A adega te enche, e cujo nobre çumo
De longos annos mede o grande espaço.

Mas,

Mas, quem, ó Rhodes, (12) quem se esqueceria
Desse nectar divino, que espumoso
Das mezas joviaes o somno expéle!
Quem de vossa grandeza enórme, ó cachos.?
Mas dos vinhos quem póde as varias castas
Em breve numerar por proprios nomes?
He mais facil contar os grãos de arêa,
Que da Lybia nos campos volve o vento;
Ou quantas ondas quebrão sobre as praias
Do mar Tuscano, quando carrancudo
Traz em braços o Euro estrepitoso

Já mais todo o paiz sustenta grato
Dos arbustos a raça innumeravel:
Sempre o verde salgueiro o pé nodoso
Nas ondas mergulhou de hum claro arrojo;
Das lagôas gostarão sempre os olmos,
E os carvalhos dos montes mais fragosos:
He nas praias feliz a verde murta;
Nos outeiros dourar-se os cachos folgão,
E do Norte o rigor o teixo estima.

Desde os berços d'Aurora aos negros sitios,
Onde o giro termina o louro Apolo,
Correi do orbe as partes conhecidas;

A pintada Gelonia, a ſecca Arabia;
Nenhum clima achareis, em cujos boſques
Não vejais florecer diverſas plantas.
Só nas terras, que banha o flavo Ganges,
Do hebano (13) negreja o denſo arbuſto:
Só dos fuſcos Sabeos (14) os bellos boſques
Aproveitão do incenſo os gratos fumos:
Que direi, ó Jordão, das ricas plantas,
Que em teus campos o bálſamo deſtilão?
Que do fertil paiz, aonde ſempre
Floreſcente ſe admira o verde acantho?
Que das denſas floreſtas da Ethiopia,
Cubertas de cotão, que ao longe alvejão?
Dos ſeres (15) vagabundos, que dos ramos,
E das folhas penteão aureos velos?
E tu, India, do mar nas longas praias
Não preſentas floreſtas tão ſublimes,
Cujo cume já mais volatil frecha,
Puxada com vigor, tocar-ſe atreve?
Ha na Media huma planta,(16) cujos pomos
Agradaveis á viſta, mas amargos,
Antidoto efficaz são contra os cópos
Propinados por pérfida Madraſta.

Ella

Ella he corpulenta; e ſe expeliſſe
De ſi o grato odôr do Febeo arbuſto,
Por loureiro immortal paſſar podia:
Sua folha reſiſte aos fortes ventos
Tenaciſſima a flor não larga o ramo:
Os Medos com ſeu ſucco em fim perfumão
Seu halito injucundo, e facilitão
Da aſmatica velhice o tardo alento.
Mas nem a fertil Media, nem do Ganges(17)
As formoſas campinas, nem do Hermo (18)
As douradas correntes, nem Panchaia (19)
Com todos ſeus perfumes, em louvores
Igualar o Paiz d'Auſonia podem.
Eſtes campos já mais lavrados forão
Por bravos touros, cujas rombas ventas
Faiſcas reſpiraſſem; nem tão pouco
Do Monſtro venenoſo os ferteis dentes
Neſtes vales brotarão creſpas meſſes
De eſpantoſos guerreiros, como contão
De teus campos fataes, ó aurea Colchos;
Mas cubertos de ricos dons de Bacho,
De bellos olivaes, de louros trigos,
De balantes rebanhos, fazem todos

As delicias de ſeus habitadores.
Aqui nos verdes prados, relinchando,
Repotrêa ginête belicoſo,
Além ſoberbos paſtão alvos touros,
Que banhados nas ondas do Clytummo, (21)
Vão tingir com ſeu ſangue as mãos invictas
Dos noſſos immortaes triunfadores.
Aqui meſmo no ſeio dos invernos
Eterno predomina alegre Eſtio;
Duas vezes fecunda a branca ovelha;
Duas vezes de verde coma, e fructos
Remoçado ſe veſte o calvo arbuſto.
Já mais tigres da Italia os boſques virão,
Nem d'altivos leões cruenta raça;
Aqui affoita póde a mão incauta
Colher ſalubres plantas; póde affoito
Sem temor de pizar infeſta cobra
Curioſo vagar o caminhante.
Em paizes nenhuns a rara induſtria
Realça mais a ſabia Natureza.
Vê, que illuſtres Cidades, exornadas
De ricos edificios, te apreſenta:
Vê, que immenſos caſtellos, reſpeitaveis

Pe-

Pela idade, as ſublimes rochas crôão:
Vè, quantos rios torcem as correntes
Só por irem lavar vetuſtos muros:
Por dois lados o mar aqui nos moſtra
Seu ſeio revoltoſo; vinte lagos
Tem cavado em redor profundos leitos:
Tem aqui ſeu aſſento o fundo Laro; (22)
Aqui ſe ouvem do turgido Benáco, (23)
Que brama como Oceano, os roucos brados.
Que direi eu de vós, immenſos portos?
Que verſos pintarão a mageſtade
Daquelle portentoſo monumento, (24)
Que do bravo Thyrreno o orgulho enfreia:
Que apenas lhe permitte o hir do Averno
Socegado ſondar o negro abyſmo?
Se deſta terra o ſeio revolveres,
Alegre rebentar verás mil rios
D'ouro, e prata; verás, que ingente copia
De ferro, e bronze as vêas deſentranhão.
Eſtes campos cem mil guerreiros povos
Tem viſto florecer, os duros Marſos,
Os valentes Sabinos, os Ligures,
Contrarios do repouſo, os bravos Volſcos,

For-

Formidaveis por ſeus nodóſos chuços.
Eſtes meſmos nutrirão fortes Décios,
Generoſos Camilos, duros Marios,
Famoſos Scipiões, e ſobre todos
Ati, maximo Ceſar, que, ſubmiſſa
Já tendo a fertil Aſia, agora fazes
Beijar ao Indio as Aguias vencedoras.
Eu te ſaudo, terra de Saturno,
Fecunda em fructos, fertil em heróes;
Eu vou cantar huma arte, não eſtranha
A' grandeza immortal dos teus maiores:
E atrevendo-me abrir as ſacras agoas
Da Delfica Hypocrêne, em teu proveito
Vou a Lyra embocar do Vate d'Aſcra (25.
Deſtinguamos agora dos terrenos
A força, a natureza, a côr, e os fructos.
Primeiramente, todo o chão barrento
Deſſes montes pedróſos, encreſpados
Com denſas brenhas d'horridas eſpinhas,
Da fertil oliveira a eſcaſſa ſombra,
Em obſequio de Pallas, grato eſtima.
Sirva de exemplo o alto zambugeiro,
Que, eſtendendo frondoſo longos ramos;

Eſ-

Estes sitios de immensa baga cobre.
Mas os pingues terrenos, que evapórão
Saudavel humor, que de herva espessa
A grata fronte vestem; quaes os valles,
Que a vista abrange ao pé dos altos montes,
Em que a viva corrente, derivada
Da cava rocha, deixa hum fertil limo;
Se do Austro os ardores receberem,
E ao curvo arado os fetos importunos,
E fataes ás colheitas presentarem,
Estes sim te darão copiosos vinhos,
Vinhos nectareos, dignos de crôárem
Em festivo banquete as aureas taças,
Quando ao pé dos altares, onde fumão
Pingues entranhas, inda palpitantes,
Infla o rouco marfim hum gordo Tusco.
Se porém de pastor te agrada o rume,
Da afastada Tarento as selvas busca:
Tens os campos fecundos, que roubados
A' minha cara Mantua á pouco forão:
Felizes campos!.. onde os brancos Cysnes
Sobre as ondas serênas gratos brincão:
Ali claras murmurão frescas fontes,
Que,

Que, espraiando crystaes nos verdes prados
Da ardente sede os gados desalterão:
Já mais alli se vê murchar a relva;
Só d'uma noite pois o doce orvalho
Com grande usura rende os ferteis pastos,
Que em longos dias forão consumidos.
Para as messes destina os pingues campos,
Cuja negra aparencia off'rece á vista
D'um chão fecundo a bella perspectiva.
A nenhuns liberal a Natureza
Dispensa mais os gastos da cultura:
Nenhum campo verá tantos novilhos
Ao celeiro trazer-te, a passos lentos,
De seus dons o tributo suspirado.
Taes são tambem as terras ociosas
De selvagens florestas suprimidas,
Se irado o agricultor de tanta inercia
Lhes mete o duro ferro, abate, e prostra
Dos volateis os velhos domicilios.
Constrangidas as tristes avezinhas
Com grande mágoa os ninhos desamparão;
Mas a inculta campina recupéra
Por meio da charrúa novas forças.

Não

Náo te agrades dos montes ladeirosos,
Cuja estéril arêa só ministra
A's abelhas humildes rosmaninhos:
Daquella terra foge, aonde ingrata
Branqueja a greda, e brilha indocil tufo:
Nenhuma pois mais doce pasto, e lapas
Das serpentes suggire á prole impura.

Vès aquelles terrenos, que evaporáo,
Como em nuvem subtil, ligeiros fumos;
Que os humôres embebem; que os transpiráo
C'o a mesma laxidáo, vestidos sempre
De huma grama viçosa; aonde o aço
Já mais offende putrida ferrugem;
Estes sim te daráo, se a agricultura
Os bemfeitorizar, os fructos todos.
Alli podes cingir ao chopo as vides,
E apanhar da oliveira os rôxos pomos;
Alli Ceres admira os louros trigos,
E pode apascentar-se o gado errante.
Taes os campos, que lavra a fertil Capua;
Taes os valles do horrisono Vesuvio (26);
E taes em fim prezamos as campinas
Que cheio de furor o Cláneo alaga: (27)

Si-

Siga-ſe agora, como dos terrenos
Se poſſa deſtinguir a natureſa;
He pois o forte mais jucundo a Ceres,
Mais o leve goſtoſo ao rôxo Bacho.
Abra o ferro no chão profunda cova,
Sobre a qual outra vez a arêa lança.
Aplainada c'os pés, com força a calca.
Vès acaſo, que deſce muito a arêa?
Que não pode igualar do foſſo as bordas?
Tens hum leve terrêno, ſó opportuno
Para vinhas plantar, paſcer rebanhos.
Mas ſe o monte, rebelde aos teus esforços
Aſſima ſobreſahe do rázo foſſo;
Tens hum chão, que por ſer eſpeſſo, e forte,
Só de bois vigoróſos cede á força.
Deſejas conhecer, qual ſeja amargo,
Qual ſalgado terreno, aonde a cepa
Degenéra por mais que a tu cultives;
Onde os pães eſmorecem, onde os pomos
Nem ſe quer os ſeus proprios nomes guardão?
De teu tecto fumoſo os ceſtos tira
Feitos de verga, e junco, ou toma aquelles,
Que no rôuco lagar o moſto apurão;

De

De terra os enche, e d'agoa doce os cobre:
Quando vires, que d'entre os brandos vimes
Rios rebentão d'agoas apressadas,
Decida o paladar; sincero julga,
Pelo ingrato sabôr, qual campo tenhas.
Pelo tacto, qual seja pingue, observa;
Pois dos dedos tenaz já mais se solta.
Do chão humido são signaes destinctos
Das hervagens o luxo, e a pompa altiva:
Mas ah! não te seduza no principio
Dos novos pães a pérfida belleza!
Tua vista da terra a côr te ensina,
Assim como do peso a mão te informa.
Deficil he porém fazer juizo
De seu frio fatal; as negras heras,
Os pinheiros, e os teixos muitas vezes
Deste vicio te dão alguns indicios.
Tua vinha plantar de novo intentas?
Na cultura do chão não sejas tardo.
Já mais da vide o ramo á terra entregues
Sem primeiro rasgar com fundas vallas
O proclive dos montes destinados,
E sem amontoar d'espaço a espaço

Dos virados terrões a copia immensa:
Recosidos do inverno pelos gelos,
E frios Aquilões, não dem descanço
Do robusto cultor aos duros braços.
Possivel he, que a cepa transplantada
Vá gosar de hum terrêno igual ao patrio?
He melhor eleição; pois desta sorte
Nem a planta nos fructos degenéra,
Nem a falta da mãi primeira estranha.
Vemos taes, que na casca dos bacelos
Signalar até chegão, qual dos lados
O frio Norte vira, e qual sofrêra
Do meio dia os fervidos calores;
E assim mesmo no chão eleito as plantão.
Tanto da infancia os habitos infundem!
Já mais da plantação principio assignes,
Sem primeiro ajustar, se escolhes valles,
Ou se as costas eleges dos cabeços:
Mais espessas nos valles planta as ordens,
Mais raras as dispõe nos altos montes:
Qualquer que o sitio seja sempre brilhem
Entre as cepas espaços regulares.
Viste já nas campinas estendidos

Guer-

Guerreiros batalhões de gente armada,
Cujas armas brilhantes longe eſpalhão
Inquietos raios mil, que os olhos cegão;
Não já quando o terror, e a morte acerba
Nas confuſas fileiras Marte eſpalha;
Mas ſim quando de linha em linha corre
Nos frouxos peitos brios infundindo:
Pois aſſim arranjada ver a vinha
Na meſma ſymetria Bacho eſtima.
Igual aſſim o ſucco ſe reparte,
E ſeus ramos eſtende livre a cepa.
Saber talvez pertendas em que altura
Dos bacelos ficar as covas devem:
Por meu voto profundas nunca ſejão,
Muitas plantas com mais vigor ſe avanção
Se da terra o profundo ventre ſondão:
Tal a dura azinheira, que ſeus ramos
Tanto ás nuvens elleva, quanto eſtende
Sua groſſa raiz ao fundo Avérno:
Aſſim vemos que affronta os rijos ventos;
Aſſim zomba das horridas tormentas;
Aſſim, vendo correr immota os annos,
E dos homens contando idades muitas,
Fron-

Frondifera, e copada com ſeus braços
Eſtendidos eſpalha ao longe a ſombra.
Se virada ao Poente a vinha plantas,
Nunca eſperes por ella enriquecer-te.
Não conſintas, que as vides exp'rimentem
Da ruſtica aveleira a ſombra ingrata:
Só de menos idade os ramos planta,
Que mais perto da terra os ſuccos goſtão:
Já mais da eſtirpe os corte hum ferro boto,
Nem já mais entre as cepas ſe tolére
Da ſilveſtre oliveira o duro tronco:
Muitas vezes incautos os paſtores
Huma ardente faiſca ſoltar deixão,
Que eſcondida nas caſcas combuſtiveis
Deſte arbuſto oleoſo, bem depreſſa
Do tronco ſe apodera, e ganha os ramos:
De galho em galho corre eſtrépitoſo
Eſte fogo impreviſto; ſobe aos ares,
E de fumo ellevando negra nuvem,
Que chega a eſcurecer do Sol os raios,
De planta em planta vôa, até que acerbo
N'um incendio total converte o boſque:
Sobre tudo ſe indómita rajada

D'im-

D'improviſo Aqúiláo cruel revolve,
E lança ao longe as chammas furibundas:
Se iſto pois acontece, Adeos eſp'ranças!
Já mais forças recobra a aduſta vinha;
Seccáo-ſe as cepas, mirráo-ſe as raizes,
De maneira que ſó funeſto eſcapa
Deſte eſtrago fatal o azambujeiro.
Imprudente já mais a vinha plantes
Quando o frio Nordéſte com ſeus ſopros
As terras endurece, ou quando o gêlo
Da brumal eſtaçáo lhes fecha os póros;
Mal nutrir entáo póde as novas plantas
Da terra congelado o almo ſucco:
He ſim tempo feliz, quando feſtivas
Dos noſſos climas vem as brancas aves, (28)
Que eterna guerra fazem ás ſerpentes:
Náo he menos feliz, quando montado
Em ſeu carro ligeiro o Sol brilhante
Faz entrega do Outono ao duro inverno.
Náo ha tempo, que iguale a Primavera
Neſta bella Eſtaçáo alentos novos
Recobra alegre toda a Natureza:
Veſtem-ſe os prados, cobrem-ſe de rama
Ri-

Rizonhos outra vez os denſos boſques.
A terra então benigna abrindo o ſeio
Dos fructos pede as pródigas ſementes
O Deos do ár então propicio deſce
Em ſeu meigo regaço, e d'almo orvalho
Bonançoſos chuveiros derramando,
Faz que eſte corpo immenſo felizmente
Toda a caſta de generos conceba.
Nas floreſtas, nos campos tudo ſente
Neſta bella Eſtação de amor os fogos:
Com terno canto o ſeu contentamento
Sobre os ramos exprimem lindas aves:
Com brando ſopro o placido Favonio
Liſongea as campinas apraſiveis:
Por toda a parte as verdes plantas goſtão
De hum grato humor as doces influencias.
Sobre os valles fecundos já não teme
Expôr-ſe ao Sol a relva pululante:
Nem a parra, afrontando o vento, e chuvas
Já receia ſoltar os tenros gomos.
Certamente benigna a primavera
Vio do cahos ſahir o vaſto mundo:
Deleitoſa brilhava, quando os homens

Eſ-

Espantados a luz primeira virão:
Não rosnavão ainda os frios Nothos,
Nem torrávão do Sol os igneos raios:
Foi então que a Selvagem fera os bosques
Habitar começou; que as soltas aves
Aos arés remontárão; que as estrellas
Esmaltárão dos Ceos o ethereo manto.
Não chegára a pender do ramo o pomo,
Nem de odôres encher a flor os prados,
Se esta dos annos bella mocidade,
Separando do Inverno o secco Estio,
Não viesse alegrar risonha as terras.
Mal a cepa feliz plantado tenhas,
De pingue estrume logo os leitos cobre:
Ao redor amontôa a solta arêa:
Porósas pedras logo ali supprime,
Ou de telhas esqualidos pedaços:
Mais facil pois a chuva se entromete,
E as raizes anima hum ar fecundo.
Já vi muitos, que as plantas ampararão,
Já com vasos quebrados, já com pedras:
Assim tiverão estes venturosos
O deleite de as ver zombar do Inverno,

E das fauces fataes do Cão ardente.
Preguiçoſo não ſejas; não te enfades
De juntar a miudo terra ás vides;
De dar aos alviões aſſiduo emprego;
E meſmo, ſem lesão das tenras cepas,
Entre as ordens paſſar o curvo arado.
Não te eſqueça aprомptar ás novas plantas
De verde freixo rigidas eſtacas,
Pontudos rodrigões, e longas cannas.
Com eſta ſegurança pois afoito,
Aprendendo a zombar do vento inſano,
Pelos alamos trepa o novo arbuſto.
Já mais na parra o bravo ferro empregues,
Cuando o gômo deſata as novas folhas:
Inda quando goſtoſa já ſeus ramos
Pululantes eleva aos meigos ares,
Eſte infauſto ſupplicio lhe perdôa;
De leve a mão lhe monde a folha eſpeſſa.
Mas já quando robuſta o groſſo tronco
Do alto olmeiro abraça; quando os ramos,
Já indomaveis, á forte mão reſiſtem;
Então ſem compaixão levanta o aço,
Reprime-lhe a licença, atalha o luxo

Da

Da lasciva ramagem, que forçosa
Não estranha do ferro já os rigores.
Sobre tudo já mais as cepas deixes
Feitas preza de estollidos rebanhos:
De sebes as rodêa, afim que os dentes
Venenosos dos ávidos novilhos,
E das cabras maléficas respeitem
De seus ramos a tenra mocidade:
Nem do Inverno tyranno os frios gelos,
Nem do férvido Estio o fogo ardente,
Que até penetra os aridos penhascos,
Lhes serão tão funestos, quanto destes
Damnosos animaes a bocca infausta.
Por estes crimes he que Bacho estima
Ver sobre seus altares derramado
De hirsuto capro o sangue delinquente.
Esta rêz era o premio, que em Athénas
Nos festivos Theatros se propunha:
A' vista delle os mimicos Actôres,
Transbordando de vinho, e de alegria,
Pelos prados saltavão sobre os odres:
Os Ausonios, reliquias portentosas
Dessa Troia infeliz, tambem conservão

Da antiga Grecia os Báchicos feſtejos.
De cortiça cubrindo enormes maſcras,
Em ſeus verſos groſſeiros, e burleſcos
Mil louvores ao Deos do vinho entôão.
Dos pinheiros ſuſpendem titubantes
As Eſtátuas do Numen de ſeus cultos,
A cujo aſpecto os montes, e os oiteiros
De ſeus dons precioſos ſe enriquecem.
Cantemos pois a Bacho ternos hymnos;
Imitemos de noſſos pais o zelo;
Arraſtrado aos altares ſacros ſeja
Entre applauſos geraes hum gordo bode;
Que em ſeu ſangue ſe enſope o ferreo cultro,
E que em ramos agudos de Oliveira
As entranhas em fim torradas ſejaõ.

Pede a vinha de nós certos trabalhos,
Da terra em quanto os almos ſuccos goſta:
Pelo curſo do anno quatro vezes
Dos curvos enxadões os golpes ſinta:
Sem ceſſar, da ſuperflua rama deſpe
Da fertil cepa os ramos eſcolhidos:
Já mais ſoffras que ſobre o chão repouſe
De pezados terrões a carga inutil:

Da

Da vinha em fim a rustica tarefa
Segue do anno o gyro successivo.
Mal as cepas despojão de verdura
Do frigido Aquilão os bravos sopros,
Cuidadoso renova teus trabalhos:
Já, pegando nas armas de Saturno,
Poda as vides, e elege os novos ramos;
Primeiro que nenhum teu predio cava;
Recolhe ao lar a rama combustivel;
As madeiras de longe cauto apromptा;
Derradeiro recolhe os doces cachos.
Duas vezes de verde folha as parras
Vestidas admiramos; d'herva espessa
Duas vezes ás tolda a sombra ingrata;
Tudo pede de ti cruel trabalho:
Não he pois da extensão, mas da cultura,
Que depende a feliz exuberancia.
Té dos vimes a prodiga colheita,
Do rustico salgueiro os tortos galhos,
E da margem limosa as longas cannas
Ao bom Cultivador dão exercicio.
E presúmes acaso, que, ligadas
Aos arbustos depois de ter as vides,

E de veres viçoſos já ſeus ramos
Começando a ſoltar ſombrias folhas,
Os fins podes cantar de teus trabalhos?
Ainda então de novo á terra volve:
Inda tens que temer!... bem póde o cacho
Da ſaraiva cruel ſer preza infauſta!
He já diverſa a placida oliveira:
Huma vez que arreigado o groſſo tronco
Sua coma frondoſa ao ár eleva,
De nenhuma cultura mais preciſa:
Já não mais do podão cruel depende,
Nem do enſinho tenaz o rigor teme:
A ſeus pés removêr a terra baſta,
Para que eſte feliz arbuſto veja
Fecundos florecer copados ramos.
Toda a raça feliz das ferteis plantas
A's eſtrellas remonta por ſi meſma,
Ao depois que na terra os troncos ſentem
Capazes de affrontar os fortes ventos.
Sem noſſa dependencia quantas plantas,
Pelos boſques ás aves dando aſilo,
Viçoſas vemos nós com flor, e fructos?
O codêço miniſtra aos gados paſto:

De

De seu succo os arbustos rezinosos
Nos prestão luz nas noutes tenebrosas.
E vendo taes prodigios, inda os campos
Por culpavel descuido estão desertos?
Já não fallo dos tumidos arbustos,
Que nos bosques obtem a primazia:
Nesses mais ignorados tambem póde
Sem trabalho int'ressar a sociedade.
Por ventura não devem aos salgueiros,
E ás humildes giestas, folha os gados,
Fresca sombra os pastores, seus reparos
Contra as feras as ricas sementeiras,
E a materia subtil os doces favos?
Quem não sente hum prazer incomparavel
Ao ver sobre as montanhas do Cytóro (29)
De buxos fluctuar os negros bosques?
Não achas, não, prazer que mais me encante,
Do que ver esses campos obumbrados
De florestas frondosas, sem deverem
Beneficios alguns á industria humana.
Essas mesmas estereis, toscas brenhas
Do Caucaso sublime, sempre expostas
A ser dos Aquilões ludibrio eterno,

De

De mil modos aos homens utilizão:
Ali negrejão pinhos façanhosos,
Se admira o cedro, o funebre cypreste:
Dali se fórma o carro sonoroso,
Dos regios Paços parte o rico tecto,
E das quilhas o lenho se transporta.
Esse mesmo salgueiro com seus galhos
De firme apoio serve ás brandas vides:
Dos olmeiros á sombra os gados nutrem;
Curvos arcos do teixo se affeiçoão:
Da verde murta, e roxa ceregeira
Guerreiros instrumentos talha Marte.
A leve til, o buxo ao torno docil,
Os arbitrios do sabio mestre ajudão;
Vai a faia sondar do Pado as ondas;
E da abelha sagaz o povo immenso
Dos carvalhos povôa os cavos troncos.
Por ventura de Bacho os dons jucundos
Maior estimação dos homens pedem?
Não fieis de seus doces atractivos!
Forão do vinho os fumos turbulentos
Quem vencêra os Centauros (30) furibundos;
Quem entre Pholo, Rheto, o bravo Hyleo,

E

E os Lapitas soprou cruentas guerras.
Quem mais feliz que vós, ó Camponezes,
Se souberdes prezar do campo os mimos.
Longe do horrido estrépito de Marte,
De tudo vos fornéce a terra equavel.
Assim he que ao raiar do Sol não vedes
De vís aduladores grossa enchente
Do palacio innundar os ricos atrios:
Seus porticos magnificos pasmada
Não admira do povo a immensa turba:
Para vós não se bordão d'ouro as roupas,
Nem se tingem de Tyro as lãs purpureas;
Não esculpe Corintho os ricos vasos,
Nem se amassão perfumes esquizitos:
Mas gozaes, em desconto, de huma vida
Virtuosa, feliz, e socegada.
Generosa capricha a Natureza
De no campo ostentar os seus thesouros:
Ali se encontrão grutas espaçosas,
Frescos valles, por cuja relva alegres
Mil regatos de vivas agoas brincão:
Não faltão bosques, onde o brando somno
Lisonjeiro serena os lassos membros;

Tem

Tem as feras ali frondosas brenhas,
E campinas o tímido armentio.
Só na aldêa se honra o Deos Supremo,
Se respeitão as alvas cãs paternas,
E se cria robusta mocidade.
Só ali se dignou passar seus dias,
Derradeiros na terra, a santa Astréa.
 As doces Musas, minhas complacencias,
A quem tributo gratos sacrificios,
Ao seu Coro me admittão carinhosas.
Ellas me ensinem, qual o movimento
Dos igneos Astros seja, quaes as causas
Dos Eclypses do Sol, e quem suscita
De Diana as fataes enfermidades;
Porque treme da terra o globo estavel;
Que potencia do alto mar as ondas
Crescer, e minguar suprema obriga;
Quem apressa do Sol no Inverno os coches,
E abrevia no Estio as tardas noutes.
Mas se acaso gelado já meu sangue
Destes altos mysterios o segredo
Me impedir o sondar; dos verdes campos,
Das florestas, das praias esmaltadas

Hirei gostar a bella amenidade.
Quem do Sperchio (31) se víra sobre as margens!
Quem teus bosques, frondifero Taygeto, (32)
Passeára de Esparta a par da Virgens!
Quem, ó Hemo, (33) se víra nos teus valles
Da fresca rama á sombra reclinado!
Venturoso o que póde as leis occultas
Sagaz investigar da Natureza;
Que se ri dos fantasticos terrores;
Que calca aos pés a sorte inexoravel;
Que do avaro Acheronte os vãos estrondos,
Vencendo-se a si mesmo, ousado affronta!
Mas inda mais feliz quem da campina
As Deidades conhece, quem dos bosques
Lisonjeiro acarêa as Nynfas bellas!
Nem a gloria das Fachas, nem dos Sceptros
O brilhante esplendor, nem vil int'resse,
Monstro fero que o proprio sangue insulta,
Lhe perturbão do Espirito o socego.
Rebelde embora o Daco passe o Istro;
Seus dominios embora augmente Roma;
Destrua Reinos, avassalle Imperios,

Que, insensivel da inveja aos vesgos olhos,
O nosso Camponez recolhe os pomos,
Que maduros dos brandos ramos pendem,
E que meiga lhe off'rece a terra culta;
Já mais dos Tribunaes frequente os atrios,
Nem do Fôro as entrigas ambiciona.

Agrade a huns o seio revoltoso
Temerario surcar dos cegos mares;
Cinjão outros de Marte os nobres louros;
Ou dominem nos regios Gabinetes;
Da rendida Cidade abata os muros
Crüel Conquistador, derrame o sangue,
Sómente por beber em aureos vasos,
E de Tyro dormir nas ricas sedas;
Miseravel enterre os seus thesouros,
E sobre o cofre durma o avarento;
De absorto povo escute os gratos vivas
O que aspira da Scena ao lustre excelso;
Haja barbaro Irmão, que manche o ferro
No sangue de outro Irmão, que deixe os lares,
E vá, longe da Patria, desgraçado
Nas praias, acabar d'estranhos mares:

Ale-

Alegre o Camponez, passando os dias
No regaço da paz, cultiva os predios
Apertados, que herdou de seus maiores.
D'ali a Patria nutre, os ternos filhos,
Os rebanhos, e os bois, que companheiros
Sempre forão fieis de seus trabalhos.
Não decorre Estação, que bonançosa
Com seus jucundos dons o não convide.
De Cordeiros a doce Primavera
Lhe povôa os curraes; o secco Estio
De louro trigo lhe enche as amplas tulhas;
De seus pomos o prodigo Outono
Mimoso o faz, e sobre os altos montes
Ao Sol sazona os cachos preguiçosos.
Vem o frigido Inverno: então seus fructos
As florestas presentão; cae a glande
Das copadas azinhas, e azeitona
Nos lagares destila aureas ondas.
Entretanto os filhinhos lhe disputão
De seu colo pendentes ternos bejos:
Toda a casa respeita as leis do pejo:
De doce leite as vaccas o enriquecem;

E

E os cabritos, medindo as tenras frentes,
Folgazões se divertem sobre a relva.
Nos dias festivães emprega as horas,
Já no pio exercicio, já nos jogos:
Humas vezes o vejo rodeado
De jocosos amigos, enxugando
Em teu louvor, Leneo, purpureas taças;
Outras, premios propondo vantajosos
Na destreza, e na força aos vencedores,
Hum despede veloz a fréxa ao alvo,
Outro os membros na luta desconjunta.
Nesta vida innocente se criárão
Os primeiros Sabinos; florecêrão
De Marte, e Rhea os dous oppostos filhos(34):
Crescêo d'Hetruria a tumida potencia.
Assim Roma, Rainha do Universo,
Sete montes cingio d'altivos muros.
Não foi de outra maneira que Saturno
Sobre a terra passou seus aureos dias,
Antes que impios os homens se atrevessem
Gostar dos animaes a carne, e o sangue.
Ainda então Mavorte não tocava

Nos

Nos combates a bellica trombeta;
Nem nas duras bigornas ſcintilava
Das eſpadas o ferro fulminante.
Mas nós temos corrido longo eſpaço,
Repouſem já os cavallos eſpumantes.

NOTAS
AO
SEGUNDO LIVRO.

(1) *Lenéo he o mesmo Bacho, de que fallamos no primeiro Livro.*

(2) *O Loureiro foi sempre consagrado ás Musas.*

(3) *Toma-se o Ismaro, e o Taburno por quaesquer montes capazes de produzir vinhas, e oliveiras. Ismaro he hum monte de Tracia, não longe da embocadura do Hebro, celebre pela boa producção de vinhos. Taburno he hum monte de Campania, entre Capua, e Nola, que produz bem as oliveiras.*

(4) *Chama-se Paphia á murta, por ser arvore consagrada a Venus, a qual era tida em grande veneração em Paphos, Cidade da Ilha de Cypre.*

(5) *Alcides era o grande Hercules de Thebas, a quem a Gentilidade consagrou o choupo, por se fingir que este heróe descera aos In-*

infernos, coroado com ramos desta arvore.

(6) *Lesbos he Ilha do mar Egêo, em que estava a Cidade Methimna, muito conhecida pelos bons vinhos.*

(7) *Thasos he Ilha do mesmo mar.*

(8) *Contavão se tres Mareotes; hum lago do Egypto ao Meio dia de Alexandria; huma parte da Africa confinante com o Egypto, que se chamou Marmarica, e agora Barca; e foi tambem huma parte do Epiro: a qualquer destas Regiões se attribue o vinho Mareotico.*

(9) *Rhaetica era huma região confinante com a Italia, entre os Alpes.*

(10) *Falerno he hum monte, e hum campo de Campania, fertilissimo em vinho, e pão; Aminéas, nome de huma casta de videiras, de que havia abundancia em toda a Italia, as quaes ferão transportadas para esta região dos povos Aminios de Thessalia.*

(11) *Phanêo he hum monte no promontorio de Chios, ilha do mar Egêo, tambem abundante em vinhos.*

(12) *Rhodes he ilha do mar Mediterrâneo.*

(13) *Não he só na India que se produz o bebano; tambem se cria em mais partes assim como na Ethiopia, e na ilha Madagascar.*

(14) *Sabêos são povos da Arabia feliz, onde se produz o insenso.*

(15) *Seres erão huns povos confinantes com os Scithas, Indios, e Chinefes, os quaes se applicavão a pentear das arvores huma especie de cotão, que fabricavão.*

(16) *Esta planta da Media, região da Asia, commumente se reputa ser a cidra.*

(17) *Ganges he hum rio, que correndo dos montes Emodos, devide a India em duas partes.*

(18) *Hermo he hum rio da Lydia, em cujas arêas se encontra muito ouro.*

(19) *Pancaia he huma região da Arabia feliz.*

(20) *Cólchos he huma ilha, aonde Jason foi roubar o Velocino de ouro, que estava guar-*

guardado no Templo de Marte por hum Dragão, e por touros, que vomitavão fogo: Jason domou estes touros, matou o Dragão, e tambem a grande multidão de Soldados, que nascerão dos dentes semeados na terra, e ficou senhor do Vello, valendo-se para tudo dos encantos de Medéa.

(21) *Clitumno he hum rio de Italia, na Cimbria, que juntando-se com o rio Topino, se vai lançar no Tybre; naquelle rio se lavavão as victimas, que nos sacrificios dos Triunfos se offereciam a Jupiter Capitolino.*

(22) *Laro he hum lago de Milão, chamado lago Dicomo, por lhe ficar a hum lado huma Cidade deste nome.*

(23) *Benaco he outro lago no campo Veronense, chamado lago Digarda por lhe ficar ao Oriente huma Cidade deste nome.*

(24) *He huma grande obra feita nos lagos Locrino, e Averno pelo Sennado em tempo de Julio Cesar.*

(25) *He o Poeta Hesiodo da Cidade de*

 As-

Ascra, a quem imitou Virgilio nas Georgicas.

(26) *Vesuvio monte de Campania, que vapóra chammas.*

(27) *Claneo he hum rio, que corre ao pé de Acerras, antiquissima Cidade de Campania, não longe de Napoles.*

(28) *São as cegonhas.*

(29) *Cythoro he monte de Paphlagonia.*

30) *Centauros, e Lapitas erão povos de Thessalia; huns habitavão ao pé do monte Pindo, e outros do monte Othrys.*

(31) *Sperchio he rio de Thessalia, que corre do Pindo.*

(32) *Taygeto he hum monte da Laconia, vizinho d'Espartha.*

(33) *Hoemo he hum monte de Thracia, perto do qual desbaratou Octaviano, e Antonio a Bruto, e Cassio.*

(34) *São Romulo, e Remo.*

LI.

LIVRO III.

GRande Pales, (1) e tu paſtor divino,
Què do Amphryſo(2)pizaſte as verdes margens:
Vós boſques do Licêo (3), vós claros rios,
Minha Muſa vos vai fazer famoſos.
Eſtão de todo já vulgariſados
Os jocoſos aſſumptos, que podião
Entreter os engenhos ocioſos.
Quem ha que não cantaſſe o moço Hylas, (4)
E os trabalhos crueis do Heroe de Thebas?
Quem do impio Buſiris (5) deſconhece
As aras criminaes, o deſtro Pelops,
Hypodamia fatal (6), e o parto illuſtre
De huma Deoſa (7) na ilha fluctuante?
Tentemos pois tambem por nova eſtrada
Para o templo immortal voar da Fama.
Sim, ó Mantua, ſe o Ceo me eſtende os dias,
Eu prometto trazer-te do Heliconte
Das nove Irmans o coro gracioſo:
Hei-de ſer o primeiro, que em teus campos
Plantará de Iduméa as altas palmas.

Neſ-

Neſſas margens fecundas, onde o Mincio (8)
Serpentea por entre as louras cannas,
Minhas mãos erguerão marmoreo templo,
No meio brilhará ſublime o Buſto
Do magnanimo Ceſar ſobre hum throno;
Arraſtrando de Tyro ricas veſtes,
Sobre as praias farei ferver cem carros,
Toda a Grecia,doAlphêo(9)deixando as bordas,
E eſquecida dos boſques de Molorcho, (10)
Virá applaudir tão célebres feſtejos
Com ſeus jogos crueis do ceſto, e curſo.
Coroado com ramos de Oliveira
Serei eu meſmo quem os premios julgue.
Todo o auguſto cortejo eſteja prompto,
Ao templo vamos, queimem-ſe os incenſos,
E degolem-ſe as victimas votivas.
Ao theatro corramos, onde alegres
Veremos ſucceder as varias ſcenas;
Vereis como os pintados pannos alção
Os captivos Bretões esbaforidos.
Gravarei deſte templo ſobre as portas
Em tarjes de marfim d'Auguſto os feitos;
Vereis do Nillo as ondas carregadas

De

De despojos navaes, e os altos bustos
Fabricados do bronze do inimigo.
Vereis ali tambem represéntados
O timido Niphate, (11) a fertil Asia;
Suas bellas Cidades, dando os braços
Aos Romanos grilhões; o destro Partho
Já puxando d'aljava, já fogindo;
E tu, Cesar, senhor dos mares ambos,
Com dous tropheos ornando a fronte illustre.
Ali admirareis reanimados
Em marmore de Paros, Asaraco, (12)
Seu filho, seu pay Tros, o author de Troya,
Toda a raça dos Julios, que de Jove
Até Cesar deduz a longa origem.
E quanto tremereis ao vêr que os ferros
A torpe inveja morde entregue ás furias!
Hão de enchela de horror da turva Estigia,
Do terrivel Cocyto as roxas ondas,
As serpentes de Ixião, (13) a roda eterna,
E o rochedo voluvel de Sisypho. (14)
Entretanto, ó Mecenas, pois o mandas,
Pelos bosques, e selvas romperemos
Vareda nova, ainda não trilhada.

Vem

Vem comigo pois já ouço os clamores,
Que nas brenhas retinem de Cytheron:
Já das frautas os gratos sons nos chamão;
Já dos cães do Taygeto os fortes brados,
A quem responde o éco das montanhas,
E os agudos relinchos dos cavallos
Da fecunda Epidauro (15) os ares ferem;
Cantaremos depois os nobres feitos
Do nosso illustre Heroe, por tantos annos
Quantos de Tithão dista o mesmo Cesar,
Sua fama faremos preduravel.
Quer alguem ter cavallos animosos,
Capazes de vencer d'Achaia os premios?
Quer os campos romper com fortes touros?
Com cuidado das mãis a raça escolha.
Seja da vacca a fórma carrancuda,
Desmedida a cabeça, o colo espesso,
Longas papadas, longas as ilhargas.
Deixem seus pés impresso hum largo rasto;
Movão-se a par dos cornos retrocidos
Duas crespas orelhas veludadas:
Tudo nas vaccas grande se devise.
Tambem prefiro aquellas que nas vestes

Se-

Semeadas me moſtrão brancas malhas;
Que ſacodem da frente o jugo airoſas;
Que, á maneira de touros, muitas vezes
Da dura téſta as forças exercitão;
E que cheias de brio, a fronte erguendo,
Pela terra comprida cauda arraſtrão.
São mais proprios a Venus, e aos trabalhos
Os annos, que dos quatro aos dez decorrem:
Só neſte eſpaço goſtem dos prazeres,
Que nos mortaes infunde a Natureza:
Delle pois te aproveita para encheres
Teus curraes de robuſta deſcendencia.
Da vida a Primavera são os dias,
Que primeiros decorrem, apoz delles
Chega a triſte velhice, refecendo
Os membros já caducos, e encreſpando
Sobre os oſſos a pelle; vem as dores,
Da morte acerba horridos correios.
Hum anno pois não paſſe, ſem que Venus,
E Lucina reformem teus rebanhos.
Igual cuidado devão-te os cavallos:
Deſde a infancia vigia ſobre aquelles,
Que hão-de vir a ſer pais da equina raça.

Dos

Dos pedrezes, dos bons castanhos claros
He estimavel a intrepida coragem;
Mas dos alvos, dos claros alazões
He bem notoria a languida moleza:
O poldro generoso logo marcha
Pelos campos com grande ardor, e brio:
Nenhuns sons o intimidão, he o primeiro
Que se avança ás mais rapidas correntes,
E que as pontes affronta não sabidas.
Tem cabeça afilada, largos lombos,
Carnuda espádua, colo levantado;
Sobre as polpas do peito se estão vendo
As vêas palpitar, mover os musclos:
Pois se escuta da tuba as roucas vozes?
Todo se altera, todo se arripia,
O corpo lhe estremece, as ventas fumão,
As orelhas refita, o dorso treme,
Sobre a espádua direita a coma ondea,
E por baixo dos pés retine a terra.
Tal de Polus o Cilaro (16) famoso;
Taes de Achyles, e Marte os bons ginetes;
E tal Saturno, (17) quando surprehendido
Pelos valles do Pelio eriça as crinas,

Com

Com relinchos os bosques aturdindo.
Quando o pezo dos annos, ou dos males
Do possante cavallo o fogo extingue,
Não mais de Venus goste dos prazeres,
Com honra acabe a languida velhice.
Da idade os gelos já de amor não deixão
Os impulsos sentir ao triste bruto:
Suas forças, se acaso em brio o metes,
Logo se extinguem, todas esmorecem
Bem como o lume ás palhas atteado.
Do poldro pois os animos indaga;
De que idade, que raça, se sensivel
A' gloria de vencer, da infamia treme.
Escutou-se o signal! Logo cem carros
Ao campo se arremeção furibundos,
Huns affrouxão; ávante os outros passão:
Entre susto, e esperanças palpitando,
Dos mancebos fluctua ardente o peito:
Ora se inclinão, ora se endireitão,
Ora caracolando, o vento affrontão,
Nem respirão, nem folgo ao menos tomão:
Aos açoites sensiveis os cavallos
Mal briosos os pés na area estampão,
Faif-

Faiſcas fere o eixo; as rodas fumão:
Tolda os ares de pó ſombria nuvem;
De branca eſcuma as ancas humedece
Do vencedor aligero o vencido:
Tanto a gloria os cativa, tanto os cega!
Ericthonio (18) o primeiro foi que ao jugo
Submetêo do cavallo o duro colo;
Que puxado por quatro ſobre as rodas
Invenſivel ouſou firmar as plantas.
Ninguem ſoube affazer aos duros freios
Eſta raça, primeiro que os Lapitas: (19)
Delles he que os ginetes aprenderão
A compaſſo marchar, reger no meio
Dos combates ſeus rápidos furores.
Mas ou carros arraſtre, ou ſobre o dorſo
Com ſeu meſtre carregue, ardente, novo,
Furioſo, e ligeiro opoldro ſeja;
Inda que elle ſe diga deſcendente
Dos da raça do mar, ſerviſſe heroes,
Ou naſceſſe em Mycenas, ou no Epiro.
Feita deſta maneira a ſabia eſcolha,
Dos rebanhos no chefe attento cuida:
Não lhe poupes da pura fonte o nectar:

Nem

Nem lhe negues aváro as novas messes:
De outra forma de Venus aos prazeres
Ve-lo-as sucumbir; verás com pena
De hum Pai fraco sahir hum debil filho.
Segue á cerca da mãi diverso rumo:
Aos primeiros impulsos amorosos,
Da verde relva, e clara fonte a livra;
Fatiga assim com rápidas carreiras,
Quando os raios do Sol mais vivos torrão;
Soffre a eira da messe o pezo enórme,
E não temem do vento a força as palhas:
Mais, e mais faceis pois os almos germes
Do campo genital o fundo sondão.
  Mais inchado devisas já seu seio?
Serão poucos, os teus disvelos todos:
De seu colo distante o jugo peze;
Nem consintas, que corra, nem que lute,
Nem, que os rios affronte caudalosos:
Mas nos prados, aonde mansamente
Serpenteão por entre a relva as ondas,
Dos verdes pastos goste; passe os dias
Nas margens apraziveis, onde a grama,
Enlaçada com varias flores, tece
Hum

Hum brilhante matiz, e aonde a sombra
De hum rochedo convida ao brando somno.
  Sobre tudo já mais a vacca exponhas
Dos Moscardos á furia insuportavel.
Nas ribeiras do Silaro (20) viçoso,
E lá junto do Alburno, cujas brenhas
Ao longe estendem sombras horrorosas,
Furibundo murmura hum bravo insecto; (21)
Sua bocca mordaz o incauto armento
Por campinas persegue, e por montanhas;
Tudo treme, aos mugidos horrorósos
Dos pobres animaes; os Ceos, os bosques,
E do secco Tanágro as margens frêmem:
D'esse monstro infernal o dente infausto
Já sobre Ió (22) vingou de Juno os zelos.
Não queiras pois que a prenhe vaca paste,
Quando Febo impinado os raios vibra,
Mas sómente ao raiar d'Aurora, ou quando
Seu manto desenrola a triste noite.
  Depois do parto, devão-te os novilhos
Os cuidados da mãi; nas tenras frentes
O nome, e a sorte o ferro lhe assignale:
Huns virão a tingir de sangue as Aras,
Ou-

Outros ser esperança do rebanho;
Outros espera a rigida charrûa,
Em quanto o resto, errando nas campinas,
Sem trabalho dos pastos se utiliza:
Dos que hum dia viráõ infatigaveis
Da terra a lacerar o duro seio
Desde a idade mais tenra discíplina
Com suaves licões a docil força.
Ao principio seu nedio cólo cinja
Tremulante colar de brandos vimes;
Pouco depois ao jugo emparelhados
A seus passos traçar iguaes aprendão;
Té que por fim affoitos pela arêa
Rodar fação fervendo hum leve carro,
Sem que no pó vistigios se divizem.
Mas vê-los já robustos? grossos eixos
Sobre as rodas gemer junguidos oução.
Entretanto com larga mão suggire
Dos salgueiros a rama ás novas rezes;
Seus prezépios d'hervagens frescas enche,
De palustre labaça; não perdoes
Das viçosas farrâs aos verdes feixes:
Deixa das mãis o leite aos doces filhos;
Náo

Não queiras que no tarro todo eſpume ;
De teus pais imitando o genio avaro.
Mas ſe acaſo do Alfêo nas longas praias
Ambiciônas fazer voar hum carro ;
Ou ſe intentas nas turmas de Mavorte
De hum ginete reger os altos brios ;
Desde a infancia acoſtuma ſeus ouvidos
Ao tocar da trombeta , ao ſom dos freios :
Veja combates , veja das carroças
As velozes carreiras ; que ſenſivel
A' doce mão , que o afaga , alegre eſcute
Do ſabio meſtre as vozes liſongeiras.
Da doce teta apenas for tirado ,
Ainda fraco , timido , e innocente
Aos móles cabeções a fronte eſtenda.
Mas paſſados tres annos , logo o ferro
Maſtigando , comece a revolver-ſe ,
A girar , e a dobrar as curvas coxas ;
Labóre ; galopêe á redea ſolta ,
Sem na arêa tocar , os campos cruze.
Tal o arctico Bóreas turbulento ,
Deſatado das grutas hyperboreas ,
Da Scythia ao longe expelle as ſeccas nuvens :
Ver-

Zurse os campos, açoita as louras messes;
Rompe os bosques, investe os fundos rios;
E bramindo com hórridos clamores,
Faz, na terra, e no mar horrendo estrago.
Cêdo o verás, intrepido voando,
No campo Elêo ganhar honrosas palmas;
Ou, da bocca vertendo sangue, e escumas,
Generoso puxar mavorcios carros.
Em quanto não domado, não consintas,
Que de fortes comidas se alimente;
De outra forma, ao luzente freio indocil,
Respirando furor, orgulho, e raiva,
Aos açoites crueis será insensivel.
Mas sobre tudo, longe do armentio,
Qualquer que seja, tudo quanto accende
De hum cego amor no peito os doces fogos:
Fundos rios, aspérrimas montanhas
Da esbelta femea o docil touro apartem;
Ou clausurado encontre nos presépios
Quem metigue de seu desterro a pena:
A' vista della pois amor o abraza,
Despreza os pastos, foge das florestas,
Nem a sombra o captiva, nem as fontes.

Muitas vezes, em quanto retirada
No bosque espesso a bella rez pascenta,
De dous rivaes se trava insana guerra;
Frente com frente intrepidos guerreiros,
Qual á espádua contraria se arremessa,
Qual nos peitos oppostos fixa o tiro:
Já mil plagas se rasgão, já mil rios
De negro sangue os dous Athletas banhão:
Seus mugidos horrisonos atroão
Brenhas, ares, e Ceos, nenhumas tregoas;
O vencido vai antes nos desertos
Ternas vistas lançando aos patrios campos,
Da amiga lamentar a perda inulta,
Sua infamia, seu sangue esperdiçado.
Mas os zelos, e o monstro da vingança
Por toda a parte o peito lhe devorão:
Ali mesmo, dormindo sobre as rochas,
E só comendo insipidas hervagens,
Sua raiva exercita inexoravel:
Sua frente combate os duros troncos,
Suas patas de area os ares toldão,
Enbridando cruel as tortas armas,
Com golpes vãos os ventos desafia.

Ape-

Apenas cobra alentos, dando ſenhas
De infauſta guerra, parte como hum raio
Dos braços do rival roubar a preza.
Aſſim terrivel varre os altos mares
Creſpa vaga por Euro compulſada;
Maior que hum monte ás nuvens remontando;
Com tremendo fragor ſe precipita
Sobre os altos cachopos, ſobre o ſeio
Do implacavel Neptuno; o fundo abyſmo
Por cem boccas parece, e ao alto arroja
Com bramidos montões de negra area.
A quanto, Amor, obrigas os viventes!
Tudo ſente os teus fogos, feras, homens,
Lindas aves, equorceos nadadores.
Tudo victima he da prenhe aljava,
Que pendente dos alvos hombros trazes.
A Leôa, dos filhos eſquecida,
Mais ardente, e cruel nos boſques brame,
Quando os rins lhe devorão teus venenos:
Em terrivel tropel os creſpos Urſos
Das floreſtas no horror a morte eſpalhão:
Então he que os falcados dentes cevão
Cruento Javali, ſanhuda Tygre:

(Infeliz o que a Lybia então caminha!)
Do cavallo não vês tremer os membros,
Se de Venus pressente hum leve impulso?
Desprezando orgulhoso açoite, e freio,
De seu desejo apoz ardente vôa;
Nem montanhas, nem rios caudalosos,
Nem penhascos retardão seus furores.
Dos Sabinos a mesma hirsuta fera
Furibunda arreganha os alvos dentes,
Compelle o chão, eriça as duras crinas,
E roçando n'um grosso tronco os lombos,
Contra os feros rivaes ardente parte.
Que não emprehende o moço enamorado (23)
Por do objecto gozar, por quem suspira?
Nos horrores de infausta noute affronta
Com seus braços de hum bravo mar as ondas:
Os Nothos gritão, brama o alto Olympo,
Os Ceos se entornão, caem ímpios raios;
Representão-se os pais em ternos choros,
Envolta em dó figura-se a donzella,
Que seu fatal destino já pressente;
Mas immovel nos seus projectos loucos,
Temerario se arroja á sorte insana.

Que

Que combates não travão ſanguinoſos
O Lobo, o Cão, o Lince, e o negro Corvo?
Sobre tudo das Egoas nada iguala
Os impulſos crueis; a meſma Venus
Lhes infundio ſeus fervidos incendios
Quando Glauco (24) entregou inexoravel
De ſeus dentes á furia vingadora.
Amor as leva ao alto das montanhas,
E as obriga a affrontar os turvos rios:
Des que o tempo calmoſo os doces fogos
Nas veas lhes deſperta, ardentes trepão
De hum rochedo eſcarpado ao alto cume:
Ali d'almos Favonios os efluvios
Pela bocca ſorvendo (couſa incrivel!)
Sem concurſo de Pai fecundão logo.
Então ſim que nem rochas, nem montanhas
Deter-lhes podem ſeu volatil curſo;
Cruzão campinas, ſalvão precipicios,
Não viradas do Sol aos rôxos berços,
Mas aos frios do Cauro, ao negro Auſtro,
Que embrulha os Ceos, de chuva o mundo alaga.
Então he que deſtilão ardiloſas.
Aquella immunda Hyppomanes Venerea:
Hy-

Hyppomanes fatal que tanto ſerves
Aos preſtigios da perfida madraſta!
Mas vôa o tempo, foge irreparavel,
Em quanto me entretem de Amor os fogos.
Ao grande armento ſigão-ſe os rebanhos
Das creſpas Cabras, pavidas Ovelhas.
Toda a voſſa fortuna, toda a gloria
Daqui depende, ó candidos Paſtores.
Deficil he tratar com dignidade
Tão eſtéril materia, tão raſteira:
Mas do Pindo aos reconditos deſertos
Que prazer eſcondido me convida!
Não ſei que voz divina me encaminha
Aos boſques da Caſtalia por veredas,
Das plantas dos mortaes nunca trilhadas!
Sim, Pales veneranda, inſpira agora
Divinos ſons á Lyra altiſonante.
Em ſeus curraes o manſo gado çeva
D'hervagem pingue, em quanto não germina
Pelos prados a grata Primavera.
O brando colmo, os fetos eſpargidos
Pela terra, de ſeus mimoſos corpos
As doenças, e os frios affugentem.

De

De frondósa folhagem, d'agoa pura
Cuidadoso as campestres cabras nutre:
De seus apriscos longe os frios sopros
Estrepitem do Boreas revoltoso;
Antes os lave o Sol do meio dia,
Té que o flavo Pastor do Amfriso fuja.
Não menor attenção de nós merece
Tambem de gados esta hirsuta raça.
Assim he, que felpudas não ministrão
Niveos vélos de Tyro ás ricas tintas;
Mas ao menos com premios não escassos
Teus devidos trabalhos recompensão:
De seus filhos a tropa brincadora
Nos compridos curraes apenas cabe;
Nunca do leite cessa a copia ingente,
Quanto mais comprimida a fertil teta,
Mais o nectar no cheio tarro espuma.
Do mesmo bode as barbas eriçadas,
E seu rispido pêllo aos nautas formão
Vestes humildes, tendas a Mavorte.
De dia pascem sobre as altas rochas
Picantes silvas, horrida frondagem:
Chega a noute, ellas mesmas seus rebanhos
Fol-

Folgazões ao curral conduzem fartas:
Tanto he de ſeu ſeio então o pezo,
Que mal podem ſalvar do apriſco a porta.
Vigia pois ſobre eſte inculto gado;
Não lhe deixes ſoffrer do Inverno os frios;
Nem meſquinho lhe feches teus celeiros.
Mas brilha já riſonha a Primavera?
Vê-ſe já nos jardins brincar Favonio?
Teus rebanhos aos novos paſtos manda;
Saião logo que Venus no horiſonte
Moſtrar começa a fronte luminoſa;
Quando o gêlo nos prados inda alveja,
E da tenra verdura pende o orvalho.
Quatro horas depois, quando nos boſques
Queixoſa pálra a inſipida cigarra,
Vejão teus gados tanques cryſtalinos,
Murmurantes regatos, onde a ſêde,
Que os devóra, ſacêem doces linfas.
Ao Meio dia vai-lhe das floreſtas
Mais profundas moſtrar a ſombra fria;
Com ſeus ramos altivas azinheiras
Aos ardores do Sol de muro ſirvão:
Tornem de tarde ás ondas remanſadas;

No

No pasto os ache a estrella mensageira.
Tudo pois ao chegar da meiga noite
De hum jucundo prazer indicios mostra:
Canta nos bosques rouxinol suave,
Nas praias geme Alcyone queixoso.
  Que direi dos Pastores Africanos,
De seus tectos errantes, de seus pastos?
Dias, noutes, e até mezes inteiros,
Sem abrigo encontrarem, seus rebanhos
Por aquelles desertos longos pascem.
Armas, Deoses, Aljaves, Cães, e Lares,
Tudo o adusto Pastor comsigo leva.
Tal o Romano intrépido soldado,
Que nos hombros levando hum pezo enorme,
Nenhum descanso toma, em quanto as Aguias
Não tremulão á testa do inimigo.
  Diversa norma seguem constrangidos
Da inculta Scythia os povos, os que habitão
Da lagôa Meótes sobre as bordas,
Ou nas margens, por onde a flava arêa
Revolve o Istro, ou onde a nivea fronte
Revira ao polo o Rhodope sublime.
Seus rebanhos já mais do tecto sáem:

Não

Não verdêjão ali no campo as hervas,
Nem cobre os troncos trémula folhagem:
Sete braças submerge a terra o gêlo,
De mil Invernos obra successiva:
Ali sempre soprando acêrbos frios,
Se exercita de Eolo a tropa horrenda:
Nunca do Sol os raios decipárão
A negra sombra, os densos nevoeiros,
Nem quando ao alto os louros brutos guia
Nem quando no Oceâno as rodas tinge.
De repente dos rios prende o curso
De brilhante crystal marmoreo toldo:
Então he, que em lugar da aguda quilha
Soffre a onda por cima a ferrea roda:
Restala o aço, as vestes se enteirição,
E he preciso que o ferro os vinhos córte:
Não ha lago, que aos olhos não presente
Perspectiva brilhante, e aos pés firmeza:
Tanto dos frios podem os rigores!
Nunca do ar despega a branca neve;
Perece a ovelha; topão-se infundidos
De gamos, e de bois immensos bandos,
Entre os gélos mostrando a fronte apenas:
Para

Para então os caçar, nem cães, nem redes,
Nem aligeras frechas são precisas;
Ali mesmo, fazendo vãos esforços
Por do peito expelir as niveas serras,
Regão de sangue os cultros dos selvagens,
Que com grandes clamores vão alegres
Fartar de carne as ávidas entranhas.
  Estes povos no bojo das montanhas,
E nos antros feliz a vida passão:
Ao redor das fogueiras com festejos,
E bebendo hum licôr de agrestes fructas,
Suavizão da noute o longo espaço.
Tristes mortaes! aos frios só resistem
De Leopardos crueis com duras pelles.
  Se interesses das lans tirar desejas,
Dos pingues pastos foge; evita os bosques
Onde o abrolho cruel os dentes mostra.
Da côr da neve vistão teus rebanhos:
Seja niveo tambem do chefe o velo;
Mas se manchas na lingua lhe devisas,
De novo sucessor te occupe a escolha;
Não succeda com dor nos filhos veres
Semeados do pai os negros vicios.

O' Diana, ſe crivel he o que dizem,
Foi de candido vello reveſtido,
Que de vós triunfou d' Arcadia o Deos;
Eſta côr vos cegou !.. vós o ſeguiſtes
A' negra ſolidão de hum denſo boſque.
Mas do leite ſe mais te agrada a copia,
Não perdoes aos lothos, e aos codeços;
Não careça o curral das gratas hervas,
Que, por terem mais ſal, a ſede irritão;
Com tal ſuſtento mais ardente o gado
Se entrega aos rios; mais o ſeio alarga,
E mais grato ſabor o leite offréce.
Das mãis queres vedar os caros filhos?
Segue a praxe, que muitos exercitão:
Duros laços as boccas lhes comprimão.
Quanto leite ao ſurgir do Sol lhes mugem,
Ou do dia no ardor, de noute expremem;
Quanto do tarro ſobre as bordas ferve,
Quando a noute ao curral convida os gados,
Ou d' Aurora ao romper conduz á Villa
Vigilante Paſtor; ou mal ſalgado
No eſcaſſo Inverno ſerve de alimento.
Não menos vigilancia os cães te devão
Ro-

Robusto pão com sóros amaçado
Nutra dos gados estes defensores.
Com taes vigias, nem dos lobos temas
Os assaltos crueis, nem te horrorizem
De nocturnos ladrões armadas tropas.
Vê-los-has humas vezes nas planicies
As lebres a cossar, deter as corsas,
E aferrar no Campestre onágro os dentes:
Outras, lá dos alpestres enxodreiros
Turbar os javalís com seus latidos,
E obrigar a cair na rede o cervo.
De teus curraes com fumo de Gálbano,
Com cedros incendidos affogenta
Da serpente sagaz a raça infausta.
Muitas vezes debaixo dos presépios.
Inimigo do ár, e luz se accolhe
Do Aspide fatal o monstro infesto:
Ali cruel tambem se esconde a cobra
Dos rebanhcs, e bois lethal flagélo:
Quando vires, que esgrime a longa cauda,
Que sibila feroz, erguendo o cólo;
De seixos te arma;.. logo a terra morda:
Bem depressa verás, como aturdida,

Des-

Desnodando com pena as tortas roscas;
Vai a fronte sumir na aberta penha.
Mas quanto mais horror inspira a serpe,
Que na inculta Calabria acerba sylva?
Sobre hum ventre pintado airosa arrastra
D'alvas escamas cheio hum longo dorso:
Quando os rios trãsbordão, quando os campos
De grossa enchente allaga a Primavera,
Nas cavernas dos fundos lagos mora;
Quantos peixes nas turvas ondas brincão,
E quantas rans nos verdes limos palrão,
Tudo engolem do monstro as negras fauces;
Mas apenas do Sirio ardente a chamma
Enxuga o tanque, e fende as seccas terras,
Deixa os charcos immundos, corre aos campos,
Onde ardendo com sede, calma, e raiva,
Co'a longa cauda açoita os seccos matos.
Guardai-me, ó Ceos, de incauto nas campinas,
Ou nos bosques gozar de hum brando somno,
Quando toda orgulhosa a serpe horrenda,
Deixando a prole, ou os ovos execrandos,
Expõe ao Sol as conchas scintilantes,
E vibra ardente a lingua tripartida!

Do

Do mal, que afflige os timidos rebanhos,
Aprende agora as caufas, e os fymptomas.
Muitas vezes, fe o Inverno com feus gelos,
Ou com chuvas trafpaffa os brancos velos;
Se quando os defpe o ferro devorante,
Não lhes limpa o fuor hum claro tanque;
Ou fe as carnes lhes rompe agudo efpinho,
Torpe gafeira os gados infeciona.
Na cura então, Paftor, não fejas tardo:
Nas mais claras ribeiras enfiado
Merguhe alegre todo teu rebanho:
Nas ferenas, nas ondas fugitivas
Bandee o velo o intrepido carneiro.
Depois de nûs, feus corpos lhes fomentem
Brandas maffas de pés, d'efcuma argentea,
De cebola albarrã, d'enxofre, e cera:
Sobre as pelles mirradas fe derretão
Do Eleboro, e betume os pingues fuccos.
Mas fe em menos efpaço sãos os queres,
Se defterrar defejas de feus membros
Effe vicio fatal, que lentamente
Sobe de ponto, em quanto preguiçofo
Só dos Ceos efficaz foccorro efperas;

Da

Da chaga a bocca rasgue o ferreo cultro?
Inda quando penetra a dor os ossos,
E da Ovelha infeliz com lentos fogos
As entranhas consome ardente febre;
Será bom que subtil hum ferro faça
Do curvo pé saltar purpureas ondas.
Este o mesmo costume desses povos,
Que nas selvas da inculta Getia vagão,
Que do Rhodope as altas rochas trepão,
E que bebem com leite o sangue equino.
Se experimentas que alguma rez procura
Muitas vezes a passo lento as sombras,
Que das hervas debica mal as crutas,
Que sempre atraz das outras preguiçosa
Remoendo se deita sobre os pastos,
Ou que longe das mais recolhe á noite;
Priva-a logo da luz, não mais respire;
Não succeda, que prompta, e sem remedio
Por todo o gado grasse a peste infame.
Não com tanta presteza Eolo irado
Sobre o mar descadêa a tropa infausta,
Com quanta os males fazem contagiosos
Nos rebanhos seus rápidos progressos.

Cor-

Cordèiros, pais, e mãis, curraes inteiros,
Todos victimas são de ſeus furôres.
Inda hoje deſertos, ó Noricia,
Tuas margens, e os teus flóridos campos
Teſtemunhão d'antiga peſte o eſtrago:
Com calores mais denſos, que os do Eſtio,
Todo o ár empéſtou, ribeiras, lagos,
Paſtos, fontes cruel o Outono ardente:
Dos rebanhos, das feras toda a raça
Lamentavel ſoffreo nefánda morte.
E que morte horroroſa! não vibrava
De hum ſó modo ſeu cultro a Parca impia;
Huma ſede implacavel a principio
Nas vêas eſpalhava ardentes chammas;
Logo pouco depois acerba cópia
De hum licôr venenoſo, pouco, e pouco
Devorava da rez os podres oſſos.
Quantas vezes ao pé das ſacras Aras
Mortal cahio a victima enfeitada
Sem ſoffrer da ſegúre o impio gume?
Ou ſe acaſo mais déſtro o Sacerdote
De alguma na cervís imprime o golpe;
Nem as podres entranhas torra o fogo,

Nem dellas agourar se atreve o Vate:
Hum negro sangue apenas tinge o ferro,
E da arêa salpica a superficie.
Todo o gado perece, todo morre:
Aqui se vê nos prados bocejando,
Sem lembrança das hervas, o novilho;
Além se encontra ardendo em raiva insana,
Feito preza da morte, o cão fagueiro.
Quem diria!.. o cavallo, que inda a pouco,
Se embridava, brioso relinchando,
Já do feno se esquece, e já despreza
Da grata fonte as agoas crystalinas:
Perdido o brio, baixas as orelhas,
Mal já sente innundar-lhe a secca pelle
Hum frigido suór... suór da morte.
Taes de seu mal os horridos preludios:
Mas inda mais horrendos os progressos,
Se o contagio reforça seus attaques:
Turbada a vista, os olhos se lhe inflammão;
Só com ancias respirão, tristes gemem;
Sordido sangue as largas ventas golfão;
Já nas fauces não cabe a crespa lingua.
A principio julgou-se, que indo Bacho
Do

Do bruto vesitar o ventre infesto,
Cessaria do mal o duro estrago;
Mas, longe de o applacar, funesto veio:
Apressou-lhe da morte acerba o golpe;
Mais frenético pois, e mais raivoso
Do proprio corpo os membros despedaça.
Longe de Italia tão crueis tormentos!
De outra parte se vê cair gemendo
Sobre o rego imperfeito enfermo touro:
Ali mesmo, golfando sangue, e escumas,
Afflicto rende os ultimos alentos.
Queixoso o lavrador, soltando o arado,
Do triste companheiro os passos segue.
Nem do bosque serêno a sombra grata,
Nem as praias viçosas, nem as fontes,
Que seus crystaes por entre os seixos volvem,
Na triste rez algum prazer suscitão:
Deslocão-se as espaduas; de seus olhos
Se extingue a luz; mortal a fronte ignava
Mal se póde suster; succumbe humilde.
Que proveitos tirárão de empregarem
Seus trabalhos em nosso beneficio?
Que rasgar-lhes prestou da terra o seio?

Não foi com tudo o almo licôr tinto;
De meza jovial os doces pratos
Quem de immundo venêno encheo ſeus mẽbros:
Seu ſuſtento do campo as hervas forão,
E do arbuſto frondente as verdes folhas;
Suas taças as fontes cryſtalinas;
Suas camas do campo os brandos paſtos,
Onde ao placido ſomno ſe entregavão.
Foi então que por todos os contornos
Duas manſas novilhas ſe buſcárão,
Para ao Templo levar da altiva Juno
Deſtes povos as candidas offertas.
Não ſe achárão; apenas conduzidos
Por touros deſiguaes os carros forão.
Houverão taes, que para ſoterrarem
Na terra os grãos, os campos lacerárão
Com ſuas proprias mãos; que aos altos montes
Elles meſmos jungidos arraſtrárão
Da eſtrondoſa carrêta o pezo enórme.
Já não arma traições ao gado o lobo,
Nem junto dos curraes nocturno ronda;
Suas iras mais duro mal refreia.
Já não foge do cão eſquiva corça,

Nem

Nem só nos bosques corre o agil gamo;
Funesta precisão os torna amigos,
E os obriga a vagar junto das cazas.
Do mesmo mar os horridos abysmos
Do contagio fatal não ficão salvos:
De monstros moribundos toda a praia
Apinhada se vê; terriveis Phócas
Espantados deixando os negros antros
Do implacavel Neptuno, aos rios sobem.
Nem as covas a vibora defendem,
Nem a hydra assustada as conchas livrão:
As mesmas aves lá nas altas nuvens,
Sem o ár lhes valer, o alento perdem.
De balde o bom Pastor de pastos muda;
Em vão Chiron (25), e o fysico Melampo (26)
De sua arte os segredos exgotárão....
Da Estigia sáe Tesifone (27) implacavel,
Que enche a terra de horror, de peste os ares:
Escoltada de mil tyrannos males
Cada vez alça mais a fronte horrenda;
Tudo então são flagellos, tudo estrago;
Seccas praias, collinas, fundos valles
Tudo fazem gemer do touro os roncos,

E os balados dos pavidos rebanhos:
Nada ceva do monſtro mais a raiva,
Que ajuntar nos curraes, e nas campinas
De exangues rezes montes ſobre montes.
Hum fetido fatal, que tudo infeſta,
Cubrir de terra obriga os podres corpos:
Nem as forças do fogo, nem as ondas
Proveitoſos tornar os couros podem:
Nenhum uſo das lãs; e ſe imprudente
Tentava alguem depois de manobradas,
Reveſtir-ſe de tão fataes reliquias;
De repente ſeu corpo vio cuberto
D'ardentes chagas todas innundadas
D'aſcaroſo ſuór, de horrenda verme:
Logo hum fogo infernal inextinguivel
Devorava ſeus membros corrompidos.

NOTAS
AO
TERCEIRO LIVRO.

(1) *Pales era Deosa dos Pastores, cujos sacrificios se faziāo com leite.*

(2) *Amphriso he hum rio de Thessalia, em cujas margens guardou Apollo os rebanhos d'ElRei Admetes; e por isso diz o Poeta* memorandus ab Amphriso.

(3) *Licêo he hum monte d'Arcadia, muito abundante de pastos.*

(4) *Hylas foi hum mancebo muito amado por Hercules, a quem acompanhou na expedição Arganautica.*

(5) *Busiris foi hum Rei do Egypto, tão cruel que sacrificava os Estrangeiros nos seus Altares; Hercules o matou, e a seu filho Amphidamante.*

(6) *Hypodamia foi filha de Enomão, Rei d'Elide, qual, sabendo pelos Oraculos, que hum seu genro o havia de matar, confiado em*

em suas fôrças, e na grande ligeireza de seus cavallos, determinou humas justas, nas quaes propoz, que aquelle que o vencesse, ficaria marido de sua filha: venceo, e matou com effeito a treze Contendores; mas por fim foi vencido, e morto por Pelops, que corrompêo a Mirtolo, seu boleeiro, para que pozesse no carro de seu amo hum eixo quebradiço: assim succedeo; Pelops o vencêo, cazou com Hyppodamia, e ficou senhor de todo o Peloponeso, a quem deu o nome.

(7) *He Latona, que pario Apollo, e Diana na Ilha Delphos, que se julgava errante.*

(8) *Mincio he hum rio, que corre nos campos de Mantua, patria de Virgilio.*

(9) *Alphêo he hum rio da Elide no Peloponesô, junto á Cidade Olympia, aonde se celebravão os jogos Olympicos.*

(10) *Molorcho foi hum Pastor do Campo Elionêo, hospede de Hercules, que em seu obsequio matou o Leão de Neméa; e daqui vem chamarem-se de Molorcho os jogos Nemenses.*

(11) *Niphate he hum monte de Armenia;*

ta-

toma-se aqui o monte por seus habitadores.

(12) *São os nomes dos antigos Chefes da geração Julia, que vem a ser Dardano, Erictonio, Tros, Assaraco, Capys, Anchises, Eneas, e Ascanio, ou Julio, de quem procedia Julio Cesar.*

(13) *Ixion, Rei dos Lapitas na Thessalia, por jactar-se, que tivera amores com Juno, foi por Jupiter ferido com hum raio, e lançado nos infernos, aonde foi condemnado a gyrar perpetuamente ligado com cobras a huma roda.*

(14) *Sysipho, filho de Eolo, sendo morto por Theséo por infestar a Atica com latrocinios, foi no inferno condemnado a continuamente subir huma grande pedra ao alto de hum monte.*

(15) *Epidauro era huma Cidade de Peloponeso, cujos campos erão abundantes de cavallos.*

(16) *Cyllaro foi nome de hum famoso cavallo de Pollus.*

(17) *Saturno, sendo apanhado por Opis, sua*

sua mulher, com Philira filha do Oceanno; envergonhado tomou a figura de cavallo, e fugio para o monte Pelio da Thessalia.

(18) *A Ericthonio, filho de Vulcano, e Rei de Athenas, se attribue a invenção dos coches.*

(19) *Os Lapitas forão os primeiros, que domárão os cavallos.*

(20) *Alburno he hum monte de Italia, do qual desce o rio Tanagro.*

(21) *He a mosca chamada Tavão, que persegue muito os bois.*

(22) *Ió, filha de Inacho Rei dos Argivos, foi por Jupiter convertida em vaca, para a occultar a Juno; esta Deosa para se vingar della, obrigou-a a fugir para o Egypto, aonde sendo tornada á sua antiga forma por Mercurio, cazou com Osiris, e chegou a ser venerada como Deosa, debaixo do nome de Iris.*

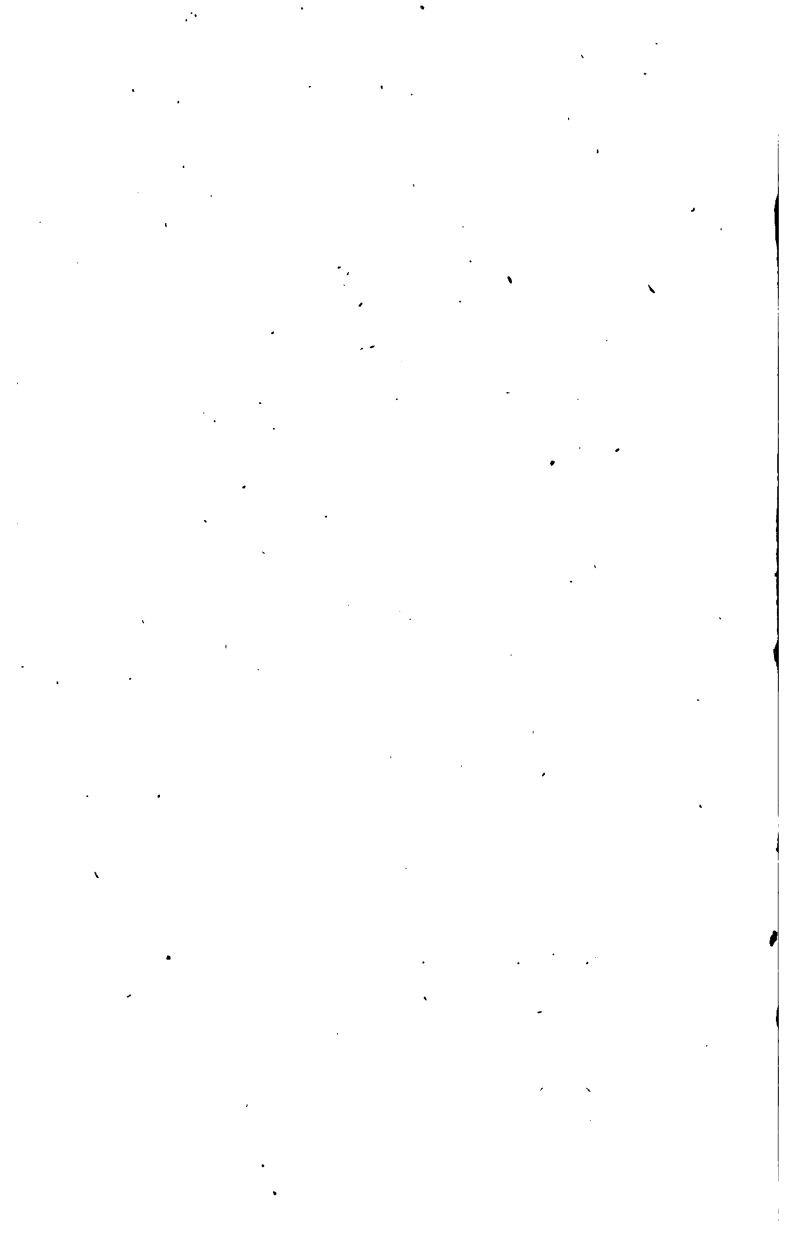
(23) *Alude aqui á Historia de Leandro, e Hero.*

(24) *Glauco, filho de Sysipho, vedava o coi-*

coito ás ſuas Eguas a fim de ſerem mais ligeiras; Venus ſe vingou delle, embravecendo-as de tal fórma, que o deſpedaçárão com os dentes.

(25) *Chyron, filho de Saturno, e de Philira teve hum grande conhecimento das hervas Medicinaes.*

(26) *Melampo, filho de Amithaon, foi hum grande agoureiro, e tambem Medico.*

(27) *Tiſiphone huma das Furias.*

LIVRO IV.

Do doce mel a dadiva celeste
Vão agora por fim cantar meus versos.
Ache abrigo tambem nos teus auspicios
Este estéril assumpto, ó meu Mecenas.
Sempre aqui mostrarei com que prodigios
Nos confundem huns entes tão rasteiros;
Descripta aqui veremos a policia,
Os combates, as leis, os bravos Chefes,
E os trabalhos de hum povo industrioso.
He tenue a empreza sim, más grande a gloria,
Se meus cantos prospéra o Deos de Dellos.
Desde logo te devão teus enxames
De hum feliz domicilio a sabia escolha:
Seja aonde dos ventos nem os sopros
Do pasto a conducção crueis lhe empeção;
Nem onde temerario insulte as flores
Cabrito folgazão; nem onde a ovelha,
Calcando a relva, estrague o fresco orvalho.
Longe do sitio exponha ao Sol seus membros
O-

O pintado Lagarto; longe vôem
Os Alrutres (1) fataes; a impia Progne, (2)
Que inda do crime traz no peito indicios,
E das aves ladinas toda a raça,
São dos enxames pois flagelo horrendo!
Quando a abelha infeliz nos ares cação
Vão com ella nutrir a prole infausta.
Corrão antes ali perennes fontes;
Brilhem tanques de musgo matizados;
Serpentêem por entre a verde gramma
De hum placido ribeiro as ondas claras;
Com seus ramos assombre a grato hospicio
De huma palma viçosa o alto arbusto,
A fim que quando o novo Rei, captivo
Da florida estação, puxar ao campo
Do novo enxame a tropa brincadora,
Essas praias refresco, sombra os ramos
A'volatil falange estendão meigos.
Ou girante, ou dormente a linfa seja
De ramos de salgueiro hum toldo a crôe;
De calháos a devidão densas ordens:
Em taes asylos pois o povo errante
Respira da fadiga, e pode alegre

As

As azas enxugar ao Sol, se acaso
No pégo o mergulhar hum vento irado.
D'ali perto floreça a verde Casia,
Cresção bosques de grata segurelha,
Exhalem os Serpões os seus perfumes,
E bebão n'agoa as roxas Violetas.
Quer formados de cascas, quer tecidos
De brandos vimes sejão seus tegurios,
Por estreita abertura a luz recebão;
De outra sorte o calor, e o duro Inverno
Desbaratão do mel a grata obra.
Assim se vê com quanto ardor trabalha
Toda a turba dos Aticos insectos, (3)
Quando a fenda mais leve observa attenta:
Todos á brecha acodem pressurosos;
Huns da cera lhe oppõem as pingues massas,
Outros flores, em quanto espalmão outros
Dessa gomma, que guardão mais viscosa,
Que quanto pez do Ida (4) os bosques chorão.
Quantas vezes vai este alado povo,
Já da terra habitar no seio escuro,
Já no bojo dos troncos carcomidos?
Seja qualquer, que for, com brando lodo
Das

Das colmêas tu meſmo apaga as brechas;
E de ramos hum verde toldo as cubra.
Longe dellas do Teixo a ſombra ingrata:
Longe ao fogo ſe toſte o caranguejo;
Longe o torpe vapor de hum charco immundo,
E longe, o Ecco, lá das cavas rochas
Com rudes ſons imita alheias vozes.
Tem apenas do Sol os aureos raios
Da terra affugentado o creſpo Inverno?
Tem riſonha avivado o azul dos ares
A grata Primavera? já as abelhas
Pelos prados, e arbuſtos verdes gyrão.
Aqui roubão da flor purpurea os ſuccos,
Alèm bebem do arroio as ondas claras:
He deſtes roubos que ellas vão alegres
Repartir huma parte aos doces ninhos;
Delles formão tambem as brandas ceras,
E fabricão do mel o aureo nectar.
Mas ſe vires, que deixa o flavo enxame
Da cavada colmêa o patrio aſylo;
Que aos ares ſe remonta, aonde os ventos
Gyrar a obrigão, qual ſombria nuvem;
De viſta o ſegue; logo vai de hum rio

As aguas procurar, e os verdes bosques.
Faze então da Melissa, e da Corintha
Derramar os perfumes; tange perto
Da Saturnea Cybellé (5) o rouco bronze:
Verás, como dos fumos attrahido,
E do estrondo espantado, a seus palacios
Recolhe logo o fervido cardume.
Tambem fatal o monstro da Discordia
Entre dous Reis vomita os seus venenos:
Nada custa o prevêr os movimentos,
E as intrigas do povo amotinado.
Hum confuso sussurro, que assemelha
Da Mavorcia trombeta os roucos brados;
He presagio de hum horrido combate:
Tudo guerra respira, tudo estrago:
Toda a chusma, vibrando as fulvas azas,
Seus bravos Generaes guerreira cerca.
Huma aguça da tromba ervada os dardos;
Outra ensaia orgulhosa as duras garras;
Todas, alçando gritos bellicosos
As contrarias falanges desafião
Vem hum dia sereno! de repente
Se lanção fóra os bravos combatentes;

Cruel peleja travão peito a peito;
Fére os ares hum bellico ſuſſurro;
Já ſem ordem confuſas ſe atropelão;
Já ſe deixão mortáes cair mais baſtas
Do que chove a ſaraiva, e do que ſaltão
Da abanada azinheira as duras glandes.
Pelo raiar das azas ſe deſtinguem
No meio do conflicto os fortes Chefes;
Hé paſmo vêr quão grandes brios fervem
Deſtes dous Capitães nos tenues peitos!
Só já depois de eſtar juncado o campo,
He que as palmas de Marte cede hum delles;
Mas de taes frenezis, e ardor que eſperas?
Hum punhado de arêa tudo extingue.
Socegado o tumulto, logo mata
Deſſes dous Generaes o mais nocivo;
Reine delles em paz o menos fero:
Serão deſte douradas as eſcamas,
Será gentil, terá brilhante a veſte:
Não aſſim o rival, pois turbulento
De hum longo corpo arraſtra o pezo ignavo.
Se varios na figura os Chefes vemos,
Varios tambem ſe notão ſeus vaſſallos.

Huns

Huns ſe veſtem da côr imitadora
Da branda arêa, quando manſo e manſo
Dos Ceos recebe placido chuveiro:
Hum dourado veludo, hum bello eſmalte
D'alvas pintas ſe vê brilhar nos outros.
Deſtas moſcas eſtima a fertil raça:
Eſtas ſim te encherão no proprio tempo
Do mais fragante mel os fundos vaſos;
Deſſe licor jucundo, deſſe nectar,
Tão capaz de adoçar os duros vinhos.
Quando o enxame nos Ceos brincando vires,
Eſquecido da melica tarefa,
Sem tenção de voltar aos frios tectos;
Inceſſante ſeus animos reprime:
De hum leve esforço apenas neceſſitas;
De ſeus Chefes as louras azas corta:
Sem brioſas na frente o Rei levarem,
Já mais dos arraiáes ſair ſe attrevem.
Queres tu, que de ſeus hoſpicios goſtem?
Com jucundos aromas as encantem
De teus jardins as mais fragrantes flores,
Tu meſmo, ſem ceſſar, de verdes thymos,
E pinheiros enrama ſeus tegurios;

'As aves, e os ladrões a fouce temão
Desse Deos dos jardins (6), filho de Bacho;
Faze alli produzir fecundas plantas,
E gyrar de hum regato as meigas ondas.
Se á vista já do porto fatigado
Não tenta-se enrolar as pardas vellas,
Talvez cantará as hortas appraziveis,
E de Pesto (7) os jardins, aonde as rosas
Do botão duas vezes despe Flora: (8)
Pintaria gostando as claras agoas
Do aipo, e da chicoria as verdes plantas;
Tambem dissera como do Narciso
Se possa despertar a flor mimosa:
De que modo se curvão dos acanthos,
E das heras os ramos dobradiços,
Sem de ti me esquecer, ó Pafia murta,
Que tanto as praias amas de hum ribeiro.
Se bem me lembro, junto aos altos muros
Da soberba Tarento, cujos campos
Do Galeso (9) fecunda a negra enchente:
De Celicia habitava hum velho sabio,
Poucas geiras apenas teve em sorte
De hum terreno incapaz dos dons de Ceres;
E ini-

E inimigo das vinhas, e dos gados.
Mas o mimo das frescas hortaliças,
Semeadas por entre as duras brenhas,
Hum pequeno jardim, aonde os lirios,
E as verbenas lançavão seus perfumes,
Lhe impedião do Scéptro a triste inveja.
Quando a noite o chamava á choça humilde,
Desses fructos, valor dos seus suores,
Satisfeito cubria a simples meza.
Nenhum colher primeiro se gabava
As rosas no Verão, no Outono os pomos.
Inda do inverno os frios inclementes
Os rochedos rompião, inda os gelos
Enfreavão do manso rio as ondas,
Já limpava do acantho a verde coma;
Inda os Zefiros tardos não brincavão,
Já da bella estação gozava os mimos.
Nenhum mortal feliz primeiro ouvia
Nas colmêas ferver tantos enxames;
Nenhum tinha o prazer de ver primeiro
Nos dedos escumar os aureos favos.
Té os pinheiros, e as tilias se esmeravão
Em tornar-lhe apprazivel o retiro.

Sem-

Sempre gratas achou Pomona, (10) e Flora;
Quantas flores nos ramos esta punha,
Tantas aquella em pomos convertia.
Já mais elle ignorou dispôr por ordens
Os frondosos olmeiros, as pereiras,
Os espinhos de ameixas já cubertos,
E o plátano sublime, a cujas sombras
Já podião virar-se os roxos cópos.
Mas não posso deter-me; cantem outros
Dos jardins, e vergéis os doces mimos.
Sigão-se agora as raras qualidades,
Que ao alto Jove devem as abelhas:
Recompensa do mel, com que nutrirão
Da gruta o Deos aos sons dos Corybantes.(11)
Quem diria, que insectos tão pequenos
Na feliz união seu reino fundão!
Ninguem entr'ellas tem dominio proprio;
São nos teres iguaes, iguaes na industria;
Os filhos são communs, communs os lares;
Tem policia, tem leis, em fim tem patria.
Prognosticos fieis do tempo vario,
Muito bem precaver o Inverno sabem:
Humas errão nos campos incumbidas

De

De buſcar o ſuſtento; occupão-ſe outras
Em lançar os primeiros fundamentos
Dos choros do Narciſo, e goma aos favos;
Parte a cera trabalha; parte fórma
De doce orvalho o mel, e deſte nectar,
Deſta ambroſia celeſte as celas enche:
Huma os filhos educa precioſos;
Outra eſpia do ár os movimentos;
Eſtas por ſorte ás portas metem guardas,
E acceitão das que vem os doces fardos;
Arranjadas aquellas dão a caça
Dos goloſos Zangãos ao gado inerte.
Tudo no mel trabalha; tudo os thymos
Embalſamão com ſeus fragrantes cheiros.
Ouviſte já contar, como os Cyclopes
Regaçados a Jove os raios forjão?
Huns com pelles de touro os ventos jogão,
Outros tingem no lago o rubro ferro;
Eſtes alção no ár os fortes braços:
E a compaſſo cahir os malhos deixão;
Na ardente forja aquelles com tenazes
Voltão com preſſa as barras ſcintilantes:
Tanto o fragor da horrida Officina

Que

Que faz gemer do Ethna as cavidades.
Tal he pois, se se admitte hum tal exemplo,
Das abelhas o ardor nos seus trabalhos:
Cada quàl no seu posto se exercita:
A's mais velhas guardar os muros cabe,
A's cellutas telhar, e urdir os favos:
A's mais novas compete do salgueiro,
Do córado açafrão, da verde Casia,
Do morado Jachintho, com presteza
Pelos campos roubar os gratos succos.
Todas trabalhão, todas tem descanço:
Mal reluzem da Aurora as roxas tranças,
Já despertas aos campos marchão todas:
Mal assoma da noute a fusca fronte,
Logo buscão do hospicio o grato abrigo:
Todas então ás portas se amontoão;
Hum molesto zunido então se escuta;
Mas entra cada qual no seu retrete,
Tudo socéga, tudo se adormece.
Se turvo o ár, se vario o vento observão,
Já mais emprenderão viagens longas:
Sem da vista perder os patrios muros,
Apenas vão deixar na fonte a sede:

Mui-

Muitas vezes, a fim de não se expôrem
Do ár á descrição, em grãos de arêa,
Em fórma de baxeis, seus vôos firmão.
Não se encontra animal, (prodigio raro!)
Que a Venus não tribute, como a abelha:
Já mais ella, da dor, e gosto izenta,
Nos laços sensuaes o corpo enerva:
Tem sim filhos immensos; substituem
Hum Rei com outro Rei nos cercos paços;
E povoão de nova gente os Reinos;
Mas das hervas, das flores mais fragrantes
Co'as boccas tirão quem as reproduza.
Quantas vezes vagando rompe as azas
Nas broncas penhas esta sabia mosca!
Muitas tambem debaixo dos comboios
Por seu prazer a doce vida perdem:
Tanto o mel as sedúz, e o amor das flores!
He de seus dias sim ligeiro o prazo,
Pois a penas abrange os sete Estios;
Mas em parte não he mortal a raça:
Sua casa florece longos annos,
Enuméra de avós brilhantes series.
A Media, a Parthia, a Lydia, o grande Egypto,
Ne-

Nenhum culto paiz ſe eſmera tanto
Do ſeu Rei pela gloria, quanto a abelha!
Em quanto vive o Rei, concorre em todas
O meſmo zelo, os meſmos ſentimentos
Mas falta elle, acaba-ſe a harmonia,
Rouba-ſe o mel, decipa-ſe o edificio:
Elle he quem preſide aos ſeus trabalhos;
Todas o admirão, todas o cortejão;
Ellas lhe aſſiſtem; todas o divertem;
A' guerra o levão ſobre os moles hombros,
E goſtoſas por elle a vida perdem.
Vendo taes maravilhas, quantos crêrão
Que huma parte infundira nas abelhas
A celeſte razão, que o mundo anima?
Deos, maior do que os Ceos, (diſcorrem elles)
Terras, mares, abyſmos, tudo occupa;
Tudo por Deos reſpira, feras, homens,
Lacivos peixes, ruſticos rebanhos:
Logo nada ſe extingue; ſim ſe muda
Tudo quanto vitaes alentos teve;
Todos aos áſtros vôão ſcintilantes,
E vão juntar nos Ceos a origem prima.
Primeiro que do auguſto hoſpicio tentes
Rou-

Roubar do mel os liquidos thesouros,
Tua bocca de mornas aguas sópre
Sobre o fero esquadrão densos chuveiros;
Tua mão lhe apresente inexoravel
De inflammado tição os negros fumos.
He cruel este insecto, quando offendem:
De seu peito o furor não tem medidas,
Com tal rancôr, e raiva se encarniça
Contra o triste agressor, que iroso deixa
Com a vida o subtil ferrão na plaga.
Duas vezes de ambrcsia os favos enchem
Duas vezes (12) se faz no anno a cresta,
Quando Pleias, do mar deixando o seio
Seu casto rosto mostra no horisonte;
Ou quando, por fugir ao duro Inverno,
Desce ás ondas aflicta a mesma estrella.
Queres salvar dos horridos estragos
Da brumal Estação teu pobre enxame?
Sê com elle propicio; não lhe usurpes
Em tempo tão cruel seu almo nectar:
As colmêas perfuma; não duvides
Despojallas de toda a inutil cera:
Se o não fazes, verás que tropa infame
De

De famintos reptis ali se acolhe:
Virá logo sagaz a lagartixa
Com seu leve rumor lamber os favos;
Inimiga da luz virá a barata
Com seus filhos encher as cellas todas;
Virá cruel zangão, faminta bespa
Dura guerra mover a triste abelha:
Tudo mina da traça o dente infausto,
Tudo cobrem da aranha as froxas redes.
Mas quanto mais os téctos empobreces,
Mais affinas do povo o ardor, e o zelo.

Tambem da abelha a vida aos mesmos males
Dos entes racionaes exposta corre;
Infaliveis signaes o testeficão:
Seu corpo se descarna, as cores mudão;
Ora jazem de seus umbraes pendentes,
Ora com fome, e frio entorpecidas
Dentro dos muros tristes desfalecem;
Humas vezes com triste pompa escortão
Lacrimosas em torno do edificio
Da defuncta infeliz os seccos restos;
Outras, hum pranto se ouve queixativo,
Que imita o vento, quando zurze os campos,

O

O refluxo das ondas alteradas,
E do fogo enſerrado o ſurdo eſtrondo.
Deſta peſte fatal o curſo atalhas,
Se fizeres gyrar fragrantes fumos
Do galbano em redor dos ſeus tegurios;
Se em curva canna o mel lhe preſentares,
Convidando-as com ſons harmonioſos
A que ſaião goſtar os doces pratos.
De roſa ſecca, d'uva já paſſada,
Da centaura maior, do verde thymo
Agradavel miſtura lhe prepara.
Ainda mais ſaudavel ſobre os prados
Apraſiveis, que banha o torto Mella, (13)
De huma flor engraçada a planta creſce:
Poſto que o rio o nome lhe empreſtaſſe,
Nas campinas tambem frequente avemos:
Tem ella, ſim, do ouro a côr brilhante,
Mas as folhas, que denſas a rodêão,
Do rôxo das violas mais goſtarão:
He de tal producção; que ſó d'hum' aſtea
Coſtuma rebentar hum boſque eſpeſſo;
He de preſtimo tal, que com ſeus ramos
Muitas vezes as ſanctas Aras ſe ornão:

Nas

Nas ondas pois do mais jucundo vinho
Desta planta a raiz amarga ferva;
Lenêo a docefique; e cheios cestos
Deste manjar ás portas lhe apresenta.
Mas se acaso vier de teus enxames
Por desastre a extinguir-se a raça inteira,
Eu te vou descobrir com que segredos
Hum Deos d'Arcadia fez do podre sangue
De hum novilho sair immensa turba.
Des-de a origem narremos toda a historia.
Esse povo feliz, que vê do Nillo
Por canaes discorrer as turvas ondas,
E que sobre baxeis pintados gyra
Com prazer ao redor dos patrios campos:
Esse bello paiz, que junto a Arabia,
Deste rio recebe o fertil limo,
Vendo como no mar por sete boccas
Arremeça as correntes, que trouxera
Das remotas montanhas da Ethiopia;
C'os soccorros desta arte incontestavel
Dos enxâmes a raça perpetúa.
Teu fervor, e attenção primeiro occupe
De hum pequeno lugar, e occulto a escolha;
Que

Que cercado de hum muro apenas dentro
Da escassa luz receba os tenues raios:
Hum novilho prepára, cuja frente
Principie a curvar as duras armas:
Tapada a bocca, as ventas lhe suprime;
Que dê pulos em vão, não mais bafeje:
Mil seguidas pancadas sobre o dorso,
Sem a pelle romper, da vida o privem.
Assim morto, no escuro encinte o deixa
De rama rodeado, thymo, e casias.
Seja desta função feliz o tempo,
Quando os Zefiros já nas ondas brincão,
Antes que Flora esmalte os verdes prados,
E seu ninho suspenda a vaga Progne.
Entretanto começa pelos ossos
A ferver em cachões o sangue ardente:
Logo de insectos férvido cardume,
Inda sem pés, começa a devisar-se:
Pouco depois, já sobre as tenras azas
Murmurando subir aos áres tentão;
Té que por fim do couro se despedem,
Mais velozes, que d'agua as densas gottas
Que no Estio das negras nuvens cáem,

Ou

Ou que os tiros fataes, que os déstros Parthos
Do nervo comprimido airosos vibrão.
Quem, ó Musas, talves maior, que os homens
Author se diz de tão feliz invento?
O Pastor Aristîo, segundo a fama,
Não podendo sem dôr viver nos sitios,
Em que a peste cruel, e as fomes forão
Agressores fataes de seus enxames,
Do Penêo desampára os frescos valles:
Triste do rio sóbe ás sacras fontes,
Aonde á mãi de choros inundado
Assim derige as mais sentidas queixas.
O' Cyrene! ó mãi! que deste rio
Senhorêas as grutas murmurantes,
Se he verdade que sou filho de Apolo;
Se dos Deoses em mim circula o sangue,
Porque razão dos fados inconstantes
Me geraste ludibrio lamentavel?
Onde de mãi a candida ternura?
Onde as vossas promessas? onde as honras,
Que aspirava nos Ceos gozar hum dia?
Sois minha mãi, e todo o linitivo,
Que esta vida mortal suavizava,

Meus

Meus enxames, meus gados, minhas lavras,
Este unico valor de meus trabalhos,
Consentistes, que a sorte me usurpasse?
Vingai-vos de huma vez; c'o proprio punho
Devastai deste monte os bosques bellos;
Abrazai-me os curraes; queimai as messes,
Nem vosso ferro poupe ás tenras vinhas;
Já que hum filho tão pouco vos merece.

No fundo d'agoa destas tristes vozes
Imperfeitos os sons sentio Cyrêne.
Rodeada se achava a nobre Deosa
Das bellas Nynfas, todas occupadas
Em fiar de Mileto os verdes vellos.
Erão ellas a linda Phillodoce,
Drymo, Ligéa, cujas aureas tranças
Pelos hombros gentis brincavão soltas;
Era a loura Licóreas, inda virgem,
A formosa Cydippe, a quem Lucina
De fresco visitára a vez primeira;
Junto destas brilhavão Béroe, e Clio,
Ambas Irmãs, altivas pela gloria
De filhas do Oceâno, e por cingirem
Sobre pelles d'arminho cintos d'ouro;

 Ali

Ali tambem se achava a branca Ephyre;
Com Opis, Cymodóce, e Deiopéia;
E vós tambem, ó ágil Arethusa,
Que á pouco de Diana os exercicios,
Por duros, e crueis deixado tinheis.
No meio posta, livre de surprezas,
A risonha Clymene lhes contava
Do coxo Deos do fogo os vãos ciumes;
De Marte caviloso os doces furctos,
E as intrigas de amor de varios Deoses.
Em quanto com prazer o lindo côro
Entre os dedos balhava os leves fusos:
Aos ouvidos da Mãi de novo chegão
Do queixoso Pastor as tristes vozes.
Toda a roda se assusta; a mãi descora;
Mas a bella Arethusa, mais affoita,
Desejando saber do pranto a causa,
Fóra das aguas mostra as louras tranças:
O' minha irmãa!.. com causa te assustastes;
He teu filho Aristhêo, teu doce enleio,
Que nas bordas do rio, todo em choros,
Te accusa de cruel, e de insensivel.
Venha aos braços da mãi!.. venha, meu filho...
Assus-

(Assustada de novo a Nynfa exclama;)
Tem direito Aristêo de entrar dos Deoses
Nestas sacras moradas; trate o rio
De aplanar a meu filho as altas ondas.
Apenas isto disse, prompto o rio
Suas aguas devide em altos montes,
E o Mancebo conduz ao fundo leito.
Fica pasmado, quando os claros Reinos,
E os palacios da bella mãi contempla:
Ali admira os lagos murmurantes
Em horridas cavernas clausurados:
Ali vê com terror bramir os rios,
Que, depois de minado o seio terem,
E as entranhas da terra, bravos fazem
Suas fontes brotar por varias boccas.
Dali se avança o Phasis, (13) corre o Lyco, (14)
E se lança orgulhoso o alto Enipêo; (15)
D'ali desatão limpidas correntes
O patrio Tybre, o Anio fugitivo, (16)
O Hypanes fragoso, o grato Mysio;
E tu, soberbo Pó, que as aureas ondas
Volteando nos mais fecundos campos,
Tua fronte ramosa vais fogoso

Lá no meio ſumir dos roxos mares.
Chega por fim da Deoſa aos bellos paços,
Cujos tectos limoſas penhas crêão;
Da cauſa de ſeu pranto a mãi ſe informa:
As Nynfas o rodeão; lanção-lhe humas
Claras ondas ás mãos, preſentão-lhe outras
D' alvo linho finiſſimas toalhas:
Parte as mezas de immenſos pratos cobre,
Parte acode a prover as aureas taças,
E parte accende os Indicos perfumes.
Então, Cyrene toma, diz, meu filho;
Eſſa taça, em que eſpuma o Lidio Bacho,
Invoquemos o grande pai dos mares,
O potente Oceano, as pulchras Nynfas,
Das quaes preſidem cem nos ſacros boſques,
E cem dos rios brincão nas correntes.
Sobre o fogo derrama por tres vezes
O divino licôr, e por tres vezes
A chamma crepitante lambe o tecto.
Neſte agouro fiada, aſſim proſegue.
De Carpathia (17) nos mares, ó meu filho,
Móra o vario Protheo, (18) famoſo Vatte,
Que em ſeu carro ligeiro, por que puxão
Ca-

Cavallos de dous pés, ás ondas varre.
Tem por patria Palêne, a qual, e os portos
Da bella Emathia agora vê contente.
Todos o admirão, todos o venerão,
As Nynfas, os Tritões, e até Nerêo;
Tanto os abyſma aquelle dom ſagrado,
Com que os dotára o turgido Neptuno
Por guardar-lhe ſeus horridos rebanhos:
Prognoſtica o futuro, vê o paſſado,
Tudo conhece, quanto os homens fazem:
Eſte Deos, ó meu filho, ſim, te póde
As cauſas explicar dos teus deſaſtres;
Eſte Deos he que ſabe dar remedio
Do infeliz Ariſteo aos duros males.
He preciſo porém valer de induſtria;
Inſenſivel aos rogos, ſó á força
De rijos ferros cede furibundo.
Quando Febo ſubir ſeus aureos coches
Ao mais alto dos Ceos, quando os rebanhos
Pelas ſombras de hum boſque os paſtos deixão,
Eu meſma levarei meu filho ás trevas
De huma gruta ſombria, aonde o Vatte,
Canſado de nadar, repouſa os membros.

A-

Apenas de Morphêo gostando o vires,
Sobre o velho te lança, as mãos lhe prende;
Não te amedrentem horridas visagens;
Vê-lo-has, já leão torcendo as garras,
Já cruel javali rangendo os dentes:
Tomará da serpente o aspecto enórme,
E da tigre feroz a raiva insana:
Ora mudado em roxas lavaredas,
Ora em ondas subtis das mãos te escapa:
Mas quanto mais com seus metamorphoses
Trabalhar por fugir, tanto mais deves
Do velho atanazar os duros membros,
Té que á propria figura se transtorne.
Desta sorte instruido tendo o filho,
De grata Ambrosia o corpo lhe embalsama;
Dessa Ambrosia immortal, que em pouco torna
Mais gentil o pastor, e mais robusto.
  Do vasto mar se estende inaccessivel
Cavada rocha, em torno á qual as ondas,
E de Eôlo os assaltos comprimidos
De huma bella enseada o grato asylo
Nas tormentas aos nautas franqueárão:
Ali nas trévas d'horrida caverna

En-

Encuberto Protheo refugio buſca:
Cyrene ali daquella eſcura gruta
Nos horrores o bello moço eſconde,
Retirando-ſe envolta em denſas nevoas.
Já o rapido Cão, que o Indio torra,
Vomitava ſeus alitos ardentes;
Já ſcintilante o Sol, vencido tendo
Metade da carreira, com ſeus raios
Eſtragáva do campo as triſtes flores,
Até o fundo bebia os altos rios;
Quando Protheo, das ondas enfadado,
Da fria gruta as ſombras demandava,
Eſcoltado de todo o gado immenſo
Do Ceruleo Neptuno, que ſaltando,
Voar fazia ao longe as ſalſas ondas:
Toda a praia ſe apinha deſſes monſtros,
Famintos por goſtar do ſomno os mimos.
O Deos então ſentado no rochedo,
Qual Pegureiro, quando a menſageira
Da parda noute aos gados ſe annuncia,
Quando o lobo voraz acóde ufano
Aos balados dos tímidos cordeiros;
Se pôz a numerar a tropa horrenda.

Mas

Mas apenas ſe encoſta ; logo o filho
Da Deoſa fluvial gritando corre;
Com cadêas do velho ſe apodéra:
Relúcta o Vatte, oſtenta as varias fórmas:
Já apparece na mais horrivel fera,
Já torrente ſubtil, já fogo ardente;
De em vão luctar por fim canſado cede,
E tornando outra vez á propria fórma
Com voz humana aſſim cruel ſe explica:
Atrevido mancebo, quem de entrares
Neſte auguſto lugar te dêo licença?
Que pertendes de mim? Tu bem o ſabes,
(Lhe reſponde o Paſtor) tu não ignoras;
Dos incertos Deſtinos ſempre a urna
Ao Divino Prothêo patente eſteve;
He por ordem dos Deoſes que a ti venho
De meu fado inquirir a occulta cauſa.
A iſto o Deos os olhos encarniça...
A colera lhe ſobe... e mal podendo
Suffucar o furor, deſprende as vozes.
Hum Deos irado, hum Numen offendido
Sobre ti deſcarrega os ſeus furores:
Orpheo he quem ſúſcita dos deſaſtres

A

A cadêa fatal; de ti ſe vinga;
Mas á viſta da mágoa, que o traſpaſſa,
Com pequena vingança ſe contenta,
De Euridice fiel apoz correſte;
Foſte cauſa de que eſta Nynfa bella,
Pelas praias fugindo eſpavorida,
Da morte nos grilhões cahiſſe incauta.
Huma enorme ſerpente, que enroſcada
Entre as flores, guardava aquellas praias,
Seu fero dente n'alva planta emprega.
Retumbárão nas cavidas montanhas
Das Driades gentis os ternos prantos:
Suſpirárão do Rhodope os rochedos:
O Pangêo ſe enternece, a Thracia chora;
Vio-ſe o Hebro gemer (20), e reſonárão
Da inculta Getia os altos alaridos.
O meſmo Orphêo, vagando ſolitario,
Só na Lyra metiga as doces mágoas;
He ſó por ti, terniſſima Conſorte,
Que ſuſpira de noute! He ſó teu nome,
Por quem no acorde ſom de dia exclama:
Elle meſmo do Tenaro ſe atreve
A ſondar os abyſmos; deſce aos Reinos

Do

Do implacavel Plutão; e tendo entrado
Nas florestas, que só terror inspirão,
As Furias abordou, fallou ás Parcas,
De humanas preces sempre zombadoras.
Ao som da Lyra tudo se amotina,
Tudo pasma nas horridas moradas:
As sombras vás, os palidos Espectros,
Arrancados do fundo dos abysmos,
Orfeo rodeão, (21) qual a immensa tropa
Dessas aves, que horrenda tempestade
Amontôa dos bosques na espessura:
Erão maridos, erão mãis chorosas,
Grandes Heroes, mas todos já fantasmas,
Tenras Virgens, impavidos mancebos,
A' vista de seus pais na pyra impostos.
Da negra Estige as ondas pestilentes
Nove vezes com seu medonho gyro
A' sahida se oppõe dos infelizes:
Lutulenta lagôa, cujas bordas
Densas brenhas de negras balsas croão,
De barreira lhes serve insuperavel.
Todo o inferno se admira; as mesmas Furias,
As Eumenides, sobre cujas frontes

Syl-

Sylvão ſerpes fataes, attentas ouvem:
Chega a calar a triplice garganta
Eſſe guarda cruel da Eſtigia porta;
Chega a ver-ſe parada a roda eterna
Do torpe pai dos horridos Centauros.
Vencido todo o riſco, já voltava
Das trevas avernaes alegre o Vatte;
Reſgatada tambem a terna amante
Já do mundo gozar as luzes vinha;
Que gozára, ſe Orpheo não tranſgredíra
Da Rainha infernal as leis tremendas!
Ommiſsão deſculpavel, ſe os infernos
Das faltas dos mortaes ter dó ſoubeſſem.
Das ſombras ao paſſar as raias quaſi,
De ſi meſmo eſquecido, atraz ſe víra;
Não podendo ſuſter-ſe, a viſtà emprega
Neſſe objecto infeliz dos ſeus esforços.
Viſta fatal, que tudo em vão tornaſte!
Logo o duro Plutão a graça annulla;
Por tres vezes retumbão de alegria
Do negro Averno os tanques horroroſos:
Euridice exclamou toda paſmada;
Que implacavel furor! Que tyrania!

Quem

Quem cruel nos separa eternamente?
Segunda vez ao Reino dos Espectros
Me arrebatão crueis os impios Fados:
Já meus olhos affoga hum somno eterno!..
A Deos, amado Esposo!.. em vão pertendem
Minhas tremulas mãos juntar as tuas!..
Não mais tua me chames!.. já me envolvem
Da fria morte as sombras tenebrosas.
Isto dito, qual fumo, á vista escapa.

Em vão Orpheo a segue, em vão a chama:
Leves sombras, não mais, inquieto abraça;
Nem o Velho Charonte mais o deixa
Do Cocyto passar as negras ondas:
Que faria infeliz!... aonde iria,
Duas vezes perdido tendo a Esposa!
Com que tristes lamentos, com que vozes
Os Numes infernaes abrandaria!
Vãos esforços!.. Já sobre o lenho infausto
Pela Estigia cruzava a sombra exangue.
Sete mezes inteiros junto ás praias
Estrymonias passou chorando o Vatte:
Mettido ali nos antros dos rochedos
Com seus cantos domava os tygres bravos;

Mo-

Movião-ſe os penhaſcos, e curvavão
Seu alto cume os rigidos carvalhos.
Aſſim lamenta ſobre os verdes ramos
Da freſca faia triſte a Filomella;
Aſſim chorando a perda de ſeus filhos,
Que ſagaz Camponez roubára implumes,
Solitaria da noute nos horrores
Enche os boſques de ſeus gemidos ternos.
Nem o tocão de amor ardentes chammas
Nem de doce Himinêo pudicos laços;
Antes vagando triſte, e ſolitario
Nas praias do Tanays, e pelos gelos
Dos deſertos Riphêos, já mais ceſſava
De Euridice chorar, e de enganoſos
Accuſar de Plutão os dons indignos.
Em vão da Thracia as perfidas bellezas
Seu peito dominar ſe liſongêão;
Aſſim foi elle a victima innocente
Deſſa tropa cruel!.. Deſeſperadas
Entre os impios myſterios, que offertavão,
Lá nas trévas da noute, ao Deos de Thebas,
Pelos campos arrojão furibundas
Do triſte moço os membros retalhados.

Do patrio Hebro as ondas compassivas
A cabeça recebem destroncada:
Ainda ali, rolando nas correntes
Sua lingua divina, já expirante,
De Euridice murmura o doce nome!
Por Euridice exclamão retumbantes
Pelas praias ainda os tristes écos.
Assim fallou Protheo, que ao mar saltando
Moveo té o fundo as agoas espumantes.
Cyrene então parece, e de Aristêo
Desta fórma socega os vãos terrores:
Já, meu filho, podeis de vosso peito
Todo o susto expellir, limpai os choros;
Pois a origem sabeis dos vossos males.
Foi o Coro gentil das louras Nynfas
Com quem pela espessura das florestas
De Orpheo brincava a misera consorte,
Quem nos enxames fez horrendo estrago.
He preciso, meu filho, destas Deosas
A vingança applacar com dons, e preces;
Numes não são crueis, e inexoraveis.
Entre os bellos rebanhos, que apascentas
Do viçoso Licêo nos frescos prados,

Dos

Dos mais gordos novilhos quatro escolhe;
Tambem te sigão quatro brancas rezes,
Sobre o collo das quaes não peze o jugo:
Corra seu sangue, banhe as quatro aras,
Que tiveres ás Nynfas erigido:
Mas, depois de tingido o cultro terem,
Nos horrores de hum bosque os corpos deixa.
Só depois que do Sol os aureos berços
Nove vezes mostrar a roxa Aurora,
A' frondosa floresta os passos guia:
Do Esposo então offerta aos tristes manes
Da fatal dormideira a flor infausta:
De Euridice metigue a sombra errante
De negra ovelha, e pavida novilha
Correndo em borbotões o quente sangue.
Suas ordens fiel o filho cumpre:
Sobre as aras, que erige, faz que a vida
Com seu sangue destilem quatro touros;
Que igual sorte padeção quatro rezes
Das mais bellas, que a relva decrutavão
Do frondoso Licêo nos verdes bosques.
Só depois de raiar a nona Aurora,
Torna ao bosque, e de Orphêo aplaca os manes.

Que

Que estupendo prodigio!.. nas entranhas
Dos bois sacrificados murmurava
De sagazes abelhas povo immenso:
Do roto ventre escapão densas nuvens,
Que dos ramos de hum bosque sobranceiro,
A' maneira de cacho, se suspendem.

Estes versos cantava minha Musa
Sobre os campos, as plantas, e os rebanhos,
Do Euphrates em quanto nos contornos
Do mundo o Vencedor, o grande Cesar
De Marte fulminava os impios raios,
Dictava leis aos povos submettidos,
E aplanava do Olympo a heroica estrada;
Gozando então dos mimos do retiro,
De Napoles feliz nos bellos campos
A's Musas consagrava os meus estudos:
Eu Virgilio, que lá no ardor dos annos,
Da fresca faia á sombra reclinado,
Jucundos sons tirei da humilde avena.

Era a grande Maria quem ſentada
Na eminencia do Solio Luſitano
Fazia disfrutar do Sceptro os mimos
Na vaſtidão de todo o Luſo Imperio:
Erão Lima, Seabra, Mello, e Pinto
Os Miniſtros fieis, em cujo zelo
Dos negocios o pezo deſcançava:
Quando Ozorio do inclito Virgilio
Com prazer imitava o doce Metro,
Diſtraindo do tempo alguns momentos
No ſerviço das Muſas liſongeiras.
Neſſe tempo, debaixo dos auſpicios
Da Heroina immortal por alto mando,
Manejava das ſabias leis o jugo
A vós, póvos groſſeiros, que conſentes
D'Alfandega da Fé pizais os montes,

NOTAS
AO
QUARTO LIVRO.

(1) *Alrutrès, ou Abelharucos são humas aves, grandes preseguidoras das abelhas.*

(2) *Progne, filha de Pandion, Rei de Athenas, e mulher de Teréo Rei de Thracia, dando a comer guizado a seu marido Itys, filho de ambos em vingança de ter o mesmo Teréo estuprado sua cunhada Filomella, foi por Jupiter convertida em andorinha, assim como Filomella em rouxinol.*

(3) *Ida he hum monte de Phrigia.*

(4) *Chama-se Actico insecto á abelha, porque no monte Hymeto ao pé de Athenas na Attica, muito abundante de flores, e plantas odoriferas, se colhia muito mel.*

(5) *Nos sacrificios de Cybeles, tida por mãi dos Deoses, se costumavão tocar sinos, e outros instrumentos de bronze.*

(6) *He Priapo, filho de Venus, e de Ba-*

cho, nascido, e venerado com especialidade em Lampsaco, Cidade do Hellesponto; venerava-se antigamente por Deos das hortas, e dos jardins, nos quaes costumavão collocar huma rude, e infame estatua sua com huma fouce na mão.

(7) *Pesto era huma povoação de Lucania, em que produzião as rosas duas vezes no anno, que vinhão a ser em Maio, e em Setembro.*

(8) *Flóra era Deosa dos jardins, e das flores.*

(9) *Galezo he hum rio da Calabria; cujas ondas parecem negras, ou por ser muito profundo, ou por estar muito assombrado com bosques.*

(10) *Pomona era Deosa dos pomares.*

(11) *Corybantes erão os sacerdotes da Deosa Cybeles, que com o ruido dos escudos de bronze; fizerão com que os choros do menino Jupiter, escondido por sua mãi em huma caverna do monte Dictéo, não fossem ouvidos por Saturno seu pai, que queria devora-lo, co-*

M ii mo-

mo fazia aos outros filhos, por lhe terem dito os Oraculos, que os filhos o havião de expellir do Reino.

(12) *Mella he hum rio da Galia Cisalpina. De Aristêo fallámos no primeiro Livro, assim como tambem de sua mãi Cyrêne, e do rio Penêo.*

(13) *Phasis he hum rio de Colchos, que decorre dos montes de Armenia, para o Ponto Euxino.*

(14) *Lyco he hum rio da mesma região.*

(15) *Enipêo he hum rio de Thessalia, que rega os campos de Pharsalia.*

16 *Anio he rio de Italia, e Hypanis da Scythia.*

(17) *Carpathia, Ilha entre Creta, e Rhodes, he hoje chamada Scarpanto.*

(18) *Prothêo, filho do Oceano, e de Tethys, natural de* Pallene *em Macedonia, era tido como grande adevinhador, e pastor dos rebanhos de Neptuno.*

(19) *Pangêo he hum monte de Thracia, junto a Macedonia.*

(20)

(20) *Hebro be bum rio de Thracia.*

(21) *Orphêo, filho de Apollo, e Thalia, foi hum dos mais antigos Poetas.*

(22) *Huma no Verão, e outra no Outono são as vezes, em que Virgilio diz se costumava fazer a créSta dos favos.*

ODE

SEGUEM-SE

ALGUMAS

COMPOSIÇÕES POETICAS.

ODE I.

AOS ANNOS
DO
SERENISSIMO
PRINCIPE NOSSO SENHOR.

Embora a cervis corte agudo alfange
Sobre nodoso cepo
Da progenie desse Arabe potente,
Sequaz do impio Livro,
Da prisão nos horrores, por herança
Fatal, aferrolhada:
Embora, embora fossem condemnados
Ao mais funesto Ecplise
Do fero Irmão por barbaro Decreto
Os Princepes da Persia:
O furor de Civis cruentas guerras
Com sangue Mauritano
Da secca Lybia as férvidas arêas
Inunde turbulento,

Cada

Cada vez que nas ſombras horroroſas
Dos Plutonicos Reinos
Cahem bramindo os perfidos tyrannos
Das furias entre as garras:
Já que neſſes paizes, onde impéra
Soberbo o Diſpotiſmo,
Nem Cortes Lameceñſes, nem Leis Regias,
Nem ſacras Bulas d'ouro
Affianção do Throno a juſta herança
A' Raça dominante.
Deſſes climas miſerrimos, batendo
A candida plumagem,
Se auſente a paz, do Olympo o mais mimoſo
Jucundo donativo.
De ſeu ſeio vomite a iniqua terra
O monſtro impaciente
Da aſanhada Diſcordia: a ſoltas velas
Fuja a doce harmonía.
Mais inquietos ainda, do que quando
Sobre a Urſa gelada
Com roupas rubicundas ſe apreſenta
A flamifera Aurora;
Ou quando eſtende a cauda ſcintilante
Va-

Vagabundo Cometa,
Vejão raiar no lucido horisonte
O dia formidavel,
Que ao impio monstro déra a luz primeira,
Os povos temerosos.
Longe de Lysia, longe de Ulysséa
Agouros tão sinistros.
Já mais sereno o Tejo vê, sentado
No leito christalino,
Mais formoso dourando os bellos montes,
E as viçosas campinas
O aureo Sol, que nesses faustos dias,
Em que os Ceos carinhosos
Da illustre Lysia os Chefes perpetuão,
E a gloria dos Braganças.
Neste dia feliz, que corresponde,
O' Princepe ditoso,
Aquelle de prazer, tão suspirado
Por todo o Luso Imperio,
Deixando os valles do brilhante Olympo
A placida Alegria
Vem derramar de Lysia sobre os campos
Risonha as taças de ouro.

Já do nectar celeste na alma lavrão
Os jucundos effeitos;
Já nos áres retumbão doces vivas
Das entranhas nascidos;
Nas Sanctas Aras dos pomposos Templos
Fumão gratos arômas:
Tudo, tudo a contar de Regios annos
Aspira immensos Lustros.
Que intrepidas Nações, guerreiros Povos,
Que briosos Vassallos
Já nos brincos de Marte o rubro sangue
Das vêas exgotando,
Já nos braços de Astrêa, quando as azas
Estende sobre o Throno,
Igualárão no Amor da Estirpe Augusta
Aos fieis Lusitanos!
Inda Ibéria calada vê juncados
Os valles, e as montanhas
De rasgadas bandeiras, férreos cascos,
De lanças destroçadas:
Inda estremece, ainda a fronte enlucta,
Quando os ventos do Occaso

Aos

Aos ouvidos lhe rosnão petulantes
No grande condestavel:
Inda o Tejo feliz em cofres guarda
As rompidas cadêas,
Com que o bravo Leão seus roxos pulsos
Injusto comprimia.
Quem, ó altos heroes, que o verde seio
Rompestes de Neptuno
Por entre mil horrisonas tormentas,
Por entre hervadas frechas,
Quem vos movêo, intrepidos guerreiros,
Com espanto do Mundo
Ir arvorar nos pólos mais distantes
As Quinas sacrosantas?
Esse amor filial, desejo ardente
De manter sobre o Throno
Com maior esplendor a Augusta raça,
Que vio sagrar Ourique.
Assim os Ceos propicios dem ouvidos
De Lysia ao terno pranto;
Assim vejas, ó Princepe ditoso,
Contando tres Idades,
Que as arêas do mar mais numerosa

A Regia Deſcendencia;
Que eu já ouço da Deoſa de cem boccas
A tuba altiſonante;
Já da infame liſonja o Monſtro vejo
Cadêas arraſtrando.

ODE

ODE II.

A' ILL.MA E EX.MA SER.A

CONDESSA D'OYENHAUSEN.

EMBORA por ganhar as fortes armas
Do filho de Pelêo
Ser de raça immortal se vanglorêe
Hum Ajás arrogante:
Embora do ouro a vil, a torpe sede
Represente inculpavel
O mais nefando barbaro homicidio
De Tyro ao Rei faminto:
Embora o Tybre, e a sabia Roma admirem,
Em quanto geme a Grecia,
Os profusos opiparos banquetes
Do prodigo Lucullo:
Nem vetustos Padrões, honrosos Timbres,
Brasões esclarecidos,
Nem thesouros, nem mezas, onde espumão
As taças rubicundas,
Fumão gratos manjares conduzidos

Por

Por Libré numerosa,
Cantar agora intenta, illustre Oyenhausen
Nos valles do Heliconte,
Ou do Pindo nos bosques deleitosos,
Minha Musa singela:
Tu bem sabes qual seja o vil apreço
Das terrenas grandezas.
Deixa pois, Musa, deixa, não te ceguem
Do mundo vãos fantasmas:
Recorda sim que tanto sobre o Tejo
Sobresahe na nobreza
Do Lorna esclarecido a excelsa Casa,
Quanto o membrudo Athlante
Seu alto cume eleva sobre os bosques
Frondiferos da Lybia;
Mas tão rapida adverte, quanto as auras
Ligeira fere a setta.
Na inclita Leonor, jucunda socia
Do sacro Pierio choro,
Compendio raro de immortaes virtudes,
D'heroicos sentimentos,
Raro genio, deposito inexhausto

Dos

Dos Paladios thesouros
Achas quanto admirar pasmadas podem
As futuras idades.
Ninguem mais associar que Oyenhausen sabe
Co'a doce urbanidade
Esse egregio ascendente, que destingue
Os d'alta Jerarquia.
A sã prudencia, a candida verdade,
A solida Justiça
De seu nobre caracter constituem
O pomposo edificio
Como em vãos passatempos; nem nos braços
Da mole ociosidade
Do fugaz tempo os rapidos momentos
Inerte não consome,
Mas sim, já da inconstante mente humana
Os Fastos revolvendo,
Já ensaiando nos metricos accentos
Da Lyra as aureas vozes,
Já mais deixa de ser hum só momento
A gloria de seu sexo.
Porém que admiras, Musa, se o heroismo,

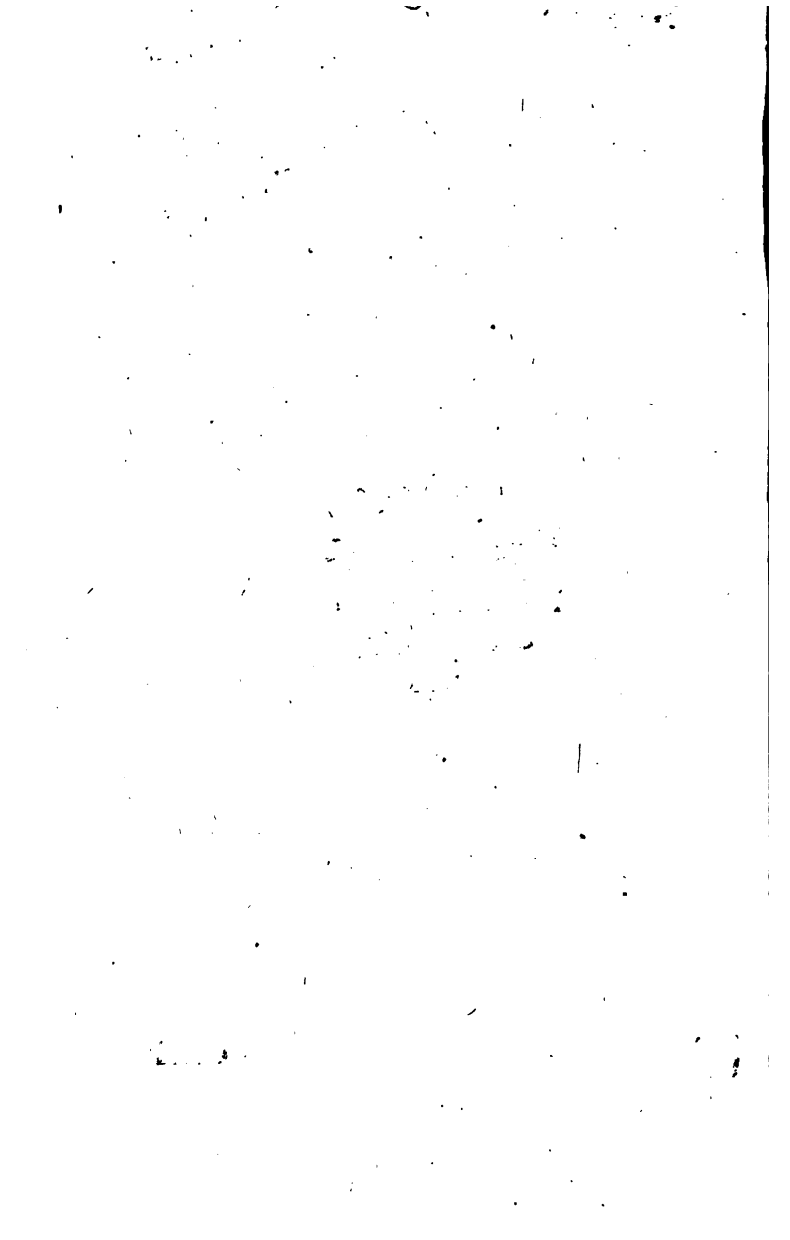
Se a inclita virtude
Por herança lhe vem!... O mundo inteiro
Do magnanimo Lorna
O ſempre invicto, e ſempre heroico genio
Reſpeita confundido.
Retirado nos boſques apraſiveis
Do viſtoſo Almeirim
Dos tumultos izento, e das intrigas
D'huma Corte ambicioſa,
De ſeus dias a placida carreira
A's virtudes conſagra.
Foi preciſo, por alta Providencia,
Que a fecunda Germania
Produziſſe hum Varão (d'aquelles raros
Que em perfeita harmonia
Juntar ſabem de Marte as verdes palmas
Aos louros de Minerva)
Para Eſpoſo feliz, amante ſocio
Da preclara Condeſſa.
Eſſa meſma Germania eſclarecida,
Todo o Norte illuſtrado
Diſfarçar a ſaudade inda não póde

De

De ver-te mageſtoſa
De ſeus campos pizar as tenras flores,
E as praias de ſeus rios.
Quantos Cyſnes do Rhim nas freſcas aguas
A plumagem rocião
Com ſeu doce gorgeio, . Mas que empenho! . . .
Que difficil aſſumpto! . . .
Só huma lyra affinada como a tua,
Excelſa Leonor,
Poderá, ſem temer do tempo as iras,
Cantar-te dignamente:
Ou entões as inclitas façanhas
Dos preclaros Varões
Que ſeu nome endeoſarão ſem receio
Do negro eſquecimento;
Ou do cego Menino o duro eſtrago,
E as brandas eſquivanças;
Ou da vida rural os dons felizes,
E o prazer innocente:
Ninguem cinge com mais juſtiça as corôas
Dos louros do Heliconte.
Já mais ſeus mimos vio com tanta graça,

Com tanta melodia
Decantados, ou quando as aureas taças
De doce orvalhos cheias
Sobre as flores derrama, quando o gelo
Das montanhas derrete,
Quando os troncos reveste, enfeita os prados,
A meiga Primavera.
Vê-se o torrido Estio, já enfeixando
No campo as louras messes,
Já os rebanhos juntando preguiçosos
A' sombra dos penedos.
Representa-se como regaçando
Os braços carnegúdos
No rosnante lagar o môsto espréme
O pomifero Outono.
Refece o sangue, os membros estremecem
Ao ver o crespo Inverno
Despindo os bosques, alagando os valles,
E as fontes congelando.
Feliz o Pai, feliz o caro Esposo,
Feliz a terna Prole,
Doces fructos, penhores venturosos
Dos laços mais jucundos:

Pois

Pois nem feros Lebrins de Paphias Pombas,
Naſcer já mais ſe virão,
Nem de manſas Ovelhas bravos Tygres,
Ou Lubricas Serpentes.

ODE III.

AO SENHOR

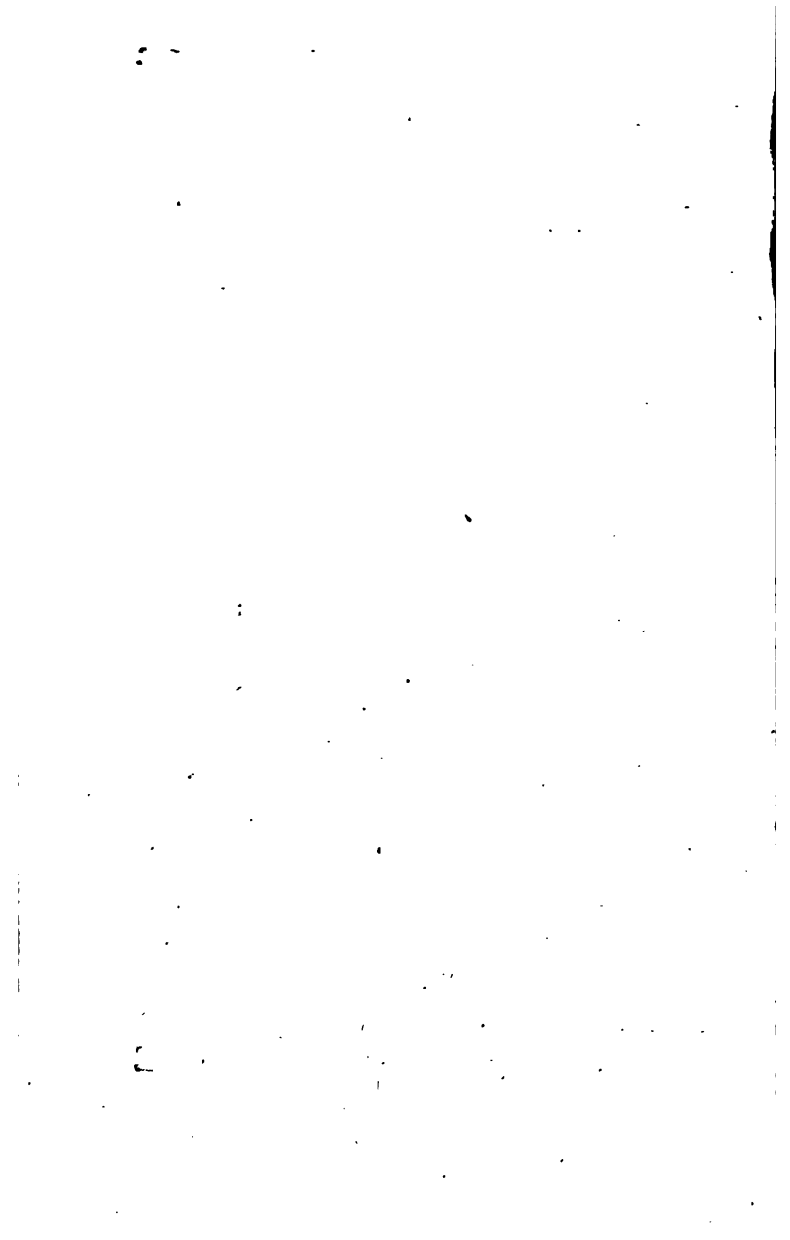
FRANCISCO OZORIO DA FONCECA.

HE chegada a Estação, presado Ozorio,
Estação desabrida,
Em que todo enrugado, o crespo Inverno,
Sahindo carrancudo,
D'essas frias montanhas, onde brilhão
Eternos caramelos,
Pelos campos semêa as brancas neves,
E os frios horrorosos.
Eu o vejo torcendo as longas pernas,
Batendo os velhos queixos,
Dar as ordens com sua mão greṭada
D' Eôlo ás duras tropas.
Despedaça-se o monte; logo estalão
As pezadas cadêas;
Tudo enchem d'horror os roucos [illegible]dos;
Tudo guerra annuncía;
Troncos, penhas, castellos... tudo cede
Aos

Aos Nothos furibundos.
Mostra a longa raiz a excelsa faia;
Beja a terra o carvalho;
Desafia com seu roido os écos
O musgoso palacio.
A pezar do rigor da negra fome,
Da sêde fatigante,
Não se atrevem sahir da tosca lapa
Os pavidos rebanhos.
Já não cantão risonhos á porfia
Nos arbustos frondosos,
Mas nas fendas dos troncos carcomidos,
Nos abertos rochedos
Em pares se clausurão divididos
Os tristes passarinhos.
Nas sombrias cavernas, lá nos antros
Das medonhas montanhas,
Receosos dos Nothos, se sepultão
Os Zephiros pasmados.
He só tempo de ver pular nas taças
Esse nectar divino
Transportado dos montes, que dominão
Sobre o Douro fecundo:

Tem-

Tempo só de escutar na rica sala,
Aonde luminosos
Brilhão aureos crystaes, sublimes vozes
Melodicos concertos:
Tempo só de volver sobre o tapete
Os Egregios Authores,
Cujo nome immortal já mais ufana
Riscar a Parca pode.
Livremente os reconditos segredos
De seu palpavel seio,
Sondada com prazer, te patentêa
Agora a Natureza.
Eu te vejo, lá n'essas ferteis praias
Do placido Mondego
Folhear com vigor das Leis sagradas
Os pezados volumes.
Em vão traça Morphêo molestos laços
As negras sombrancelhas:
Em vão forceja impavida Cohorte
De Moços vagabundos
Por levar-te a afrontar as negras sombras
Das famosas Amêas:
Só do bronze despérto os sons picantes
Da fadiga te arrancão.

ODE

ODE IV.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

JOSE' DE SEABRA DA SILVA,

Ministro Secretario d' Estado dos Negocios do Reino, &c. &c.

DEsce, ó Musa, do Pindo; deixa os bosques
Da sonora Hyppocrêne:
Tu, que aos Delphicos sons da eburnea Lyra
Do Pindaro Latino,
Até nos transmitiste o nome egregio
D'hum candido Mecenas,
Os triunfos de Druso, e os rasos muros
Da soberba Cantabria:
Tu, que sem recear do tempo as iras,
E a fouce estragadora,
Lá no Templo da Deosa de cem boccas
Com dourados pinceis
Os feitos immortaes dos raros genios
Generosa retratas:

Vem

Vem comigo entoar, oh! vem, Euterpe,
No Plectro sonoro
Do preclaro Seabra o nome illustre,
E as heroicas virtudes.
Este foi o Mecenas, que d'Augusto
Dos attentos ouvidos
Minhas preces subio; he quem as vozes
D'afligida viuva,
Do rustico infeliz, sem duro aspecto
Escuta enternecido;
De quem foge a lisonja; a quem respeita
A candida verdade.
De mãos dadas, em vão na negra Estygia
Revolveis os abysmos,
Vós, da Inveja, e calumnia, impios Monstros
Serpentes formidaveis:
Affronte, sim, as horridas campinas
Do turgido Neptuno;
Sofra em curvo baixel do Austro insano
Os terriveis assaltos;
Fataes Syrtes aborde; tale os hombros;
Do disforme Gigante;
Immovel sempre, sempre invariavel,

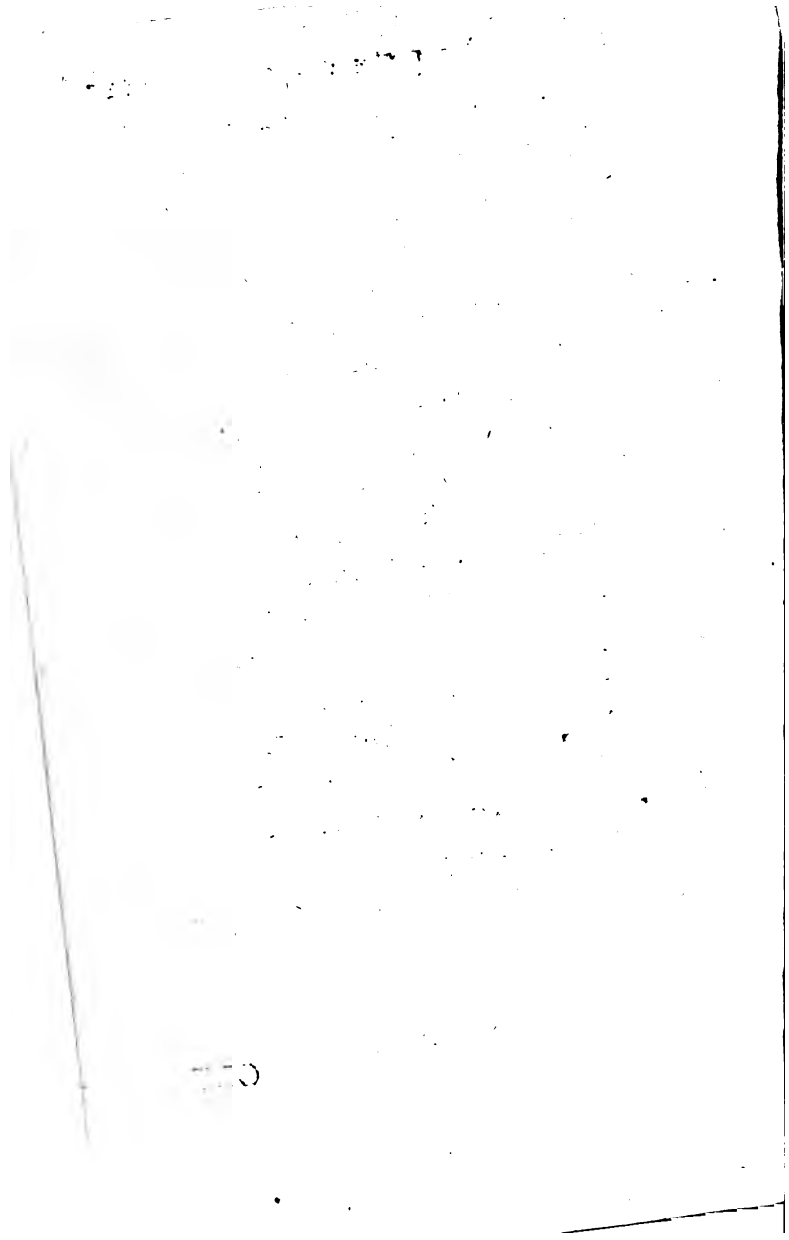
Qual

Qual marinho rochedo,
Vossos morsos despreza; nada atterrão
Seu peito vis astucias.
Em teus certões ainda hoje, ó Lybia,
Com terna saudade
Deste heróe se recorda a fé incorrupta,
A doce humanidade.
Sua lingua, mais doce do que a lyra
Do Thracio Citharista,
Mais suave que as cordas affinadas
Do fundador de Thebas,
A pezar de valer-se constrangida
De barbaros accentos,
Molifica daquelles brutos peitos
A rustica esquivança.
Já nos bravos certões do Tejo o nome
Se escuta com respeito.
Já nos coros selvagens, já nos jogos
Das selvaticas Nynfas
Do Luso Sceptro as glorias dão assumptos
A sinceras canções.
Desce dos Ceos; ó candida Innocencia;
Penetra o firmamento;

So-

Sobre Lysia batendo as brancas azas,
Suspende o brando vôo.
Veja Ulysséa, veja a grande Lysia,
Veja inteiro o Universo
De teu seio sahir Gentil, e núa
A incorrupta verdade.
Sintão de Thetys logo os vastos campos
Do pinho o pezo enorme:
Outra vez do Gigante os altos hombros
Lacére a aguda quilha:
Nas pardas vellas brinque bonançosa
D'Eôlo a vaga tropa:
Sahi, bellas Nereides, lá do fundo
Das grutas taciturnas;
Sobre os hombros gentis trazendo soltas
As vossas verdes tranças,
Entre immenso esquadrão de mansos Phocas
Conduzi presurosas
Essa carga feliz, o meu Mecenas
A's ribeiras do Tejo.
Coroado de ramos sobre as margens
O nosso pattrio rio,
Em signal do prazer, que o predomina,
Pen-

Pentêa a longa barba.
Viva a grande Maria; viva, exclamão,
E o ſeu fiel Miniſtro,
Com ſeus ecos os montes, reſpondendo
Do Povo aos altos gritos.
Tudo o colo ſubmette ao doce imperio
Da brilhante Innocencia:
Rebenta a Inveja; morde-ſe a Calumnia;
E paſma a vil Mentira.
Do bello roſto enxuga os triſtes choros,
O' melhor das Eſpoſas.
Suas portas douradas raſga logo
Das Leis o Sanctuario.
Vê-ſe rir nos degráos do Throno Auguſto
Dos póvos a Fortuna.
Aſſim cheia de goſto a nobre Lyſia
Teu nome illuſtre entôa;
Aſſim Europa o ouve com reſpeito,
O' preclaro Seabra.

ODE

ODE V.

A' ILL.MA E EX.MA SNR.A

D. CATHARINA MICHAELA

DE SOUZA CESAR, E LENCASTRE.

NUNCA meu genio foi do curvo arado
Reger o lento curſo,
Submetter da aguçada fouce ao fio
De Ceres os preſentes,
Ao ſom diſcorde, ao ruſtico deſcante
Da incipida cigarra.
Náo me agrada, arraſtrando fatigado
Eſpantoſos Cothurnos,
Solitario reger de monte em monte
Vagabundos rebanhos.
De meu peito debalde ás portas bates,
Sequioſa Cubiça;
Náo me convida a voz irreſiſtivel
Da ſabia Natureza
A cruzar de Neptuno os longos Reinos
No lenho vacilante,

O Por

Por do Ganges trazer ao patrio clima
A custosa riqueza.
Outra voz me arrebata.. fervem n'alma
Desejos mais sublimes.
Foi das Leis decidir a sabia mente
No Foro controverso;
Impôr silencio ás pérfidas intrigas
Em nome do Monarcha;
Reprimir do cruel a infame audacia
Com peito inexoravel;
Quem de minha alma sempre os movimentos
Ganhou victorioso,
Quem no encanto de ser util á Patria
Meus dias lisongêa.
Não me esqueço porém de vós, ó Deosas
Do copado Heliconte:
Não me apagão do Foro os sons confusos
O Estro venerando,
Que com fins de cantar hymnos aos Deoses,
E aos seus preclaros filhos,
Do Throno excelso do Castalio Numen
Benignas me sopraste.
Estro divino, dadiva celeste,
Que tanto acima elevas

Do

Do résto dos mortaes com raro assombro
A Illustre Catharina,
Quanto o Libano os seus vetustos cedros
Remonta sobre as nuvens;
Tu me arrebatas, . . tu feliz me levas
Do Sacro Monte ao cume:
Tu me mostras a par d'Euterpe, e Clio,
E da nobre Thalia
Essa dama gentil, honra do sexo,
Cingindo a branca fronte
Do loureiro immortal, que os grandes genios
Endeuza triunfante.
Dali mesmo, rasgando o véo espesso,
Que os Elysios encobre,
Entre os Heroes de seus Avós descubro
A esplendida carreira:
Huns corôa Mavorte, outros cinge
Pacifica Minerva.
Vejo os altos padrões, as ricas tarjas
D'hum metal perduravel,
Em que a Fama com seus brilhantes dedos
Escreve cuidadosa
Do grande Pinto, desse illustre esposo

O nome, a gloria, os feitos:
Lysia a penna lhe apára, dita os termos
Europa confundida.
Não me escapais, ainda que involvidas
Nos vapores de Thetys,
Vós do Tamisa praias deleitosas,
Vós, Ninfas crystalinas:
Com quanto pasmo deste par illustre
Fallais nos grandes Nomes?
Com que doce prazer as auras ferem
Os accentos suaves,
Com que os talentos destes raros genios
Cantaís agradecidas?
Qual admira na Esposa os bellos dotes
D'hum alto Nascimento;
Qual no Esposo respeita dos Conselhos
A sábia Madureza:
Este explica da excelsa Catharina
Os assiduos estudos;
De Pinto aquelle os bellicos talentos
Reverente pregôa:
Todos d'ambos a melica Eloquencia,
A candida lisura,

A

A doce compaixão, o gésto affavel
 Applaudem com disvello.
Vejo hum grato combate, ao som confuso
 Das torcidas correntes,
Entre os rios famosos Tejo, e Minho,
 E tu, fragoso Douro:
Estes querem, que sobre os astros suba
 A gloria de seus nomes,
Porque destes heróes os berços forão
 Seus campos fortunosos:
Quer aquelle, que nova pedra esmalte
 A Corôa que o cinge,
Já que da posse deste par brilhante
 A gloria incomparavel
Denegar-se não pode ás frescas praias
 Das Tagides formosas...
Mas aonde me elevas, fogo excelso!...
 Aonde me arrebatas!...
Suspende o vôo... só de Catharina
 A Lyra altissonante,
Essa Lyra, que a Sapho rouba as graças,
 E a Pindaro os accentos,
De vencer he capaz as verdes palmas
Em

Em tão ſublime empreza.
Cantem ſeus ſons, entôem com grandeza
Os meritos paſmoſos
Dos paſſados heróes, que troncos forão
De tão viçoſos ramos.
Cantém do Eſpoſo o zelo incomparavel,
Aquelle ardor activo,
Que tanto a patria admira, o mundo inveja
E exalta a immortal Deoſa.

ODE-

ODE VI.

AO FAUSTISSIMO NASCIMENTO
DA
REAL PRINCEZA DA BEIRA
A
SERENISSIMA SENHORA
DONA MARIA TERESA.

SOBRE a terra de novo os dias raião
Do Reino de Saturno:
Já do Olympo ſe lança a brandos vôos
A placida Alegria,
Não do fero Paiz nos campos, onde
Freneticas fluctuão
A vil licença, a barbara deſordem
No ſangue do innocente;
Mas de Lyſia fiel, da illuſtre Lyſia
Nas praias deleitoſas

Appa-

Apparece gentil, perfuma os ares,
Despeja os cofres de ouro.
Feliz Nação! Em quanto da Discordia
O monstro turbulento
Raivoso escolta a tropa detestavel,
Que attenta á Regia vida;
Quando em odio das leis mais sacrosantas,
Da aflicta Humanidade
Detrás dos Pirinéos se offrece ao mundo
A scena mais tocante;
Em quanto o Rhim de horrores traspassado
Nas correntes embrulha
Esses réstos exangues, que supportão
De Marte os duros golpes;
Do mais puro prazer, que os Ceos facultão
Abaixo das Estrellas
Te enebrias gostosa sem temeres
Infame piratagem!
Feliz Imperio! aos altos Ceos offrece
Devotos hollocaustos:
Ao Genio Tutelar fiel compensa
Os benignos officios.

Já

Já da verdade o ſello inextinguivel
A' face do Univerſo
Realiza, ao depois de idades muitas,
As promeſſas d'Ourique:
Já de Bragança temos quem a gloria
Brilhante perpetue.
Não debalde Hyminêo feſtivo accende
As tochas luminoſas;
Cytheréa convoca o gentil Coro
Das Graças pudibundas;
E tres vezes, em quanto os brancos lyrios
Alegre Amor ſemêa,
Sobre o Thalamo os teus auſpicios chamão,
Lucina, favoravel.
Livre já das prizões, com que goſtoſa
A ſabia Natureza
Da mais terna das mãis ao Regio ſeio
Reverente a ligára,
Principia a gozar do mundo as luzes
Do Sceptro a tenra herdeira.
Vive, Princeza, vive; os votos enche
Da Patria ſaudoſa,

Os

Os deſejos dos pais, e a doce 'ſprança
De teus Avós excelſos.
Retirarão-ſe já das limpas auras
As nuvens carregadas:
Engraçado matiz de flores veſte
Os campos enfadados;
Applaude... applaude, ó Lyſia, de teus votos
Fieis o complemento:
Eu vos vejo deixar do Tejo as praias,
O' ſuſtos, ó terrores,
Quaes das aves do mar confuſa tropa,
Que horrenda tempeſtade
Arremeſſa das ondas, e amontôa
Dos boſques nos horrores.
Eſſa Infante gentil, a quem as Graças
No aureo berço emballão,
Que, ora entregue do mais tranquillo ſomno
Aos doces attractivos,
Ora deſperta, á Regia mãi reſponde
C'hum ſereno ſurriſo,
Hade hum dia juntar hum novo eſmalte
De Lyſia ao Sceptro illuſtre;
Ha-

Hade a honra manter, o lustre, a gloria
Das Quinas venerandas;
Dos Heroes immortaes que a produzírão
Seguindo os nobres passos,
Dilatar por milhões de faustos lustros
A raça Bragantina.

ODE VII.

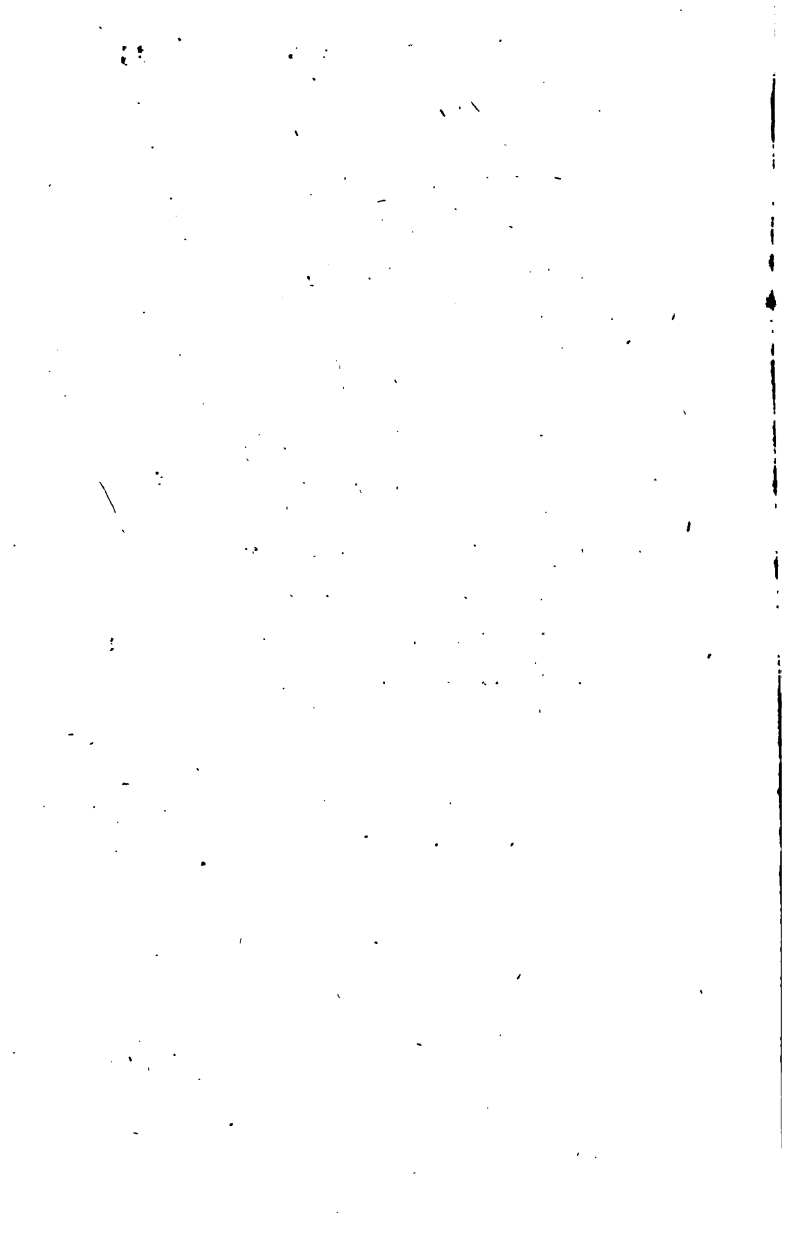
A filicidade do homem que segue o caminho da virtude.

Dos altos montes partem furibundos
Os Nothos sibilantes:
A montanha murmura, morde a terra
Da excelsa faia o cume:
Desenrola gritando a parda nuvem
Fugazes lavaredas:
Tremem do Globo os eixos abalados;
As sombras se amontoão,
Desafogão-se em mil negras torrentes
Os ares tenebrosos:
A' tosca lapa corre espavorido
Tostado pegureiro:
A donzella desmaia... até se aterra
O torpe libertino.
Duros remorsos, quaes tyrannas furias
Nas entranhas lhe accendem
A vã soberba, a gula tragadora,
E tu, brutal luxuria.

Só

Só tu, homem feliz, que as doces vias
Caminhas da virtude,
Que persegues o crime, e as costas viras
Aos enganos do mundo,
Sem lembranças crueis tranquillo admiras
Dos Ceos a mão potente.
Correm seus dias todos bonançosos
Nos braços da consorte:
Longe a louca ambição, longe os effeitos
Da vil ociosidade.
Os ternos filhos, fructos singulares
Dos laços innocentes,
Da fadiga rural com meigos gestos
O tedio suavisão.
Vê com prazer da sabia Natureza
As obras portentosas:
Se alí no Outono os rôxos cachos pendem
Da ramosa parreira;
Sobre o ramo curvado além Pomona
Risonha os pomos pinta.
Ora incensos á filha de Saturno
Offrece respeitoso,
Quando da Deosa vê que á mão propicia
As

As verdes messes doira;
Ora nas praias, onde aos Ceós se eleva
Hum Platano sombrio,
Suspenso admira, como as flores rouba
Sagaz a flava abelha.
Nada... nada o perturba; sempre ousado
Na ajustada carreira,
Sempre constante, qual robusta rócha
Aos ataques das ondas,
Ama o Justo Poder, que os seus Maiores
Gostosos respeitaráõ;
Segue o culto fiel, que seus passados
Aos filhos transmitirão;
Delle foge a calumnia... ao vêr-lhe a sombra
Rebenta a vil mentira.

ODE

ODE VIII.

Embora, infame Paris, iracunda
De Jove a grã consorte
Por impulsos da Ira mais profunda
Cruel forjasse a morte
Do magnanimo Heitor, heroe valente,
Formidavel terror da Grega gente.
Embora as tristes timidas Donzellas
Rasgando o pulchro seio
Das altas torres d' Ilion das janellas
Mavorte horrendo, e feio
Com lança enorme vissem na campina,
Hostias mandando á dura Libitina.

Embóra, o que hoje bebe as claras agoas
Do Xanto esclarecido,
Não podendo occultar as tristes magoas,
Ensine enternecido
O lugar, onde jazem submergidas
Da antiga Troia as cinzas denegridas:
Já que ingrato aos domesticos favores,

Da candida amizade,
Sem temeres os Deoſes vingadores
Da negra falſidade,
D'Ilion trouxeſte ás portas diſgraçadas
Do ſimples Rei as ditas uſurpadas.

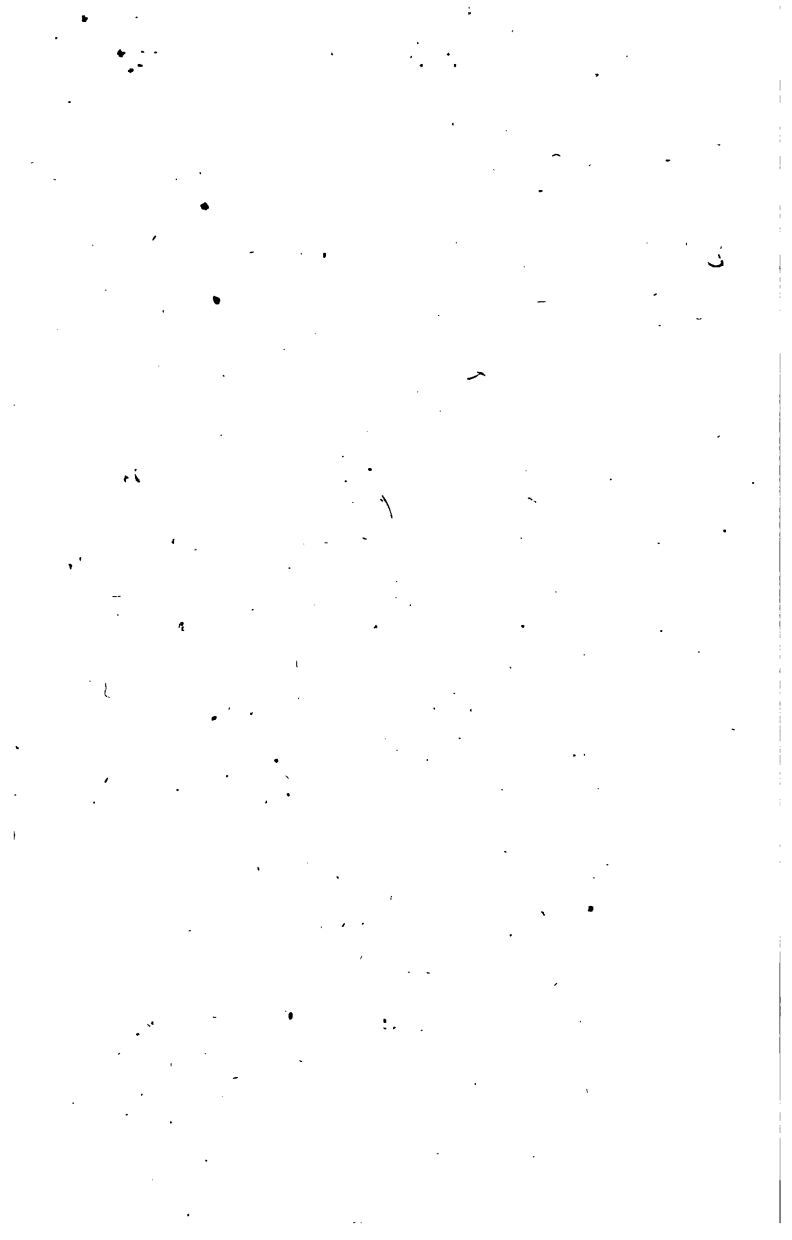
He ſim vadio, livre, e vagabundo
O terno paſſarinho,
Deixa do ramo, em quanto corre o mundo,
Pendente o doce ninho;
Mas já mais violar por traça, e geito
Os goſtos ſe verá de eſtranho leito.

Que importava que a Deoſa dos Amores
Nas floreſtas do Ida
Contra ti diſparaſſe os ſeus rigores,
Ficando preterida?
Triunfára de Jove a regia Eſpoſa,
Levaſſe o pomo a Deoſa bellicoſa.

Aſſim ſe le no templo da Memoria
Teu nome denegrido,
Mal dos Gregos Heroes a inclita gloria
Deſ-

Desperta attento ouvido,
Logo occorre que crime detestavel
Fez contra Troia o Fado inexoravel.

Temei, temei mancebos ardilosos,
Hum delicto nefando;
De Himineo respeitai religiosos
O Nume venerando:
Sobre as aras o homem cruza os braços;
São propicios os Ceos quem tece os laços.

Inda aos peitos as ternas mãis sustentão
Briosa descendencia;
Inda da honra as sanctas leis fomentão
Heroica effervescencia;
Meneláos inda existem vingativos,
Furibundos Orestes fugitivos.

SONETO I.

REvestidos os Ceos de mais candura!...
Da campina as boninas mais viçosas!...
Os Zephiros nas folhas buliçosas
Dos arbustos brincando com brandura!...

Cantarem com mais graça, e mais ternura
Nos raminhos as aves sonorosas ...
As Nynfas mais gentis, e as mais formosas
Dançando já tão cedo na espessura!...

Ainda o Tejo vejo somnolento;...
E põe flores na barba encanecida!..
A que fim tão geral contentamento?

Já sei o fim de festa tão luzida:
Festeja-se hoje o fausto nascimento
Da gentil Annarilia esclarecida.

SONETO II.

BEm ſei, Amor, bem ſei, que confiado
Em teus Templos entrei, lancei por terra
Eſſa aljava fatal, que tudo atterra,
Que tantos peitos tem aſoſobrado:

Sobre as aras da ſancta Paz ouſado
Não mais ceder jurei d'Amor á guerra:
Mas tu, cuja deſtreza ja mais erra,
De taes juras te riſte atraiçoado.

Inda bem, pois que ves já bem vingada
Tão ſenſivel affronta; n'um ſó dia
Tudo tu desfizeſte em vento, e nada.

Porém perdôa, Amor! Eu não ſabia,
Quando fiz ceremonia tão ſagrada,
Que a bella Nize já naſcido havia.

SO-

SONETO III.

DEs-de o Côa ao Mondego, remontado
Rezolve-te a partir, Soneto meu,
Mas á quem das campinas de Vizeu
Teu caminho darás por acabado.

D'um jardim n'um dos louros mais copado,
A quem as ternas aves tem por ſeu,
Remanſado ſuſpende o vôo teu
Até que Aurora moſtre o Ceo dourado.

Mas apenas o Sol vier luzindo,
Ligeiro corre ao berço de verdura,
Onde Isbela gentil, eſtá dormindo:

Do pulchro roſto admira a formoſura;
E de manſo ſeu ſeio deſcubrindo,
Vê que ſonho entretem ſu'alma pura.

SO-

SONETO IV.

DIſpare o Sol ſeus raios mais brilhantes;
Brote o prado de ſi cheiroſas flores;
Cantem mais porfioſos ſeus amores
Alegres paſſarinhos, ſempre errantes:

Ao grato ſom de muſicos deſcantes,
Feſtivos ſaltem ruſticos paſtores;
Delgace Amor ſeus aureos paſſadores,
De fortes peitos ſempre triunfantes:

Nas brandas cordas grata melodia
Pelos dedos dos Cyſnes, mais que humanos,
Das Muſas ſira a pulchra companhia;

Nynfas, Driades, Satyros, Serranos...
Tudo, tudo feſteje o grande dia,
Em que, ó Marcia gentil, fazes teus annos.

SO-

SONETO V.

EMbóra lavras, campos, nem seára,
Nem fecundas colmeas eu tivera;
Esfaimada, voraz, cruenta fera
Meus lacivos rebanhos lacerára:

No triſte coração me não pezára,
Se theſouros riquiſſimos perdera,
Ou quanta pedraria a gente Ibéra
Do novo mundo ao noſſo tranſportára:

Sempre a ſorte cruel, por mais maligna,
Por mais que pertinaz me perſeguíra,
No peito achára força diamantina,

Se por fortuna agora conſeguira,
Que de Nize a belleza peregrina
Meu triſte lamentar ſe quer ouvíra.

SO-

SONETO VI.

SEpultado em mortal melancolia
Sinto minha cabeça pelos ares;
Té dos poucos amigos ſingulares
Aborreço o buſcar a companhia:

A floreſta procuro mais ſombria
Onde ás feras relato os meus pezares:
Meus olhos ſubmergidos são dous mares
Cujas marés trasbordão noute, e dia:

Tão grand' he da triſteza a força irada
Que até ſinto romper-ſe o laço eſtreito,
Que ao corpo tem minha alma ſubjugada...

Olha, Marcia cruel, o que tem feito,
Sem dos Céos reſpeitar a mão pezada,
O teu genio cruel, e contrafeito.

SO-

SONETO VII.

SAhiste, alma gentil, da prizão dura,
Que neste cego mundo te prendia;
Talvez subiste á patria, aonde o dia
Já mais cede ao terror da noute escura.

Disfructa em paz ditosa creatura,
Os prazeres da eterna Jerarquia;
Mil concertos entôa d'alegria,
Pois não temes já mais a parca impura.

Oh! se fosse possivel em meus annos
Remontado subir ao Firmamento,
Deixando em baixo o cháos dos enganos;

Mais ligeiro que leve pensamento
Voára ahi com brios mais que humanos
Da saudade matar o grão tormento.

SO-

SONETO VIII.

HOje o dia do anno ſuſpirado
Pelas Nynfas do Tejo eſclarecido,
Em que entrar no paſſeio permettido
Lhes foi ſempre ao raiar do Sol dourado.

Ali ſe gaba o novo penteado,
O cabello mais louro, o mais comprido,
A moda mais moderna do veſtido,
O ſalto do çapato agigantado.

Tambem ſe admira o collo cryſtalino,
O bello ſeio, a cinta delicada,
O terno olhar, já grave, já benigno;

Mas como, ó Nize, Nize ſublimada,
Não ſe vê lá teu roſto peregrino,
Hade a gente ficar deſconſolada.

SONETO IX.

NÃo ſou Martel, que auſente vive á mezes
Levantados palácios preparando;
Nem Felinto, que os mares traſpaſſando,
Vai groſſos cabedaes buſcar por vezes.

Sou pobre Cavalleiro, que os revezes
Da fortuna voluvel affrontando,
Não riquezas, mas honras procurando,
Sigo os paſſos dos nobres Portuguezes.

Sou filho de Provincia, ſim, diſtante,
Longe da Corte n'um caſal criado,
Sem prendas, incapaz de ſer amante.

Mas olha, Nize, quanto mal fundado
He teu fero rigor! Já mais te encante
Da vil cubiça o monſtro deſgraçado.

SO-

SONETO X.

SE huma Nynfa encontrardes de formosos
Olhos negros, cabellos estendidos,
Que traz de fogo os labios encendidos
Mais alvos dentes que astros luminosos:

De quem no peito os lyrios mais mimosos,
Dispostos por Amor, estão floridos;
Que do rosto nas rosas entretidos
Mil desejos sustenta carinhosos:

De grave aspecto, gesto venerando,
Qual se enculca serena a bella Aurora,
Lá quando surge, as sombras dicipando;

Vedes;... vedes a candida Pastora,
Que com hum só risinho terno, e brando
Deste seu coração se fez senhora.

SO-

SONETO XI.

CHegou por fim o tempo desejado
De huma vida feliz principiar-mos;
He, ó Nize, já tempo de cuidar-mos
Em fazer fortunoso o nosso estado:

Ter em vista devemos figurado
Sempre o alto preceito de educarmos
Nas sanctas leis os fructos, que alcançarmos
Dos laços de Himineo, mais suspirado:

Com prazer, com solicito disvelo
Conservemos a paz, que docemente
De nossos corações expelle o zelo:

Pois se assim persistirmos santamente,
Já do mundo podemos rir ao vê-lo
Furibundo luctar co'a triste gente.

SONETO XII.

POsto, ó Marcia, confirmo na firmeza,
Que dos astros á vista me juraste,
Quando na minha a tua mão cruzaste
Em perpétuo penhor de singeleza;

Tão cruel he de Amor a natureza,
Que des-de quando tu me captivaste,
Temi sempre que algum fatal contraste
De Marcia me usurpasse a gentileza.

Pois se fero correio me annuncia
Que esse infame rival aborrecido.
Teimoso por vencer-te inda porfia!

Ferve no peito hum sangue denegrido....
Negra nuvem me offusca a luz do dia
No chão caio mortàl... perco o sentido.

SO-

SONETO XIII.

DEſperta, Muſa, canta docemente
Lá do Pindo no louro mais viçoſo;
Ouça ao menos teu canto harmonioſo
Da illuſtre Liſya o bello continente:

Faze, ó Muſa, que ſaiba a patria gente,
Que paſſéa ao redor do Tejo undoſo,
Que amanhece hoje o dia mais ditoſo,
Que trouxe ao mundo Aurora refulgente.

Mas ſe vires que cauſa novidade,
Sem da inveja temer infame affronta,
Tranſmittir-ſe eſte dia a toda a idade;

Mais ſonora a divina vóz remonta;
Dize, que hoje das Nynfas a deidade,
Annarilia gentil ſeus annos conta.

SONETO XIV.

AInda que infeliz de ti me ausento,
Não penses, Mirta bella, que me esqueço
Daquelle amor gentil, daquelle excesso,
Que, sendo gloria, foi de alguns tormento.

A pezar do comprido apartamento,
Só com cuja lembrança desfaleço,
Serei firme qual rocha, qual cabeço,
Que invencivel resiste ao rijo vento.

Mas se acaso desprezas triunfante
As astucias de teus perseguidores;
Se resistes fiel, se és constante;

Verá a inveja, a pezar de seus furores,
Cantar na lyra em tom altisonante
Da bella Mirta os olhos matadores.

SONETO XV.

PEnſativo Teonio, e lacrimoſo
Pelas praias do Tejo divagava,
Perſuadido que nunca mais tornava
De Nize a vêr-ſe amante fortunoſo:

Com ſeus ais commovia o leito undoſo,
Da amarga dor os peixes traſpaſſava,
Raſgava o peito.. triſte ſoluçava...
Té que no chão deſmaia laſtimoſo.

Em vão do rio as Nynfas acudírão,
Em vão molhão ſeu roſto, em vão carpindo
C'um divino perfume a face ungírão

Mas apenas de Nize o nome lindo
Docemente aos ouvidos repetírão;
Abre os olhos... ſuſpira... fica rindo.

SONETO XVI.

ALtos montes varrendo congelados
Das grutas rompem Nothos ſibilantes;
Firmes penhaſcos, troncos inconſtantes
São por força no chão precipitados:

As prenhes nuvens raſgão pendurados
Retroçidos curiſcos crepitantes,
Seus velhos diques vencem murmurantes
Caudaloſos ribeiros reforçados.

A's toſcas lapas correm tropeçando
Temeroſos Paſtores, temeroſo
O Camponez a Aldêa vai buſcando:

Só tu, Varão fiel, e virtuoſo,
Aos Ceos as mãos alegre levantando,
Chuvas, ventos, e raios ves goſtoſo.

SO-

SONETO XVII.

CRueis zelos, cruel melancolia,
Inimigos fataes da humana gente,
Os leões perſegui da Lybia ardente
E eſſes tigres cruentos da Hircanîa.

Poſſivel he que neſta gruta fria,
Aonde a vida paſſo pobremente,
Ainda me afflijaes? Que rudemente
Retrato me torneis da morte impia?

Poſſivel he que já nem Ceo, nem terra
Me entretenhão? Que oppoſto encontre tudo
Quanto o redondo vaſto mundo encerra?

Já agora em fim, bem qual penhaſco mudo,
Jazerei nas cavernas deſta ſerra
Ludibrio vil do Fado carrancudo.

SO-

SONETO XVIII.

BEm sei, Nynfas, bem sei, que sem piedade
Chegou por fim o tempo lastimoso
De trocar pelo manto luctuoso
Da gala rica a seria gravidade.

Sei que grande a paterna saudade
O socego vos rouba carinhoso;
Que vossa mãi, perdendo tal Esposo,
Consome à vida em triste soledade:

Finalizai porém o amargo pranto;
Ponde termo á ternura lacrimosa;
Da tristeza rasgai o negro manto:

Já pois entre a alegria mais pasmosa,
Ante o throno do que he tres vezes santo,
Disfruta vosso pai vida mimosa.

SO-

SONETO XIX.

EM quanto trifte vivo feparado
De teus olhos pulcherrima Deidade,
Paffo a vida em fatal rigoridade
Sempre em ancias mortaes, fempre em cuidado.

Tanto he laftimofo o duro eftado,
Em que acerba me pôz a faudade,
Que fó na mais medonha foledade
Me recreia o viver encantoado:

Debalde as Nynfas brincão prefurofas
Sobre a area feliz do louro Tejo;
Debalde as aves cantão fonorofas:

Fazem fó com que quando afflito as vejo
Ave goftára fer das mais fogofas,
Que voaffe, onde quer o meu defejo.

SO-

SONETO XX.

SE n'uma gruta funebre, e ſombria
Por deſaſtre fatal eu fôr achado,
No ſemblante moſtrando retratado,
Torpe o buſto da vil melancolia:

Ou entre agreſte, bruta penedia
Do monte mais fragoſo, e deſpenhado,
Aonde ſó dos Môxos rodeado
Soffrer até não poſſa a luz do dia:

Se com voz ſepulchral, e não vivente,
Qual d'quelle que em braços traz a morte,
Me ouvirdes reſponder languidamente:

Laſtimai de meu fado o impio corte!
Ferve em meu coração tyrannamente
De negros zelos barbara cohorte.

SO-

SONETO XXI.

HE tão grande, e durissimo o tormento
Que me obriga a soffrer a saudade,
Que fallando-te, Isbela, a sã verdade
De alegria não tenho hum só momento.

Tantos globos não mostra o Firmamento
Sobre a terra espalhando claridade,
Quantas vezes me fere sem piedade
A lembrança do longo apartamento.

Senão fosse a firmeza, que juraste,
E o crystal, que na amarga despedida
Dos olhos bellos triste derramaste;

Qual a cerva de feros cães mordida,
Maldizendo por quem de amor mudaste,
N'um bosque exhalaria a infausta vida.

SO-

SONETO XXII.

DEpois que ausente vivo separado
De vós, ó formosissima Pastora,
Nem da tosca choupana sáio fóra,
Nem me lembra, se quer, contar meu gado.

Dos Pastores leaes não sou buscado
Para alegres funções, como atégora,
Nem dos mimos da frauta gozo hum'ora
Dos arbustos á sombra reclinado.

Só quando silenciosa a noute escura
Sobre os montes, e valles vem lançando
Medonhas sombras, negra cobertura;

Qual leôa nas selvas divagando,
Corro os montes... invoco a Parca dura...
Té que adormeço ternos ais soltando.

SONETO XXIII.

JA nas margens do Dam enternecido
Suspirei!... suspirei por Florisbella!
Nesse tempo ditoso junto della
Viver alegre me era permittido.

Volveo-se a roda! agora submergido,
Mais infeliz que a terna Filomella,
Minhas lavras perdêra só por vê-la
Hum instante, se quer, desempedido.

Mas se acaso cruel a minha sorte
Me denega tão breve lenitivo,
Antes que a Parca vibre o duro corte;

Correrei pela terra em pranto vivo,
Contra todas as fixas leis da morte,
Qual sombra errante, Espectro fugitivo.

SO-

SONETO XXIV.

DOs altos Ceos o Sol precipitado
De Neréo cáe no reino proceloſo:
Apenas foge a noute, mais formoſo
Parece no Horiſonte illuminado.

Sáe do frigido Pólo congelado
O triſte Capricornio tormentoſo;
Mas reſurge o Carneiro luminoſo,
Veſte logo de azul o Ceo toldado.

Neſſes boſques as plantas reverdecem,
Tomão gala os jardins, rebentão flores
Pelos prados, os ventos adormecem:

Só eu des-de que em fim ſoffro os rigores
Das algemas que Amor, e Venus tecem,
Não tive inda do tempo alguns favores.

SO-

SONETO XXV.

TEnho visto, Josino, que aspereza
Os teus versos respirão desgostosos;
Não tem graça, que preste, são rançosos;
Não tem vigor algum, não tem belleza.

Possues sim alguma natureza;
Sentes na testa os fumos ardilosos;
Mas nega a Musa os sons harmoniosos,
Falta-te d'arte a bella singeleza.

Desiste pois, não penses em obteres
De Cysne os lauros: meros desvarios
Chamar-se póde tudo o que emprehenderes.

Não maltrates da lyra os aureos fios,
E se hum sabio conselho seguir queres,
Toca bandúrra, vai coçar bugios.

SONETO XXVI.

VAi, ó terna Consorte, vai contente
Desse Tejo gozar os mimos bellos;
Leva a prole feliz, fructos singelos
Das delicias do amor mais innocente.

Em paz vive lá nesse continente;
Fixa os olhos no Ceo; foge dos zelos;
Ama a sancta lição desses modelos,
Que aos Ceos chamado tem immensa gente.

Não te esqueças das tenras creaturas,
Cujo sangue circúla em nossas veas...
A' virtude lhe inclina as almas puras.

Oh! se assim o fizeres, que cadeas
De immensos bens veremos!.. que venturas...
Serão inda mais bastas, que as areas.

SO-

SONETO XXVII.

TEns, ó bella Consorte, visto agora
Já do Tejo as ribeiras aprasiveis,
As bellezas da Corte inconprehensiveis,
Que da fama pregôa a voz sonora.

Vive pois satisfeita; expele fóra
Da tristeza os attaques, mais que horriveis;
Breve tempo virá que os Ceos sensiveis
De nos vermos permittão doce hora.

Lá tens esses dous garfos, que de escudos
Servir podem aos golpes da saudade;
Nelles facia os teus desejos mudos:

Que eu cá destes certões na brutidade
Farei por aturar tres cabeçudos,
Quatro brutos, em quem não ha verdade.

SO-

SONETO XVIII.

POR OCCASIAO DA MORTE DO EXCELENTISSIMO CONDE D'OYENHAUSEN.

Como, ó campa fatal, estás usana
De encerrar esses restos preciosos!
Ah'! mal pensas que dias gloriosos
A morte se attrevéo cortar tyranna.

Respeitava dos Ceos a mão sob'rana
Cingio de Marte os louros vantajosos,
Foi amigo fiel, teve invejosos,
Foi prudente, fez honra á especie humana,

Foi leal ao seu Rei, foi virtuoso,
Servio de lustre ao thronco sublimado,
De quem herdou hum sangue generoso:

Sabes pois já que Heroe tens enserrado?
He da sabia Leonor o terno Esposo,
He d'Oyenhausen em fim o Conde honrado.

FIM.

INDICE
DO QUE CONTEM
ESTE LIVRO.

R ODE

INDICE.

ODE II.

ODE III.

ODE IV.

ODE V.

ODE VI.

ODE

INDICE

ERRATAS

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
13	23	agoas	egoas
109	8	Fatiga assim	Fatiga sim
153	9	cercos paços	cereos paços

Foi taixado este Livro em papel a trezentos e sessenta reis. Meza 5 de Maio de 1794.

Com tres Rubricas.

PROTESTAÇÃO.

O Author protesta diante dos Ceos, e da terra, que em tudo se conforma ás determinações da Santa Madre Igreja Catholica Romana; e que supposto pelo decurso da obra use de alguns termos, adoptados pela superstição do Paganismo, como v. g. Fado, Nume, Deidade &c. não he porque creia na realidade de patranhas tão ridiculas aos olhos de hum Catholico.